AZUL E NEGRO

AFFONSO BOTELHO

AZUL E NEGRO

(CONTOS)

LISBOA
LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA — EDITOR
50, 52, Rua Augusta, 52, 54
1897

O empresario

A Lourenço Cayolla.

PELA velha estrada, que seguia atravéz da serra escalvada, caminhava o pequeno grupo. Sobre o mesmo burro, tropêgo, que a custo se movia, iam dois mendigos, um muito novo, aleijado das pernas, as duas mulêtas atravessadas na frente; o outro, rapaz d'uns vinte annos, tinha uma das mãos voltada para traz, colladas as costas ao braço, e no rôsto, picado das bexigas, d'uma expressão severa e triste, eram horriveis de vêr-se as duas orbitas vasias d'olhos, medonhas, o vestigio de duas chagas escancaradas, d'uns tons avermelhados, de carne em sangue.

Atraz, montado n'um macho pequeno, ia um homem dos seus cincoenta e tantos annos, com botas altas de coiro branco, bonnet de pelles enterrado na cabeça, por baixo do qual sahiam umas melenas ruivas, compridas.

Ao longe, n'uma encosta, perto d'um valle apertado, rastejava uma pequena matta de pinheiros muito novos, e, mais distante, avistava-se n'uma chapada, cheia

de vinhedos e vegetação vária, uma povoação, que, por entre arvoredo verdejante, espalhava as suas casitas brancas.

A poucos passos do povoado, assentando no alto d'um pequeno outeiro, alvejava uma ermida no fundo verde escuro da ramaria copáda d'uns carvalhos, que havia ao pé.

O sol escondia-se lentamente n'um esplendor de luz amarellenta com laivos de fogo. E a paizagem tomava uns cambiantes suaves, d'uma tristeza vaga.

Era d'uma melancholia grande aquelle pôr de sol, na aridez da serra tapetada de urze, onde, de longe em longe, se mostravam raras moitas de estêva.

— Toca-me lá esse animal, diabo; olha que não damos comnosco na villa hoje, disse o homem do bonnet de pelles para o aleijadito das mulêtas.

O outro bateu no burrito; elle, submisso, indifferente quasi, recebeu a bordoada, mas continuou difficilmente, a custo, coxeando sempre, o pobre animal, que tambem era aleijado.

Caminharam silenciosamente longo tempo. O cego entrou a cantarolar uma canção, n'uma toada dolente, preguiçosa.

— Safa, tem estado de rachar o calôr hoje, disse o do bonnet de pelles.

— E é verdade, *sôr* Simão, confirmava o aleijadito das pernas.

O cego continuava na sua cantilena dolente.

Como carbunculo descommunal, o sol sumia-se emfim de todo no esplendido fundo amarellento.

Começavam a descer para a chapada verdejante; o caminho era ingreme agora, em lacêtes apertados, cortando entre penedia; depois, mais em baixo, entravam n'uma extensa matta, de pinheiros muito altos, de copas redondas, d'um verde escuro. A viração da tarde, que passava refrescando tudo das ardencias do dia, balançava de manso a alta cópa dos pinheiros,

e, em toda a matta, ia um rumorejar vago, de mar distante.

— Se não apertas com o diabo do *burricalho*, não passamos a ribeira com dia.

— Mas se elle não póde dar passo, *sôr* Simão, respondia o das mulêtas, nem eu sei como deu comsigo e comnosco aqui. Hoje então está de todo da perna; tem dias. Coitado, é como eu, tambem tenho occasiões que parece que se me partem os ossos com dôres.

— Deixa-te de conversa, chega-lhe, chega lhé, que é tarde.

O outro, záz... tráz,... mas, qual?... o burrito não se alterava, era d'uma resignação, d'um indifferentismo absoluto.

Então o Simão acercou-se d'uma giesta e cortou uma varita. Elle fustigava desapiedadamente o animal, que se torcia, torcia, a anca de lado, sem alterar o andamento.

— Se lhe dá outra, gritava o cego, atira com esta caranguejóla ao meio do chão.

— Má raios te partam, estafermo!... Ora o condemnado, que não passa d'este passinho d'anjo!... E é que vem cahindo a noite, e d'aqui á ribeira inda é um estirão!...

— Não lhe dê cuidado, que ha de levar pouca agua, se fôsse d'inverno era mais serio, disse o cego com o seu accento beirão.

Entrava de cahir a noite, uma noite tépida. Mil insectos erguiam no silencio uma alacridade grande. Na vastidão do azul, escurecido agora, o grande cortêjo dos astros vinha surgindo, sem conto, povoando as alturas infinitas.

*

* *

No dia seguinte, logo de manhã, os dois percorriam as ruas da villa, no peditorio.

Na frente ia o mais môço, o aleijado das pernas, uma d'ellas, muito tórta, tocando ainda o chão, a outra encolhida, bamboleando-se como coisa morta; e elle, apoiado ás mulêtas, aos solavancos, bamboleava tambem todo o seu corpo rachitico, n'uns movimentos cadenciados. O cego, com a mão, que não era aleijada, agarrada ao hombro do outro, seguia atraz.

Corrêram assim a villa toda, batendo de porta em porta.

— Oh! *Jéca*, disse o cégo, seria bom irmos indo *pr'á* romaria, a tomar logar.

— A modos que tens razão, *Chico*, isto não dá nada, inda é cedo; vamos até lá, e ahi debaixo de qualquer arvore petisca-se alguma coisa, que eu já tenho uma *larica*, que nem vejo.

— Pois... vá fóra.

Os dois cortaram á esquerda, enfiaram por uma ruasita estreita, e, a poucos passos, estavam nos campos.

— Vae estar hoje tambem um diasinho quente, um sol dos taes de fazer cahir os passarinhos!... dizia o *Jéca*.

— E' tempo, mas antes calor do *qu'a* frio; para o *próbe* não ha *com'ó* calor. Com frio *rapa* a gente maus bocados!...

— E é verdade, o calor, para quem lhe não péza a fatióta, aguenta-se melhor.

Tinham chegado perto d'uma grande arvore, isolada, pouco longe da estrada.

— Oh! Chico, temos ali *poiso*.

— Pois... então gira.

— Toma tento nas pedras, vem bem atraz de mim, que o terreno não é bom.

— Não tem duvida.

Foram na direcção da grande arvore.

Ahi, procurando a sombra, sentaram-se no chão, e tiraram do bornal pedaços de pão e de queijo, que entraram a comer sofregamente.

No alto lá estava a ermida, alvejando entre o arvorêdo, e na sua frente, no terreiro, os arcos de buxo, com as suas bandeiras multicôres, trapejando ao vento; em roda as barracas das tascas improvisadas, com a grande pipa sobre o proprio carro; mais longe carros de melancias e melões, os fartos refrescos dos pobres.

Em torno da ermida havia já vida e movimento e a sineta tangia alegremente, espalhando o som agudo, festival, por esses campos fóra.

—Oh! *Jéca*, a estas horas o Simão não ha-de estar a almoçar pão duro e queijo que nem o démo quereria.

—Isso sim!... Olha lá elle!...

—Tenho uma raiva áquelle *hóme* que nem tu sabes. Se eu tivesse vista, e não me tivessem aleijado de pequenino...

—Então tu não nascêste assim?...

—Qual!.... A cegueira foi mais tarde, das bexigas, mas o aleijão esse foi logo em pequeno.

Eu fiquei sem mãe ao nascer, e vae meu pae, que tinha maus figados, recebeu do Simão grossa maquia para me aleijar e levar depois por esse mundo, a pedir para elle, como tu, e o *Pança*, que Deus tem.

—Sempre ha sortes bem mofinas!... Mas... como é que te *prantaram* a mão d'esse feitio?...

—Ora, com um ferro em braza queimaram-me as costas da mão e o braço, depois... zás... um puchão... prompto; deslocaram por esta forma a mão ainda tenra, apertaram isto muito bem, *inté* que soldou de todo.

—Safa, que dôres!...

—Pois!... faz tu ideia!... Oh! mas o peor é esta escuridão em que vivo!... Se tivesse vista, mesmo aleijado e tudo, aquelle desalmado via um dia uma bruxa commigo, olá se via!...

—Que lhe havemos de fazer, *Chico*?... E' ir levando esta vida, se não fosse elle, era um outro.

Mas para onde diabo abalaria o Simão, logo de madrugada, no macho?...

—Isso é que eu não sei, mas alli anda marósca, ólá como anda.

—Sim, d'aquelle condemnado não sae coisa boa!

Ia passando já muito povo a caminho da ermida.

— *Chico*, vamos, que é tarde.

— Está dito, *Jéca*, tóca *pr'ó* fadario.

Seguiram estrada fóra.

Quando chegaram perto da capellita, viam-se já, aos lados da vereda, que levava ao alto, enfileirados os mendigos andrajosos, disfórmes, exhibindo horrores.

O *Jéca* e o *Chico* tomavam posições.

Na sua cantiléna plangente, com exclamações de effeito, elles enumeravam a sua miseria, tentando commover o coração dos que passavam.

*

* *

Logo de manhã cêdo partira o Simão. Tomára para o lado opposto á serra, por uma azinhaga entre vinhedos, defendidos por pequenos muros de pedra solta.

Elle seguia sempre, ao chouto do pequeno macho. Dos campos vinha um aroma suavissimo, espalhado na frescura e pureza da madrugada.

Teria andado uma legua, parou á porta d'uma venda, isolada á beira do caminho.

Apeou-se. Encostado á umbreira da porta, um homem, em mangas de camisa, fumava pacificamente.

—Bons dias, tio Pedro.

— Olá *seu* Simão, vossê por *qui*?...

— E' verdade. Então não se poderá arranjar coisa que se coma?...

— Hum!... sempre ha de haver.

— Pois... leve me o machito para o alpendre, deite-lhe boa mão cheia de feno, e mande lá preparar isso.

— O ! Gregoria, gritou para dentro o Pedro, vê se arranjas alguma coisa aqui *ó sôr* Simão.

— Só se fôr uma *frita* de chouriço com ovos.

— Venha, respondeu o Simão.

— Vae já, é um instantinho.

O Pedro voltára de pensar o machito.

Pouco depois, a snr.ª Gregoria punha na frente do Simão, sobre uma pequena meza de pinho, a um canto da taverna, um grande prato com a loura fritada de chouriço e ovos.

— E a pinga, que tal?...

— De primeira, verá, affirmava o Pedro; oh! Gregoria, traze-lhe do que chegou hontem, que o outro já tem um piquesinho.

O Pedro sentára-se do outro lado da mesa, n'um banco de madeira, fumando sempre o cigarrito. O Simão comia com appetite, e saboreava deliciosamente a boa pinga, dando no fim de cada libação, com a lingua, o estalo do costume, a expandir se n'um ah!... prolongado.

— Este dá vida aos mortos, tio Pedro.

— Não lh'o dizia eu, isso é do bom.

— Não haverá por lá umas azeitoninhas?

— Gregoria!... azeitonas, ordenava laconicamente o Pedro.

— Diga me, tio Pedro, quanto vae d'aqui *ó* Casal Novo?

— Tem por lá *negocilho*?...

— Hum!... talvez...

— São duas leguas, bem puxadas, e ha de metter por Santo Xisto; mas se vossê lá vae por causa do pequeno, desconfio que perde o seu tempo.

— Tem-se visto muita coisa.

— O pae é sovina, se entrar no negocio ha de querer bom *bago*, mas a mãe, cuidado com ella, que é levadinha da bréca.

— Veremos, veremos, eu lhe contarei.

Se houvesse um bocadito de queijo...

— Gregoria!... queijo, dizia para dentro o Pedro.

O Simão continuava no seu grande ah!... expansivo, depois das libações repetidas.

Pouco depois, pagava e partia.

— Tome tento com á mulhersinha, que não é para graças, aconselhava ainda da porta o taverneiro.

*

* *

Seriam umas dez horas da manhã quando o Simão avistou o Casal Novo. Lá estava, em baixo, junto do seu pomar frondoso, de larangeiras, a casita terrea, com o seu cerrado em roda, e o camposito, de milho verdejante, alastrando-se pela varzea fóra.

O Simão descia agora a encosta; quando chegou á cancella do cerrado, apeou-se, empurrou-a e entrou. A' porta da casita um homem apparelhava uma burra, presa a uma argolla.

— Ora salve-o Deus.

— Viva, senhor.

— Vossemecê é que é o caseiro?

— Para o servir...

— Pois... eu tinha que lhe falar muito a sós...

— Póde falar á vontade, cá não está ninguem, a mulher foi á fonte, e o pequeno... com esse não se conta, está para ahi...

— Pois... dizia o outro coçando a cabeça, por causa do pequeno é que eu vinha.

— Por causa do pequeno?

— Sim. Vossemecê não leve a mal, mas... negocios são negocios...

—Que diabo de negocios póde vossemecê ter com o rapaz?... E' bôa!...

—Não é com elle, com vossemecê é que eu posso fazer negocio.

—Homem, explique-se.

—Eu lhe digo, o *sôr* perdoará, mas a mim disseram-me que o pequeno era... sim... a modos que não tem o juizo todo...

—Todo?... isso é favor. Qual juizo, nem qual cabaças!...

—Pois... foi, foi isso mesmo que me disseram. Ora a vossemecê de que lhe serve o rapaz em tal estado?...

—A mim?... De coisa nenhuma, uma carga de trabalhos, já se vê.

—E' isso, uma carga de trabalhos; a si de nada lhe serve, e a mim... talvez servisse.

—Hom'éssa!... Vossê já o viu bem? ora assome-se ahi a essa janella, que elle lá está.

A um canto da salêta, sentado no pavimento as pernas cruzadas, uma creança d'uns doze annos fazia girar constantemente no mesmo sentido, prezo d'um fio, que sustentava n'uma das mãos, um pedacito de madeira. Tinha a cabeça extraordinariamente desenvolvida, o corpito enfezado, a face da pallidez dos mortos, o olhar vago e triste, fito na extremidade da linha, que agitava continuamente.

—Que bella coisa!... pensou comsigo o Simão. Coitadinho, que desgraça!... dizia para o outro.

—Pois... tenho minha curiosidade em saber para que diacho lhe serviria o rapaz.

—Eu lhe digo, querendo vossemecê, levava commigo o rapaz (por um certo tempo, que combinassemos, já se vê), e... ahi por essas feiras... sempre se arranjavam uns cobres, a pedir.

—Levar-me o pequeno!... gritou elle indignado.

—Ai! socegue, que ha de ser bem tratado; e de-

pois, eu levo-o lá *pr'a* longe, onde ninguem o conheça; passado o tempo do ajuste, torno o trazer-lh'o, se quizer, renovamos o contracto, e se não... adeus, fica vossê com o pequeno. E depois mais baixo:

—Olhe que eu... até umas vinte libritas ainda entrava em ajuste, já se vê, segundo o tempo que eu ficar com elle...

O camponez empallideceu á voz das vinte libras. Por essa quantia comprava elle a beira de terra do Zé da Nora. Tanta vez sonhára com a fortuna de adquirir aquelle campo, lá ao fundo, á beira do ribeiro, mesmo ao lado do seu!...

Que bella fazenda ficaria depois!... boa terra, e tudo de regadio!... Era uma tentação. Demais, para que lhe servia o pequeno? Para ali todo o santo dia, toda a vida! como um inutil, uma coisa morta, uma carga de trabalhos, como elle dizia.

Era uma tentação, olá!... O peor seria a mulher; havia de recalcitrar, difficil de convencer; disforme, como era, tinha-lhe muito amor. Adeus. Se elle despachasse o negocio antes d'ella vir?... depois, fôsse lá desmanchar o que já não tinha remedio.

E, na sua avareza de aldeão, sorria-lhe o negocio.

Por fatalidade, n'esse momento entrava á cancella a mulher, o cantaro da agua, muito direito, á cabeça. O marido franziu a testa, agoirava mal do caso, comtudo, era tentar sempre.

Quando já estava proxima, principiou elle:

—Sabes, Maria, este senhor estava aqui a propôr-me um negociosito...

—Ai!... sim?... eu já lhe falo, meu senhor.

E entrava a depôr o cantaro na cosinha.

Pouco depois, voltava, e, com um sorriso bonacheirão na face, indagava do outro:

—Então que se lhe offerece?... Mas... á porta!... não quer entrar?...

— Nada, não, aqui mesmo; o seu homem que lhe diga a que venho...

O marido então entrava a explicar-lhe o caso; mas o rôsto d'ella torvava-se da indignação crescente, até que, sem poder conter-se, explodiu em ira:

— Córja de malandros que ha por esse mundo!... E tu ainda tens coragem para me falar em semelhante pouca vergonha!... O filho das minhas entranhas!... o rico filhinho da minh'alma!...

E voltando-se para o Simão:

— Vossê... fuja-me da vista!.. e quanto antes, que eu já não respondo por mim, ouviu?... Era muito capaz de o esganar antes de me arrancar dos braços o desgraçadinho!... Gire, ponha-se-me a andar, e já, se não quer que eu vá dizer ás justiças, que casta d'homem vossê é, entende?

O Simão, vendo o negocio perdido, tratava de montar logo, e partir. O marido ainda a medo arriscava umas palavras banaes; mas n'ella havia imprecações violentas, soberba de odio contra os dois miseraveis, que tão bem se comprehendiam.

O Simão no choutosinho miudo do machito passáva já a cancella do cerrado, debaixo d'uma chuva de maldições que a Maria, de mãos nas ancas, lhe mandava ainda da porta.

E ella, como a leôa ferida, sublime na sua indignação, passeava de lado a lado, na saleta agora, até que foi expandir em lagrimas a sua dôr intima, cobrindo sofregamente de beijos ardentes a face morta do idiota!... E elle, o filho, no mesmo canto, no indifferentismo absoluto, continuava impassivel a fazer girar em roda, sempre para o mesmo lado, o pedacito de pau, que pendia da extremidade do fio.

Como a outra

A Accacio de Paiva

A luz baça do dia chuvoso d'inverno, que vinha do postigo, ia cahir sobre o pequeno catre, onde o corpito da doente avultava pouco, debaixo da manta de retalhos, que o cobria.

Teria quatro annos; a cabecita, afogueada pela febre, descançava, d'olhos cerrados, sobre o travesseiro, e os cabellos muito loiros, da côr das seáras amadurecidas pelos raios do sol quente e bom, destacavam em anneis, suavemente, sobre os andrajos da coberta.

Ao lado, sentada n'uma velha cadeira de bucho, a irmã mais velha olhava ora para a outra, que parecia dormir, ora para a porta da rua.

Reinava silencio profundo, cortado só pelo respirar cavo da doente, e o estalar rijo da chuva na calçada.

O pavimento era de tijolo, já muito gasto; as paredes, caiadas de branco, mostravam de longe em longe manchas rugosas, boccados da argamassa. Junto da cadeira, onde estava sentada a mais velha, — a Mariqui-

tas, — havia uma carunchosa meza de pinho; por cima, na prateleira, pintada de encarnado, meia duzia de pratos, de louça ordinaria, mostravam se muito limpos e muito alinhados. A um canto, junto da pequena lareira, sem lume, nua e fria, pendia, espetada na parede, uma candeia sem luz.

*

* *

Cessára a chuva. A doentinha suspirou; a mais velha voltou a cabeça e olhou-a anciosa; a pequena murmurava palavras sem nexo, depois cahia de novo na modôrra da febre.

A Mariquitas, com muito cuidado, metteu debaixo da manta de trapos o bracito que a irmã deitára para fóra, muito branco, da maciez dos lirios, e voltou a sentar-se na cadeira, olhando anciosa novamente para a porta.

Sentiram-se passos na rua; pararam, bateram, era elle; a Mariquitas correu a abrir.

O doutor entrou, olhou em roda e perguntou-lhe:

— Onde está teu pae, ou tua mãe?...

— A mãe... morreu, o pae está muito longe, na empreitada, volta para o mez que entra.

— Então não tens ninguem? és tu só? d'essa edade!...

— Eu... já tenho oito annos, e... para tratar da minha irmã não é necessario mais ninguem.

O medico sorria, fixando o olhar intelligente da creança.

— E a doente?

— Está alli, e apontava o vulto pequenino, encolhido.

Elle approximou se, curvou-se sobre ella, tomou-lhe o pulso e indagou da outra:

— Ouve cá, a tua irmãsita não se queixou de dôres?

— Sim, muito, na garganta.

— E ha quanto tempo está doente?

— Ha tres dias, mas... hoje tem tido muito calor e dorme assim desde pela manhã; de quando em quando pede agua, e fala muito, a sonhar...

— Com que então tu vives aqui e mais a tua irmã, as duas sosinhas; mas... por cá não vem ninguem?

— A senhora Rosa, todos os dias nos traz do seu caldo.

— E onde vive a Rosa?

— Alli defronte.

— Vae chamal-a, anda.

A pequenita foi logo.

D'ahi a pouco entrava uma mocetona robusta, de bôa cara rosada e franca, a Mariquitas pela mão.

— Muito bons dias, senhor doutor, então a doentinha?

— Está mal, e aqui não se póde curar, é necessario leval-a para o hospital.

Assim que tal ouviu a Mariquitas desatou n'um berreiro infernal: que não... que não!... não queria que lhe levassem a irmã. Ella alli estava para a tratar, o medico não sabia do que ella era capaz... que experimentasse... veria... era deveras uma mulhersinha. E agarrava-se supplicante ás pernas do doutor, toda em lagrimas, pedindo que lhe não levasse a irmã.

— Socega, ninguem lhe ha-de fazer mal. Ainda a has-de ver bôa e alegre e brincarão depois muito as duas.

*

* *

O medico, ao sahir, levára comsigo a visinha. Cá fóra disse-lhe que aquillo não podia continuar; a pequenita gravemente doente, as duas pobres creanças sós, sem recursos, sem amparo... Ia ao hospital dar ordem para que a viessem buscar, e a Rosa levaria a mais velha para casa, elle pagava a despeza.

Esteve por tudo a visinha, e o medico partiu emfim.

Era tarde quando chegou a maca. A Mariquitas teve assomos de raiva contra os que lhe vinham roubar a sua irmã. Por coisa nenhuma a queria deixar sahir, cobrindo-a de beijos e lagrimas, deitada sobre ella, estreitando-a nervosa nos braços pequeninos, como coisa sua.

A Rosa, com muita meiguice, lá conseguiu fazer-lhe perceber que era indispensavel deixal-a partir, o senhor doutor disséra que só no hospital a poderia curar...

A Mariquitas, soluçante, resignára-se, calada, e as lagrimas deslisavam mansamente pela sua pequenina face de rosa, n'uma angustia atroz.

Os homens tomaram então o corpinho da doente e metteram-no na maca, correram as cortinas, levantaram-na do chão e partiram.

A Mariquitas correu á porta com a Rosa.

A maca, n'uma cadencia certa, ia seguindo rua acima...

Cessára de todo a chuva. O sol doentio do inverno, espalhava uniformemente um tom amarello nos campos alagados, e no ceu, d'um azul muito diaphano, fugiam agora apressadas as nuvens alvas e puras, ennovelando-se, espraiando-se depois. Um ventinho fino

fazia baloiçar docemente a ramaria núa e humida d'uma grande arvore, cujos ramos fustigavam de leve a casita, que ficava agora para alli abandonada.

A pequena, agarrada á visinha, como ao unico apoio, olhava atravéz do nevoeiro das lagrimas a maca, que se afastava; e quando se perdeu de todo, ao dobrar da esquina, ella voltou-se para a Rosa n'uma dôr muito intima, do fundo d'alma:

— Ah! que nunca mais a vejo!... como á outra!...

— Como á outra quem?... tôla...

— Um dia tambem assim me levaram a mãe e ella nunca mais voltou!...

E foi assim.

Como a outra, a pequenita nunca mais voltou.

O voto eleitoral

A José Joaquim Ferreira

Havia ainda no poente um vivo listrão todo em fôgo, cortando horisontalmente o bello tom d'um doirado desmaiado, d'uma transparencia purissima, esbatida de luz pallida que pouco a pouco morria docemente.

Era a hora triste do crepusculo.

A' porta do escriptorio, ao rez-do-chão do palacete, Antonio de Sousa despedia-se dos varios influentes eleitoraes, dava as ultimas ordens, fazia ainda recommendações especiaes:

— João da Cruz, tenha-me de olho o abbade d'Aguieira, não se passe elle, hein? Aquelle diabo não é de fiar, tome cuidado.

— Deixe-o commigo, dizia o outro convicto, tenho-a aqui. E levantava o braço, mostrando o punho cerrado. Fique descançado.

— Nunca fiando. Chegue lá sempre, lembre-se que o homem leva comsigo quasi toda a freguezia. Atire-se até á aldeia, segure-o, segure-o deveras, a batalha está a dar-se, vossê sabe... depois d'amanhã. Ah!...

Oh! Barradas, (dizia rapidamente voltando-se para dentro para o secretario, sentado em frente d'um grande bufete, coberto de papelada), tem ahi o cadastro da Matriz, não? Ora... temos que vêr isso, parece-me que me escapou um diabo qualquer.

E voltado outra vez para os mais, que ficavam no atrio, á porta:

— Pois... adeusinho, bôa noite; ámanhã por estas horas appareçam sempre; a coisa não está para brincadeiras. Bôa noite.

— Bôa noite, respondêram os outros em côro.

— Não se esqueça, João da Cruz, salte-me na Aguieira, hein?...

— Deixe-o commigo, tornava o outro já da porta, um raio me parta, se aquelle me fóge!...

E o grupo dos eleitores seguia pelo largo fóra, em frente do palacête. No poente, o vivo listrão incendiado cambiára n'umas côres pesadas, de chumbo, acinzentado, e a esplendidez de luz pallida e doirada amortecêra lentamente; não era já mais que tenue filête, mal definido. Na profundidade do espaço, o azul escuro entrava de picar-se das estrellas d'um brilho cru, com scintillações intermittentes.

Cahia a noite, envolta no seu mysterioso veo de sombras.

*

* *

Dentro, no escriptorio, coavam-se ainda vagamente pela janella uns restos de frouxa e pallida claridade.

— Oh! Barradas mande vir luz, disse Antonio de Sousa.

O outro pôz o dêdo n'um botão de campainha, e caminhou para junto da janella fumando um cigarro. Antonio de Sousa passeava de lado a lado, emquanto o Barradas, aborrecido, fitava o poente.

A lucta eleitoral corria renhida; tudo se agrupára,

se unira para dar batalha em forma a Antonio de Sousa, o velho influente, sempre temido. Eram os Oliveiras todos, e na terra havia mais que as bemditas almas (dizia o Simplicio Severo; pharmaceutico do sitio, com uma lingua de effeitos revulsivos, mais energicos do que a mostarda que impingia aos freguezes) que, se aquella tropa toda pegasse de estaca, daria de certo um olival de cincoenta moeduras á farta.

Mas, vamos ao caso. Eram todos os Oliveiras, o Manuel da Quinta, o Vianninha d'Amoreira, etc., etc., tudo quanto havia de importante nas hostes da opposição, com o ex-administrador á frente, um politico façanhudo. De mais, constava que o candidato opposicionista, que chegára da Vidigueira, dispunha de fortuna e vinha resolvido a tudo.

O combate era serio. Antonio de Sousa bem o sabia... mas que se havia de fazer o que fôsse possivel, que alguma volta se lhe daria, respondia elle invariavelmente, cofiando o bigode grisalho, aos que lhe falavam do caso, no receio de derrota provavel. E, quanto mais a lucta se tornava difficil, mais Antonio de Sousa tinha a sua vaidadesita á prova, querendo mostrar aos do seu partido que ella era superior em astucia a todos esses *canicalhos*, como desdenhosamente os classificava.

Um creado trouxera luz.

Vamos lá a isso, disse Antonio de Sousa ao Barradas.

O secretario sentou-se ao grande bufête de pau preto, buscou entre uns poucos de cadernos um d'elles :

— Cá está o da Matriz.

— Ora diga lá

E o outro principiou a leitura longa de varios nomes. A cada um d'elles Antonio de Sousa accrescentava «nosso, ou siga», segundo elle concluia que votava com elle, ou com os outros.

— João da Bouça, continuava compassadamente o Barradas, Francisco Baixa, Manuel da Belhó...

— O *Bóga,* ahi temos o homem, disse elle dando-lhe a alcunha porque o outro era conhecido.

— Este é d'elles, disse o Barradas puxando uma fumaça de cigarro.

— Bem sei, deixe, sempre é bom tentar. Carregue ahi no botão da campainha.

— Hum!... elle é casmurro e estupido como um animal, não se faz nada, verá V. Ex.ª

— Deixe lá, vamos a ver.

Pouco depois entrava um creado.

— O Luiz que vá á hospedaria do *Bóga* e que lhe diga que me venha falar já.

Os dois ficavam sós no escriptorio. Este gabinete era de preciosa e artistica mobilia, um grande jarrão da India, bojudo, sarapintado de azul vermelho e amarello, assentava sobre um elegante contador, todo d'um rendilhado fino, com embutidos negros sobre fundo amarellento, assentando em pés de sereia.

A um canto via-se isolada uma columna de pau santo, torcida em espiral, entrelaçada de parras e pequenos cupidos de faces bochechudas e olhares travêssos.

Nas paredes, forradas d'um papel imitação do velho coiro de Cordova, havia tropheus de armas antigas, e as cadeiras, de alto espaldar, abbaciaes, alinhavam-se gravemente em roda. Pesados reposteiros pendiam das portas e janellas, e, por detraz do Barradas, sempre sentado junto do largo bufête atafulhado de papelada, mostrava-se outro contador, de madeira côr de roza e filetes negros, com pregaria de prata; no cimo, a *silhueta* alvacenta d'uma Amphitrite, de pé, sobre a concha recurva, destacava a sua nudez de marmore no fundo escuro da parede. O grande candieiro, onde se via um Hercules, ajoujado com um mundo de metal doirado, espargia ao centro do largo bufete a sua

luz viva, que o *abat-jour* cortava a meio de sombras, deixando o tecto, muito alto, n'uma penumbra confusa.

Ao meio do gabinete continuava passeando Antonio de Sousa.

— Já me vae tardando aquelle diabo, resmungou elle.

— E' capaz de não vir, disse o Barradas.

— Qual!... retrucou Antonio de Souza, encolhendo os hombros.

Sentiram-se passos no atrio.

— Falae no mau e...

*

* *

Assomava agora á porta a face larga e vermelhaça do *Bóga*.

— *Vossellencia* dá licença?...

— Entra, Manuel, entra.

O *Bóga* era um homem de ventre bojudo, hombros largos, onde assentava n'um pescoço de toiro uma cabeça grande, de face sanguinea, na qual brilhavam uns olhinhos pequenos, sem expressão.

— Sabes?... continuou Antonio de Sousa, mandei-te chamar para te dizer que as eleições estão á porta, quero saber se posso contar comtigo, ou não...

— Eu... sr. Antoninho... já se vê... um *home* tem só uma palavra... sim, que é como quem diz...

— Como quem diz... que vaes comnosco, ó claro, já contava com isso. Pois...

— Haja de perdoar *vossellencia*, mas... não senhor; eu queria dizer na minha que... sim, cá um *home* tem só uma palavra, os *oitros* senhores falaram-me primeiro .. e vae eu... como *vossellencia* nada me disse... sim... estou compromettido... já se vê. Se *vosselencia* me tivesse dito alguma coisa, sim... eu... já se vê... ia com *vosselencia*... mas agora...

— Bem, bem, interrompeu Antonio de Sousa, estás compromettido, estás comprommettido. Dizes muito bem, um homem tem só uma palavra; se os outros te falaram primeiro, e tu lhe déste o voto, está dado, não falemos mais n'isso.

— Mas eu... não queria... já se vê... que *vossellencia* levasse a mal... sim...

— Qual mal nem meio mal, amigos como d'antes. Adeus, passa bem e haja saude; tenho por cá muito que fazer, adeus.

— Mas... *vossellencia* não fica mal commigo, não?...

— Ora essa... adeus Manuel, haja saude.

— Pois então desculpará, e passe *vossellencia* por cá muito bem. Sempre ás ordens, sr. Antoninho, sempre ás ordens.

Quando as costas espaduadas do *Bóga* desappareciam já atravez da porta do escriptorio, Antonio de Sousa, disse como que por mera curiosidade, cofiando sempre o bigode no seu gesto habitual.

— Oh! Manuel, ouve lá, quanto pagas tu de decima por essa *quitanga* da hospedaria?

— Uns *sessenta mel reis*, meu senhor.

— O quê?... sessenta mil reis!... Ih! Jesus!... ih! Jesus!... repetia espantado Antonio de Sousa.

— Pois é muito, é, sim senhor, confirmava da porta o *Bóga*.

— Muito?... mas isso é um roubo, um desafôro!... Nunca se viu tal!...

— E que fazer-lhe?... sr. Antoninho?... sim, já se vê, é ir gemendo; mas... olhe que é bem duro, lá isso é!... sessenta *mel* reis!...

— Ora... ora!... ruminava comsigo Antonio de Sousa, passeando de lado a lado, com um sorriso compassivo na face.

— Ai!... meu senhor, estão muito altas as decimas, pois estão, sim. De mais, desde que o outro veiu da cidade pôr a hospedaria mesmo na minha frente,

sim... já se vê, não faz ideía! fóge tudo para a no-va... e a minha... ás moscas. Eu não sei o que ha de ser da gente... não sei; as decimas... de levar coiro e cabello, tudo pela rua da amargura, ai!... eu não sei, eu não sei.

— E, tornava sarcasticamente Antonio de Souza agora, carregando o sobr'olho e, fixando o Bóga, tu a ires votar com elles!... Vae, vae, fazes bem, fazes bem. E encolhia os hombros, sessenta mil reis por uma *quitanga* d'essas!... Valha-te Deus!... Vae lá votar com elles, andas bem, andas, adeus.

Uma ideia principiava a raiar, a tomar vulto no espirito do *Bóga*, e, resolvendo-se, voltava a entrar de novo no escriptorio.

— Mas... sim... já se vê... *vossellencia* seria capaz de me arranjar a pagar menos?...

— O quê?... (tornava Antonio de Souza como que condoido da ingenuidade do *Bóga*) pagar menos?... tu sabes lá o que dizes?... E mudando bruscamente:

— Vae... vae lá com os teus homens, fazes bem, fazes mesmo muito bem...

— Mas (insistia, agora o *Bóga*) se a gente pagasse menos alguma coisa?... Ai!... senhor Antoninho, *indas* que fosse um todo nada!...

— Dize cá, ha quanto tempo tens a hospedaria?

– Saberá *vossellencia* que haverá uns quinze annos, bem puxados.

— Bom. Quantos annos tens tu?

— Eu... fiz sessenta pela Senhora d'agosto.

— Sessenta; tu poderás viver ahi uns quinze annos, ora, pagando sessenta mil reis por essa *caranguejóla*, claro está que tens pago simplesmente o dôbro, um roubo!... Aquillo com trinta mil reis está mesmo muito bem. Tendo portanto pago o dôbro do que é rasoavel durante quinze annos, n'estes quinze, que te restam de vida, não deves pagar coisa alguma, isso é clarissimo.

— Coisa alguma?... que me diz, senhor Antoninho?... dizia o outro, abrindo muito os olhos pequeninos Depois raciocinava: sim... eu pago o dôbro, já se vê, do que devia ser, e... verdade verdade... não devia pagar agora, nos quinze annos, que ainda poderei viver, contribuição alguma... sim... já se vê, *vossellencia* diz bem.

— Decerto, claro como agua. E mudando de tom: está bem, pois... então adeus, Manoel, que tenho mais que fazer. Com um sorrir malicioso nos labios, dando-lhe palmadas nos hombros largos, voltava á phrase persistente, que punha calafrios agora no *Bóga*: vae... vae-te lá votar com os outros, e escarra-me com lingua de palmo esses sessenta mil reis por anno!...

Mas o *Bóga* já não ia, qual!... Dominava-o, possuia-o agora inteiramente a endemoninhada ideia de não pagar mais decimas, e dava voltas e voltas ao chapeo. Nada, elle decidia-se, está claro, e, tirando do intimo do peito um profundo suspiro, passava a mão pela testa e principiava:

— Ora ouça lá, senhor Antoninho, sim... já se vê, o dinheiro é sangue!... verdade verdade, isto aqui pr'a nós... eu... se *vossellencia* me arranja a não pagar decimas... sim... eu ia com *vossellencia*, ora ahi está!...

— Não, não, homem, isto é falar, déste a tua palavra, está dada.

— Mas... *vossellencia* arranja-me esssa coisa?...

— Oh!... isso... questão de duas pennadas, essa é bôa!... Se queres, faz-se já um requerimento e deixa o caso por minha conta.

— Pois... senhor Antoninho, (concluia elle coçando a cabeça), está dito, eu vou com V. Ex.ª, mas arranje-me o negocio, veja já..

— Mau, se queres, vae-se já fazer o requerimento, isso lá é comtigo.

— Pois sim, meu senhor, pois sim; já se vê... o dinheiro é sangue!...

— Bom. Oh! Barradas, pegue ahi n'uma folha de papel sellado e escreva: Senhor. Diz Manoel da Belhó, solteiro etc., etc. E com uma seriedade e gravidade unica dictou o requerimento todo até ao fim.

— Está a teu gosto, Manoel?

— Sim, meu senhor, obra asseada.

— Assigna agora isso, anda; diga-lhe ahi onde ha de pôr o nome, Barradas.

O *Bóga* assignava e pouco depois sahia, sorrindo, na esperança dôce de acabar com aquelle tremendo e esmagador pesadêlo das decimas! E, fazendo altos protestos de adhesão á causa do governo, abraçava reconhecido Antonio de Sousa.

Por uns restos de pudor, pedia aos dois completo segredo sobre o caso.

*

* *

— Não lhe dizia eu, Barradas, que o caso não era tão feio como parecia, dizia sorrindo Antonio de Sousa cofiando o farto bigode grisalho.

E o Barradas, chupando o tisico cigarro persistentemente:

— V. Ex.ª tem artes do diabo, safa!... E agora o requerimento?...

— Deite-o ahi para o cesto da papelada...

A Festa

A Paulo de Barros.

PARA o lado do nascente agglomeravam-se as nuvens, côr de chumbo e rosa, lembrando penedias phantasticas, exoticas, descommunaes. O sol ardente, cahindo a prumo sobre os mattos, parecia doiral-os de scintillações vivas. A ramaria dos arvorêdos conservava-se quieta, n'uma immobilidade absoluta, sequiosas as folhas do refrigerio da aragem, que não vinha.

Na sua cama, de altos enxergões, dormia a sésta o abbade, a côlcha de ramagens deitada em cima, n'uma grande descompostura de vestes. A uma janella baixa, que deitava para a *quélha*, a sobrinha falava ao namorado.

De repente, fortes argoladas resoam á porta da rua.

— Adeus, filho, disse ella, não faltes á noite no fôgo...

E correu a ver quem batia.

Era o sacristão, vinha chamar o abbade.

— O tio está a dormir.

— Pois, menina, tenha paciencia, chegue a dizer-lhe que vá á egreja n'um pulo.

— Vae ser boa agora, quem o ouvirá?

«Se o não deixam dormir a sésta em paz!... Olhe, senhor Gregorio, trepe vossemecê lá arriba, e batalhe á porta do quarto, sabe? ao fundo do corredor.

— Ai!... pois sim, deixe, que eu lá vou.

E enfiou escada acima.

Bateu primeiro a mêdo: Truz... Truz... Nada; silencio completo. Mais de rijo: Traz... traz... traz...

— Quem diacho está ahi? disse de dentro a voz grossa do abbade.

— Sou eu *sôr* abbade.

— Que é que tu queres, Gregorio?

— Foi o armador que me disse *pr'ó* vir chamar.

— Entra, homem, respondeu elle, mal humorado.

O Gregorio entreabriu a porta.

— O *sôr* abbade, ha-de desculpar...

— Anda, abre ahi a janella, continuou elle, escancarando a bocca n'um bocêjo grande, e espreguiçando-se contrariado.

— Então que diacho quer *esse lêsma* do armador?...

— Diz elle que se não entende... com a sr.ª do O.

— Que demonio tem elle que se entender com a santa?

— E' que... a modos que se não ageita com a sanefa. Elle disse que fôsse *vossuria* lá quanto antes.

— *Má* raios parta o azemel!... Que armador de bórra!... Quem não sabe do seu officio pede a Deus que o mate e ao diabo que o enforque.

E, sentado na cama, esfregando os olhos, abrindo a bocca n'um ultimo bocêjo, puxava de lado bruscamente a côlcha e dizia ao Gregorio:

— Chega d'ali os butes.

Enfiava as botas de canos altos, vermelhos, acabava de vestir se e partia.

Na rua, o sol queimava rijo. O abbade farejáva os ares fazendo um tregeito ao nariz e concluia descontente :

— Hum!... temol a travada, isto quer enfarruscar-se ; para a noute desaba para ahi agua por uma pá velha, e leva o diabo o fogo preso.

«A coisa está-se a preparar.»

E elle seguia a caminho da egreja.

Ahi ia grande azafama. Ao entrar, o abbade sentiu-se bem, n'aquella frescura suave ; limpou com o grande lenço encarnado a vasta fronte suada, e respirou satisfeito.

— Ah!... isto é outra coisa. Safa!... que hoje aperta, está de fazer cahir os passarinhos.

«Oh! querida fidalga!... por cá, minha rica senhôra?... dizia, dirigindo-se a uma dama, entrada em annos, que, á frente d'um exercito de creadas, dava ordens a tudo aquillo, como um general em campanha.

— Ai!... meu abbade, se eu cá não vier, não fazem nada ; o que sabem é dar á lingua. E n'um gesto de commando :

— Vá, Maria, que estás ahi pasmada a olhar? Já arranjaste os vasos a S. Pedro?...

«E esta!... onde teriam vossês a cabeça!...

«Com sua licença abbade. Oh! Joaquina, as flores não vão chegar, valha-nos Deus!... chega lá a casa, ao jardineiro, que te dê mais, sobretudo murta, que, a que ha, não basta.

— Pois, minha senhora, continue V. Ex.ª na sua santa missão, que eu vou-me a ver do armador.

— Até logo, abbade, até logo.

Cá fóra, no terreiro, o fogueteiro dispunha as peças do fogo preso. N'um barracão, levantado ao fundo, martellava se com furia para terminar a construcção do theatro.

Havia comedias no dia seguinte.

Ia morrendo o sol. Os seus raios fulgurantes, fais-

cavam chispas luminosas por detraz das nuvens muito densas, bronzeadas, bordadas de orlas d'um brilho de metal polido.

Na egreja, o abbade dava as ultimas ordens. Pouco a pouco vinham cahindo as sombras. A fidalga retirava-se á frente da creadagem. O armador, a suar, com a face apopletica, conseguia emfim arranjar o altar da Sr.ª do O.

*

* *

Rompêra formosissima a manhã do dia seguinte. No céu, puro e lavado, não havia uma nuvem só.

Subia dos campos um ar perfumado; por entre a ramagem copada dos grandes castanheiros ia a chilreada festival dos passaritos.

Na vespera, quasi toda a noite, a trovoada pairára medonha sobre a aldeia, e, como prophetisára o abbade, levára a bréca o fôgo prêso.

Na aldeia havia o reboliço, o alvorôço proprio dos dias de festa. As mulheres punham as suas *capuchas*(1) novas, os lenços de sêda de côres garridas, apuravam cuidadosamente as *toilettes*; os homens envergavam fatos domingueiros, desastrados n'aquella fateota mais nova, mais escovada, que os tornava contrafeitos, pouco á vontade.

Tudo, á mistura, seguia caminho da egreja.

O templo, muito vistoso, com as parêdes forradas a damasco encarnado, os altares n'uma profusão de flores e luzes, enchia-se de gente.

Por entre o pôvo, dirigindo-se á capella-mór, as fidalguinhas da Corredoura atravessavam a custo, n'um grande *frou frou* de sêdas. A' porta, que dava para a sacristia, cochichava o grupo dos janotas da terra. No

---

(1) Especie de chale.

corpo da egreja, as raparigas, sentadas no chão, olhavam de soslaio, e, entre ellas, havia palavras soltas, risitos abafados.

— Oh! Chico? disse o Alberto, (um primo das da Corredoura, chegado de fóra), quem é aquella loira que está acolá?...

— Qual? a do lenço encarnado com pintas verdes?

— Justamente, ao pé d'outra morenita, que não é nenhuma asneira.

— A sobrinha do abbade.

— Sobrinha... ou?...

— *Ná*... não senhor, sobrinha a valer.

— Pois olha que tambem ella é bôa a valer. Tu já a domesticaste, maganão, deita para aqui uns olhos!...

— Cala-te, que está ali o namôro. E mostrava um mocetão bem parecido, muito abotoado no seu jaquetão de quadrados largos.

— Dêem licença, meus senhores, dizia o Gregorio, de sotaina e roquête, thuribulo em punho.

Atraz seguiam os padres, ia começar a festa. No côro a orchestra atacava os primeiros accordes; junto dos degraus do altar-mór os tres padres, deslumbrantes nas suas casúlas de sêda e oiro, curvavam-se reverentes, murmurando:

«*Introibo ad altare Dei.*»

Pela abobada soava a harmonia endiabrada das vozes esganiçadas, cantando em falsête; depois, um padre, de côres rubicundas, começava com a sua voz de basso, aspera e inculta, um solo, que ameaçava não ter fim.

A festa seguia monotonamente o seu curso.

Espalhava-se no templo uma atmosphera morna, impregnada do incenso e do aroma activo das flôres.

Agora, no pulpito, um padre novo tinha phrases bombasticas, n'um rythmo sonoro, outras vezes descahia n'um tom plangente, triste, sinistro, como o dobrar d'um sino.

— Alberto segredava de novo ao primo.

— Oh! menino, o tal abbade sempre está muito bem de sobrinha.

— Has-de ser sempre um *banana,* dissêra um irmão d'Alberto, que o ouvira.

Na capella-mór os tres padres, sentados em fileira, muito graves, as mãos espalmadas sobre as côxas, tinham a apparencia d'uns bonzos chinezes, olhando vagamente, n'uma expressão bestial, muito aborrecidos, almejando pelo jantar lauto, que os esperava em casa do fidalgo.

As damas agitavam os leques de côres variadas, e, no corpo da egreja, a loira gentilissima continuava a fixar ardentemente o do jaquetão de quadrados largos com grande ferro do primo do fidalguinho da Corredoura.

*

* *

Terminára a festa havia muito.

A casa do fidalgo da Corredoura ia chegando tudo quanto havia de melhor na terra.

A um canto da vasta sala conversava o boticario com o parceiro de gamão da botica, um velhote que fôra alferes de milicias.

— Oh! *Zé* Bernardo, estas festas d'agora não sei o que me parecem. Vossê lembra-se quando vinham os padres da collegiada com o seu prióste, hein?... E o Borges!... inda se lembra do Borges?... isso é que se podia ouvir, aquillo é que era ter voz!.. Hoje... tudo uma *pilhantrice*!... Tem a gente de aguentar aquelle empáfia do padre Moutinho, que berra que parece que o esfolam, o Nunes, e os taes meninos do falsête avinagrado, safa!...

— Tem razão, confirmava sentencioso o Zé Bernardo, estão impossiveis, lembram os gatos pelos telhados.

O outro ria, saboreando a phrase... os gatos pelos telhados!...

Havia na sala então um remover de cadeiras, todos buscavam logar, ia cantar a D. Lucinda.

Esta, sentada ao pianno, preludiava vagamente. Mas, no vasto pateo, sentira se o rodar abafado d'uma carruagem, deslisando sobre a areia fina.

— Ha-de ser o barão e a filha, disse o velho fidalgo correndo pressuroso a receber os novos hospedes.

Pouco depois entrava na sala uma mulher alta, esbelta, muito formosa, no pleno viço dos seus vinte annos. Atraz seguia o pae, um velho de barba branca' cortada rente, olhar insinuante, pórte distincto.

Rodeada das fidalguinhas da Corredoura, a filha do barão atravessava a sala; nos circumstantes, de olhos cravados n'ella, silenciosos, havia uma admiração intima. E ella gosava, na sua pequena vaidade de mulher bonita, ao sentir n'aquelles olhares, n'aquelle silencio, a impressão da belleza, que se impõe. Sentada no sofá, explicava agora que não viera mais cêdo por causa do papá, negocios urgentes, o governador civil, questão de eleições.

Arqueado n'uma bella curva, que fazia lembrar os bons tempos do minuête e do rabicho, o fidalgo da Corredoura dizia-lhe que a festa muito perdêra em luzimento com a falta de suas Ex.[as]

— Obrigada; onde estão meninas tão gentis, não faria eu falta por certo. Mas, parece que iam fazer musica, não quero interromper...

— Canta lá, oh! Lucindinha, para ouvir a Sr.ª D. Laura, disse uma das da Corredoura.

Então a Lucindinha principiou com a sua voz de contralto, que devia brilhar se tivesse escola: *Oh! mio Fernando*...

Assim que findou o inspirado trecho de Donizetti, trucidado inconscientemente, resoou na sala uma prolongada salva de palmas.

— Muito bem, menina, muito bem, diziam as damas á porfia, não acha D. Laura?

— Certamente, tem uma voz muito bem timbrada. E na sua mão, finamente enluvada, ella segurava o cabo de tartaruga do *lorgnon*, fixando impertinente a joven cantora.

A distancia ouvia se o repicar dos sinos, o estrondear dos foguetes. Sahia a procissão.

Que era melhor ir vêl-a do caramanchão, lembravam as damas.

E todos desciam agora a larga escadaria que levava ao jardim, em baixo, cheio de grandes recortes em buxo, muito verde.

*

* *

Findára o lauto jantar, era quasi noite.

O café fôra servido cá fóra, na grande meia laranja do jardim, junto d'uma rua de sombras densas d'arvorêdo cerrado, ao fim da qual, n'um redondo, destacava a alvura de marmore d'uma Venus, toda encolhida na sua nudez.

Havia muito que se sumira de todo o sol, e, no poente, o esbatido de fôgo empallidecia gradualmente.

A um canto, o abbade, a face animada, contava a meia voz ao grupo em roda, casos picarêscos, d'um sabôr muito original.

As meninas falavam de modas e coizas futeis, e as velhas matronas discutiam entre si, muito dignamente, o ultimo escandalo.

Afastados dos mais, Alberto e Laura acabavam de falar do ultimo livro de *Bourget*, e, aspirando os aromas suaves do jardim, espraiavam a vista pela paizagem, que tomava n'aquella meia luz uns tons dôces, suaves, polvilhados d'oiro.

*

* *

Era noite havia muito.

A' pequena praça da aldeia affluia o pôvo em massa. As bancadas de pinho, alinhadas em frente do barracão, que servia de theatro, iam-se enchendo de gente. Nas tabernas lateraes da praça reinava uma algazarra infernal: vozes avinhadas, por entre a fumarada densa do tabaco, soltavam exclamações rudes, e, no calôr da discussão, davam se murros fortes sobre os balcões de madeira, sarapintada de nodoas de gordura e vinho.

Cá fóra, um luar purissimo cahia em cheio sobre as casas; a distancia espalhava-se vagamente essa luz pallida e suave sobre a nêsga de paizagem, que se enxergava confusamente; os pinhaes eram como que uma informe e grande mancha; a montanha tomára um azul esbranquiçado; uma curva do ribeiro lembrava um filête de prata.

No barracão, lá dentro, ia grande azafama; que eram horas, que tinham chegado a casa dos Almeidas os convidados, tudo cheio de gente. Então, n'um canto, ao fundo, o caracterisador fazia prodigios para esconder, á força de alvaiade e carmim, o tom azulado da barba d'um latagão, que representava de mulher na peça.

Corria á bocca pequena que os de Villar vinham dispostos a fazer das suas; rixa velha entre as duas povoações, rivalidades artisticas.

Junto ao tablado, em baixo, a philarmonica de Nogueira atacava com bravura medonha a symphonia.

Ia começar emfim a peça.

Na sala dos Almeidas dizia Alberto a Laura:

— Coizas verdadeiramente assombrosas, minha senhora...

— Está-me mettendo um tal susto! o que é então?
— Ora diga-me, sabe o que se vae representar?
— Que sei eu!...
— V. Ex.ª vae ouvir da bocca de gente, cuja maior parte nem lêr sabe... adivinhe?...
— Diga lá...
— O... Othello!...
— O Othello! repetia Laura soltando uma grande gargalhada, pois é crivel?
— Nem mais, nem menos. Mas ainda não é tudo; o moiro de Veneza, que, segundo me consta, é um des *leões* mais temiveis do sitio, não querendo prejudicar as côres fortemente rosadas das suas feições, teimou em não se querer enfarruscar de negro por cousa alguma d'esta vida, e temos um Othello... branco, como qualquer circassiano.
— Ora essa! extraordinario!...
— Ainda mais. A Desdemona, essa doce creação do divino poeta, será interpretada pelo menos robusto dos latagões cá do sitio.
— Que atrocidade, santo Deus!... Oh!... manes de Shakespeare!...
Mas passavam todos já á vasta sacada. No tablado corrêra-se a cortina aos lados, a pobre tragedia principiava a ser sacrificada.

*

* *

Até ao segundo acto, seguiu tudo entre fortes applausos dos espectadores.
O barão mandára vir a carruagem. Os donos da casa instavam por que não partissem tão cêdo; as da Corredoura pediam tambem para que se demorassem até ao fim. Mas o barão desculpava-se, era tarde, d'ali até casa... um bom pedaço. Alberto e o irmão

mandavam vír tambem a carruagem, como iam para o mesmo lado acompanhavam o barão.

Continuava o espectaculo.

De repente, no terreiro, começaram de ouvir-se palavras soltas:

— Bravo!... oh! Zé Bandarra!...

— Não apertes assim a mulher, olha que a arrebentas!...

Do palco desciam olhares de través, cheios de raiva concentrada. A Desdemona enganára-se já, e dissera para o Iago uma fala que devia ser para o Othello.

As chufas iam progredindo.

Entre o pôvo rompiam *psius* imperiosos, que se calassem os atrevidos!...

Um dos actores, não podendo já conter-se, gritára rijo: que a fôssem cozer para casa, córja de bebados!...

Então rompeu abertamente a pateada, assobios, apupos, uma algazarra infernal.

N'essa occasião chegavam as duas carruagens.

Alberto corria a buscar a leve capa, forrada de setim, que collocava sobre os hombros de Laura.

Ella curvára suavemente a cabeça, e, com a sua mão fina, puxára os cabellitos tenuissimos, como fios d'oiro, ajustando em torno do collo alvissimo a capa macia.

Partiam emfim, com grande magua dos donos da casa e das meninas da Corredoura.

Na praça o barulho era de ensurdecer.

Ao entrar na carruagem, Laura pôde ainda ver de relance actores e pôvo tudo em redemoinho, em pancadaria rija.

E era de ver como a Desdemona, de saias levantadas, em desalinho escandaloso, cacête em punho, despachava paulada a torto e a direito.

*

* *

Estrada fóra, uma atraz da outra, deslisavam as duas carruagens.

Alberto, nas curvas da estrada, olhava para a carruagem do barão, que fugia ao trote veloz dos cavallos, seguida por dois galgos pretos; e este conjuncto, entrevisto por momentos, tinha para elle um não sei quê de phantastico, lembrando-lhe a visão do rapto d'uma castellã formosa, dos velhos tempos. E se elle fôsse o feliz, o venturoso, fugindo através de montes e valles com a deliciosa dama dos seus pensamentos!...

Voltando-se de lado, dizia então ao irmão que dormitava a um canto:

— Ouve lá, reparaste bem para a filha do barão?

— Reparei, e depois?

— Que tal a achas?

— Bem bôa, dizia o outro accendendo um cigarro.

— Eu acho-a simplesmente adoravel!...

— Bem, estás *embeiçado*, cuidado com essas *lambisgoias*, que...

— Adeus, ahi entras tu a dizer sandices.

— Pois sim... Olha o que eu invejo ao barão não é a filha, mas aquelles dois galgos, que devem ser de primeira.

— Já me tardava a prosa chata. Se tu reparasses n'aquelle olhar, n'aquelle sorriso, n'aquelle... Ainda ha pouco, quando lhe ajudava a pôr nos hombros a capa, se soubesses que estonteamento eu sentia com o aroma suavissimo que vinha de todo aquelle delicioso corpo!... Ella inclinou um tanto o collo alvissimo, uns cabellitos loiros, tenuissimos, como pennugem d'oiro, lhe beijavam a cutis fina, sem querer, uma das minhas mãos roçou-lhe de leve, oh!... menino,

uma vertigem passava em mim, como o flammejar d'um relampago.

— Não digas mais, estás *lamécha* de todo. Ai!... ai!... suspirava o outro, bem mais perfeita do que a tal *Dulcineia*, é com certeza a filha do moleiro dos Cubos, aquillo é que tem umas ancas, uns...

— Bom, bom... ponto na questão. Tu não estás á altura de me comprehender; vae-te lá admirar as formas roliças da moleira, e... deixa-me,

O outro encolhêra os hombros condoido e accendêra outro cigarro. Alberto quedára-se pensativo, sem dizer palavra durante o resto do trajecto.

Os dois trens fugiam sempre pela tira alvacenta da estrada. No espaço azul escuro, a lua espargia a sua luz pallida, pondo em toda a paizagem uns tons suavemente prateados.

Pararam por fim á porta do palacete do barão, pesada mas formosissima construcção de granito, que lembrava os tempos medievaes.

Girou sobre os gonzos o portão de ferro, as duas carruagens entraram n'um vasto pateo ajardinado.

Os dois irmãos apearam-se para se despedirem do barão e da filha.

A sombra d'um dos corpos salientes do edificio projectava-se de viez, cortando a fachada central, deixando inteiramente na sombra o patamar superior da larga escadaria de pedra, e, na alvura da parêde, batida de luar, recortava-se o rendilhado primoroso da cimalha, muito vasado.

Laura subia a longa escadaria. Ao cimo as creadas alumiavam.

Já no alto, ella voltou-se; todo o seu perfil destacava elegantemente, doirado de luz. Então disse com a sua voz de timbre purissimo:

— Oh! senhor Alberto, e a Desdemona?...

— Original!... unico, minha senhora.

....

No caminho da villa, Alberto pensava:

«Se eu fosse o Romeu d'aquella Juliêtta!...»

E na sua phantasia desenhava-se persistentemente a visão deslumbrante de Laura, ao cimo da escadaria antiga, banhada pela luz viva, que vinha do interior, como um bello quadro de Goya.

A voz de Deus

A Augusto Cesar Pereira da Motta.

Havia tempos que na quinta dos Prazeres corriam as cousas mal.

O quinteiro, (o João Chamôrra), trazia perdida a côr do rosto, e era para notar que emmagrecia a olhos vistos. Aquella suave curva do abdomen diminuia n'uma progressão assustadora; mesmo a dobra da barba descahia já flaccida sobre o pescoço, cujo cachaço perdêra aquelle tom fradesco, d'um rozado apresuntado. Os olhos outr'ora vivos e animados d'uma alegria sã, agora pensativos, em melancholia constante, tinham profundas olheiras de bistre; as faces mostravam uma pallidez doentia. Alguem dizia que o homem estava entrado n'uma tisica, mas qual!... O que elle tinha era um mal interior, que o minava pouco a pouco, affecção moral, que lhe levára o socego da sua sua vida.

E que contraste com a paz venturosa d'outros tempos!...

Então não sentia elle aquella duvida cruel a atenazar-lhe a existencia, como uma tortura!...

Era todo o santo dia cantarolando feliz, na labuta dos campos, com aquella bella saude, que lhe dava uns tons frescos, e fazia com que as moças do logar lhe deitassem de travez olhares cubiçosos, murmurando na sua passagem :

— Que perfeição d'homem este João Chamôrra!

E quando aos domingos, depois da *missa do dia,* os dois voltavam á quinta, ao lado um do outro, ao atravessarem a aldeia, alguem achava que faziam um bello par elle e a mulher.

As opiniões divergiam, já se vê; havia quem entendesse que a mulher era mal empregada em semelhante brutinho, que lembrava um toiro. Ella tão delicada, tão airosa de formas, com um suave oval de gentil morena, onde brilhavam uns olhos negros, que embriagariam em volupia dôce aquelle que fixassem d'amor. E havia mais que um rapaz no sitio que a achava mal empregada no João Chamôrra, um homem um tanto de modos rudes, (no intimo um pobre diabo, incapaz de fazer mal a uma mosca), com musculatura de athleta, que, se estreitasse a si com força a mulher, a partiria em duas, como couza delicada.

E era assim, a Catharina Poejo, (que aasim se chamava a mulher do João Chamôrra), tinha uma tal delicadeza de feições, um talhe tão aristocratico e distincto, que nem parecia mulher do campo.

O filho mais velho do dono da quinta, tambem pensava comsigo mesmo que a Catharina era delicada demais para mulher do caseiro; e então, d'uma das vezes que a familia foi para lá a veranear, como elle tivesse vindo a ferias, o rapaz entrou a deitar uns olhares lubricos para todo aquelle encanto airoso e correcto das formas da Catharina.

E, pela sésta, emquanto o João Chamôrra cavava os campos sob o sol quente, o filho do patrão, debaixo da grande ramada verdejante, onde negrejavam os cachos maduros, lia romances, de scenas e situações

diabolicas, á bella Catharina, que cozia a roupa do marido sentada á porta da casa.

Ella ficava-se a scismar n'aquellas passagens tormentosas, onde havia delirios de ventura, que o outro lhe lia com accentuações tão sentidas; e, na sua cabecinha gentil de morena delicada, passava já um pensamento traidor, a tentação de beliscar a fé conjugal!...

*

* *

Quando, pela tardinha, o sol se escondia ao longe na pureza do horizonte entre deslumbramentos de luz, e a aragem fresca vinha roçando pelos valles preguiçosa, curvando mansamente os milharaes, era então junto da grande nóra que elles se encontravam. A burrita, de olhos tapados, girava sempre em roda, no seu passo certo, e a agua pura e fresca corria a jorros; a monotonia do chocalho da nóra fazia-se ouvir, cadenciadamente, e nas copas frondosas das duas enormes nogueiras, que havia em torno, ia uma algazarra interminavel da passarada entre a ramaría.

Então, o filho do dono da propriedade subia devagar a pequena rampa, que levava á nora.

D'ali avistava se a fazenda quasi toda, cortada pelo ribeirito, que deslisava mansamente as suas aguas esverdeadas entre renques de salgueiros. Só a casaria ficava toda encoberta pela barreira espessa d'uns grandes freixos de folhagem fina. Para um dos lados cortava a largueza do horisonte uma montanha, de lages luzidias e urze bravia; para o outro, o horizonte era vasto, em ondulações vagas, morrendo n'uma extensa planura; e, na frente, o valle tortuoso serpenteava em curvas ondeantes a sua luxuriante verdura, povoado

de quintas aqui e além, cortado sempre pelo filête do ribeirito.

Para o fundo da quinta entre os milharaes via se alvejar de quando em quando a camisa branca do João Chamôrra, que cantarolava sempre, alegremente.

Então o filho mais velho do proprietario da quinta dos Prazeres, encostado á borda da nóra, chamava de lá:

—Catharina!... oh!... Catharina!... pede em casa um copo e traz-m'o aqui, que quero beber a agua fresquinha.

A Catharina d'ahi a pouco chegava, toda gentil, com o copo. Sorria, maliciosa, ella bem sabia que o copo era o pretexto; depois, o outro, no resguardo das sombras frescas, tomava-lhe as mãos e attrahia a si brandamente.

—Esteja quieto, murmurava a bella Catharina, esteja quieto, Alfredinho... Veja lá se alguem nos vê!... E se o meu homem o vem a saber?... vae ser bonita!... vae!...

Mas o Alfredo não a ouvia e embriagava-se todo na doçura d'aquelle olhar.

Lá distante, por meio dos milharaes, o João Chamôrra cantarolando sempre; nas grandes nogueiras, a chilreada interminavel da pardalada; a brisa suave roçando preguiçosa pelos valles, curvando suavemente as cannas do milho e refrescando tudo das ardencias do dia.

*

* *

Passavam os dias, e a Catharina cada vez mais presa d'amores pelo Alfredinho.

Se elle era tão attrahente n'aquelle perfume da fresca juventude!... Se dos seus olhos avelludados sahiam chispas ardentes de tão estonteante volupia!...

— Isto não acaba em bem, repetia lhe ella muita vez. Para que anda o menino sempre, sempre atraz de mim? Tome juizo e deixe-me na santa paz do Senhor!...

— Mas... se eu te quero tanto!...

— Ora!... tornava ella duvidando.

— Crê. Não tenho socêgo desde que te vi.

— Sério, sério?... indagava ella com um sorriso malicioso nos labios vermelhos.

— Oh! filha, eu não vejo outra coiza mais do que o chão que tu pizas... só estou...

— Psiu!... cale se, interrompia a Catharina, carregando o sobr'olho. Vá-se embora, que lá vem o João.

Ao fundo da quinta, pela grande avenida das macieiras, caminhava descançadamente o João Chamôrra, de enxada ao hombro.

A mulher entrava dentro a dar a ultima de mão ao jantar.

Depois da refeição, o marido, á porta, fumava tranquillamente o seu cigarrito, debaixo da grande latada verdejante.

— Esta noite temos estopada, disse elle para a mulher.

— Então quê?

— Vou-me á réga do lameiro grande; mas tenho a vez da agua só á noitinha, de maneira que aquillo deita para tarde. E está o diabo porque tenho de me levantar cêdo para ir á feira, que, como sabes, é ámanhã. Ora d'aqui á villa ainda é um estirão, hei-de madrugar...

— Coitado!... dizia fingidamente condoida a velhaca da Catharina, quando, perfidamente, no seu in-

timo, perpassava de novo a diabolica tentação da beliscadura na fé conjugal.

*

* *

A assiduidade do Alfrêdo junto da Catharina dava já que falar aos visinhos, só o Chamôrra seguia na sua dôce paz inconsciente.

A esse tempo os milharaes iam estando sazonados, d'um tom d'um loiro desmaiado, que era mesmo um gosto vêl-os.

— Estamos aqui, estamos nas malhadas, dizia uma noite o João Chamôrra á mulher.

«A'manhã vamos a tratar de limpar o celleiro e preparar a eira. Hei-de vêr se me arranjo com o meu compadre Manuel para fazermos a malhada combinada. Temos de vêr isso. Vou-me ámanhã á quinta dos Penêdos Gôrdos a falar com o compadre; mesmo para saber como por ahi andam os jornaes.

E de facto, no dia seguinte o João Chamôrra foi-se á quinta dos Penedos Gordos a entender-se com o compadre Manuel.

— Ora salve a Deus, tia Bonifacia, disse o João Chamôrra a uma velhita que, sentada á sombra d'um enorme *malapeiro*, (1) fazia meia á entrada da quinta. Então o seu filho?

— Viva, tio João, o rapaz anda ahi p'r'ós lados do tanque grande

— E *vomecê*... melhorsinha?...

— Eu sei!... vive-se, vive-se. Estas malditas dôres é que dão cabo de mim, uma moedeira, uma moe-

(1) Arvore que dá malapios, uma especie de maçã.

deira... Vossê é que goza saude, não admira... um rapagão!... E a Catharina? sempre bôa môça?...

—Não tem duvida, vae indo, vae indo. A sua nóra e mais o meu afilhado?

— Esses fôram hoje á cidade.

E como elle se ficasse parado a olhar para a bôa velha, ella indagou curiosa:

—Olhe cá, *sô* João, então inda por lá não ha novidade?... E sublinhava a phrase com um sorriso.

O outro coçava a cabeça sorrindo-se tambem.

—Eh! eh!... d'aqui por nove mezes talvez haja familia nova, sim senhôra. Mas, accrescentava elle, *vomecê* não conte isto a ninguem, que é para a criança sahir bem parecida, hein?...

—Hum!... está bem!... Já era tempo.

Muito me conta, muito me conta. Pois, basta... que venha a sahir aos paes!... Está claro. Deus dê, ao tempo, á sua Catharina uma bôa hora.

— Obrigado, tia Bonifacia, obrigado, e vou-me então a falar com o Manuel.

—Vá, vá. Adeusinho.

O João Chamôrra cortou á esquerda por uma grande rua orlada de pereiras, cobertas de fructos sazonados. Ao fundo, dominando a fazenda, ficava o grande tanque.

Ahi, o Manuel, em mangas de camisa, de calças arremangadas, as pernas nuas, a meio do tanque, que tinha pouca agua, ia limpando o fundo com um vasculho, que empunhava a mãos ambas.

—Ora viva lá, *seu* compadre, gritou-lhe o João Chamôrra, chegado á borda do tanque.

—Olá!... João, tu por aqui?...

O outro explicava ao que ia.

—Está muito bem, compadre, está muito bem, dizia o Manuel. Deixa me ver primeiro essa coiza dos salarios; vou falar com o Antonio das Picôas e com o

Manuel de Penna Clara a saber como elles trazem os homens, e... depois conversaremos.

O Manuel sahira agora do tanque. Tratava de passar os pés, todos emporcalhados do lôdo, pelo grande jôrro d'agua, que sahia á farta da bica de pédra, desarregaçava as calças, e enfiava os pés nos soccos.

— Então que tal de novidade este anno, indagava o João Chamôrra.

— Assim, assim, quando mal nunca maleitas. A uva é que está muito tremida, o raio do mal dá cabo d'ella.

— Mas o milho parece bem creado.

— Ai! esse sim, não tem duvida, louvado Deus.

E os dois homens, lado a lado, vinham caminhando vagarosamente pela comprida rua das pereiras.

— E lá pela quinta que tal? indagava o Manuel.

— De fructa vamos indo, agora o mais, a não ser a cebôla e o feijão, nem por isso.

O Manuel ia agora pensativo; de repente parou, e, voltado para o compadre, como que levado d'uma ideia fixa:

— Ouve lá, e o patrão?... inda se demora com a familia?...

— Até outubro, abalam para a cidade logo que o Alfredinho fôr p'r'ós estudos.

O Manuel empallidecêra ao ouvir falar no Alfredinho; mas, mudando de ideia:

— Antes de partires vem commigo á adega beber uma pinga, que ainda o tenho bem bom.

— Pois vá feito, sempre é conveniente para dar fôrça para subir a ladeira, que é puxadinha d'aqui até casa.

Os dois tinham voltado á direita, mettendo por um carreiro, que seguia entre taboleiros de couves, muito folhudas, d'um verde azulado. Logo no tôpo assentava a casa do quinteiro e suas dependencias. A habitação dos patrões ficava mais distante, cercada d'um

vasto jardim, com a frontaria apalaçada, deitando sobre o caminho.

— Espera ahi, que vou a casa buscar a chave, disse o Manuel.

Este quedou-se.

D'ahi a pouco o Manuel voltava com a grande chave. Caminhavam para a adéga, o outro abriu a porta; dentro o escuro cerrado; elle destrancou as portas d'uma janella, então, á luz que entrava, mostravam-se os toneis bojudos, muito alinhados e graves. Ao fundo da fileira dos grandes toneis é que ficava a pipa, onde o Manuel tinha o vinhito.

— Ora vá lá, *seu* compadre, d'este não apanha vossê muita vez.

E, de cócaras, elle inclinava a canéca em frente do esguicho da pipa, por onde o liquido perfumado ia sahindo, cahindo espumante na pequena vasilha.

— Prove-me essa pinga, disse o Manuel endireitando-se.

— De primeira!... affirmava com um expansivo ah!... o João Chamôrra, depois da prolongada libação.

— Este é da vinha do Outeiro.

— Aquillo é torrão abençoado!...

— *Bô!*... se é!... E has-de vêr q'inda não entrou com ella o mal.

— E' para admirar, é, que por hi está tudo com elle.

— Vae outro *golásio*, compadre?

— *Ná*, Manuel. Vou-me chegando, que são horas, dizia elle resolvendo-se a partir.

O Manuel ficára-se parado, silencioso.

Parecia que um pensamento lhe refervia lá por dentro n'uma mortificação do seu espirito. E hesitava um momento, mas a sua lealdade d'amigo impunha-lhe aquelle dever, nada, elle resolvia-se.

— Oh! João, começou elle, sabes?... eu queria dizer-te uma coiza, antes de partires.

— Então o que e?

— Ora... ouve lá. Os teus patrões inda se demoram pela quinta?...

— Já te disse que até outubro.

— Ai!... é verdade. E' que... tornava o outro enleado... sabes que sempre fui teu amigo, oh! João?

— Quem o duvida, homem, dizes-me isso com uma cara!...

— Eu te conto, continuava elle coçando a cabêça, os amigos devem ser para as occasiões...

— Mas... despacha d'ahi, que diabo me queres tu dizer, perguntava o João Chamôrra, já impaciente.

— O caso é mais sério do que pensas.

— Mas... vamos, e depois?...

— Sim, sabes que sou teu amigo...

— Mau!... e tu a dares-lhe.

— Pois bem, ouve lá... E, instinctivamente, relanceava um olhar em róda; depois, pondo-lhe a mão no hombro, segredava-lhe baixinho, confidencialmente:

— Traze-me d'olho a mulher!...

— Qual mulher?

— Qual ha-de ser?... a tua!... explicava sêccamente o Manuel.

O outro fugiu-lhe a côr do rôsto, e, se não se encósta á parêde, iria cahir no chão.

— Oh! Manuel, vê o que dizes, com essas coizas não se brinca.

— Ora essa!... se eu não fôra tão teu amigo, não te falava em tal...

— Mas, que tens tu que me dizer da mulher? ..

O outro então explicava longamente tudo o que sabia a respeito dos amôres da Catharina com o Alfredinho.

— Que emfim eu não sei, accrescentava elle, quero crer que aquillo não passa d'um namorico com o rapazóla; mas é sempre bom prevenir, hein?... que te não vão fazer o ninho atraz da orêlha...

— Ai!... Manuel, que tristeza que vae entrar commigo!... suspirava o outro n'uma dôr muito intima.

E o Manuel, fechando agora a grande porta da adéga, aconselhava:

— E' ter coragem e põe-te no teu logar, entendes?

Depois, corrigindo, condoido do olhar amargurado, que lhe lançára o João Chamôrra:

— E d'ahi... quem sabe? ha tanta coiza que se inventa...

*
* *

Dêsde a entrevista com o compadre, o Chamôrra perdêra para sempre o seu socêgo, aquella paz tranquilla da sua vida d'outr'ora.

O Alfrêdo partira para os estudos havia muito, mas não o largava aquella ideia persistente de que a mulher o atraiçoava com o rapazóla, a grande cabra!...

Tinha com a mulher scenas violentas, mordido de ciumes; a outra porém, como elle nada soubesse de positivo, abespinhava-se tôda, e recalcitrava-lhe furiosa:

— Que os diabos levassem a vida que lhe dava!... Uma coiza assim!... sem mais nem mais!... nem quê, nem para quê!... Se ella fôsse um diabo feia, não lhe iriam a elle com semelhantes *onzonices*, não!...

E, como o marido apertasse um dia muito com ella para que lhe contasse o que tinha havido entre ella e o Alfrêdo, retrucou-lhe furiosa:

— Não houve nada, entendes?... mas, se continuas a dar-me esta vida, indo venho a fazer alguma, quando menos o esperares, ora verás...

Elle calava-se, pensativo, remoendo a sua tortura.

— Se a mulher fazia alguma asneira, e grávida como estava!... dizia de si para si.

Nunca mais lhe falou em coiza alguma; mas, no seu intimo, aquella duvida cruel minava-lhe a existencia. Quizera sahir da quinta, mas o patrão, um bom velho devéras seu amigo, tirára-lhe isso da cabêça. Demais, elle não acharia facilmente outra quinta, que lhe deixasse tão bons interesses.

*

* *

Fôram passando tempos.

O João Chamôrra andava agora mais desassocegado, constava que o Alfredinho ia voltar dos estudos.

N'esse dia, dêsde pela manhã que os ares entraram a turvar-se. A principio ainda se mostrára o azul desannuveado, todo espelhante, d'um polido de cruêza metallica; mas, pela tarde, entrára a mosquear-se de nuvens pesadas, com tons acinzentados.

No horizonte, dos lados do levante, acastellavam-se agora as nuvens, em massas de tons escuros, plumbeos. O sol queimava ardente, dardejando das alturas os seus raios faiscantes. Do poente, um grande negrume vinha subindo, barrando tudo pouco a pouco.

A' porta da casa do fôrno a Catharina, de braços arremangados, andava na faina de arranjar a fornada. Encostado a um dos esteios de pedra, da ramada, despida agora de fôlhas, o João Chamôrra seguia o formar da tormenta.

A negridão do poente alastrava-se rapidamente, avolumando-se cada vez mais. Uma calmaria lenta pairava em toda a natureza. Era offegante o ar que se respirava. As grandes arvores mostravam-se serenas, n'uma perfeita immobilidade, sem que a mais leve aragem lhe balançasse de leve as fôlhas das copas altas.

E na casa do fôrno a Catharina ia d'um para outro lado, deselegante agora na sua gravidez, a barriga

muito empinada, as saias um tanto curtas na frente, deixando ver parte das pernas, finamente contornadas.

O ceu continuava a velar-se das nuvens escuras, desapparecendo aquelle bello azul metallico e vivo para se carregar essa profundidade immensa do grande negrume de tons de chumbo e cinza.

Vinha assustadôra a trovoada, imponente!.. Ha muito que se não via tempestade em perspectiva de aspecto tão medonho. As gallinhas esvoaçavam, n'uns vôos extravagantes, e os porcos, em correrias doidas, encaminhavam-se á córte, com pavêas de palha na bôcca.

Se a tormenta, que pairava no ar, era negra, não o era menos a que se agitava no intimo do seio do João Chamôrra.

O Alfredinho ia voltar, se o via arrastar a aza á mulher... não... elle não respondia por si, um dia havia desgraça grande!...

E depois... quem sabe?... talvez que a Catharina não désse attenção ao fedêlho do rapazola, com ares de menino, que ainda não sabe o que é a vida.

— Ai!... se o pobre Chamôrra conhecêsse a verdade toda!...

Mas o ceu cobrira-se emfim d'uma negridão uniforme; escurecêra tudo, um vento rijo açoitava a ramaria das grandes arvores, que se curvavam ao galópe tumultuoso do tufão, e, dos lados do levante, uma extensa nuvem de poeira vinha avançando, n'uma densa barra escura. Grossas pingas d'agua entravam de cahir, absorvidas logo pelo terreno sequiôso.

— Oh! João, vê se chegas cá para mettêr o pão, que está o fôrno prompto, gritou de lá a Catharina.

O Chamôrra foi-se encaminhando para a casa do fôrno. Emquanto a mulher polvilhava de farinha a pá para lhe assentar em cima a primeira brôa de milho; elle, que agarrava no cabo da pá, entrou a dizer-lhe:

— Está a arrebentar ahi uma trovoada de respeito.

— Deus a leve para parte onde não faça perda nem damno.

E o João enfiou pela porta do fôrno esbrazeado a pá com a primeira brôa.

Como a mulher se preparasse para assentar sobre a pá redonda outra brôa, elle continuou:

— Os amos devem chegar... qualquer dia d'estes...

— Bem sei; amanhã vou-me aos quartos, arranjar tudo.

Elle calava-se, entregue á sua ideia; depois voltava:

— Agora... vê lá... Catharina, e fixava insistentemente a mulher.

— Vê lá o quê?... perguntava a outra já de mau humôr.

— Vê... como te portas...

— Oh!... homem de Deus!... pensei que já te havia passado a mania...

— Se tu soubesses o que me tens feito soffrer!...

A discussão estava travada, a Catharina, muito exaltada, fazia esforços por convencer o marido de que tudo o que diziam d'ella eram aleivosias, invejas!...

Lá fóra, a profundidade da abobada cada vez mais densamente escura; o vento, rodopiando, levantava aos ares nuvens de poeira, á mistura com fôlhas séccas; as grossas pingas d'agua cahiam agora pesadamente.

Dentro, na casa do fôrno, a discussão subira de ponto.

— Oh! mulher, pois has-de dizer que não olhavas para o filho do patrão?... E's capaz de o jurar?...

— Sou sim, dizia ella de mãos postas nas ancas, a face animada, assim Deus me salve!... que Deus me ouça...

Mal a Catharina pronunciou estas palavras, um facto estranho lhe cortou a phrase. Pela casa dentro,

esfogueteado pelo vendaval, entrava um gallo, que enfiava pela bôcca do fôrno para dentro.

Os dois ficaram attonitos vendo o gallo precipitar-se no fôrno ardente, mas, rapidamente o animal sahia incolume dando um grande grito, rouco, estridente!... Ao mesmo tempo estalava, como tiro de peça, descommunal, medonho, o primeiro trovão, que parecia ribombar mesmo em cima da casa do fôrno.

A Catharina foi cahir sobre uma meda de lenha, toda assarapantada, fazendo grandes cruzes na fronte, sem poder articular palavra. O Chamôrra ficou-se encostado á parêde, muito enfiado, a olhar para a mulher.

— Saía!... disse elle passado um momento, isto foi raio que cahiu por ahi perto.

— Santo Deus!... Santos fortes!... Santos immortaes, *miserere nobis!*... murmurava atabalhoadamente a Catharina.

E a tempestade roncava tremenda em lucta gigantesca.

*

* *

Quando, no dia seguinte, o João Chamôrra voltava a falar á mulher no Alfrêdo, um ceu sereno e puro, todo lavado, se esbatia n'um azul novo; os campos tinham mais perfume, o ar era mais puro, d'uma transparencia diaphana.

— Oh! João, disse-lhe ella, pois ainda te atreves a falar-me n'isso?... Tu não viste que foi a voz de Deus, que hontem quiz falar por mim!...

— A voz de Deus?... indagava o outro sem perceber nada.

— Sim, homem, a voz de Deus!... Pois tu não viste?... quando eu já não sabia o que te havia de dizer para provar a minha innocencia, mal pronunciei estas palavras: que Deus me ouça!... entrar pela

bocca do fôrno o gallo, esfogueteado pela tempestade, e fazer uma cruz lá dentro, sahindo são e escorreito, sem uma queimadura?... E, logo a seguir áquelle grande grito do gallo, o estoirar do trovão, que parecia que vinha a casa a baixo!... Pois... dize, tudo isto é natural?...

— Isso não é, dizia n'uma grande convicção o pobre homem. Mas tu viste o gallo fazer lá dentro uma cruz?

— Olaré!... como vi, pois então?...

— Sim, que o gallo entrou e sahiu do fôrno sem se queimar...

— Isso presenceaste tu. Anda, Nosso Senhor quiz fazer aquelle milagre á tua vista, quando chamei por elle, a vêr se te entra n'essa cabêça de burro, que tudo o que te contam a meu respeito é uma calumnia infame. Córja de invejosos, gente de maus figados!...

*

* *

O João Chamôrra no dia seguinte partia de enchada ao hombro a cavar uma vinha para os lados da tal afamada vinha do Outeiro.

— Se seria falso tudo o que da mulher lhe contára o compadre!... meditava pelo caminho. Verdade, verdade, o mesmo compadre não tinha bem a certeza do que lhe contára. Supposições. Que andasse d'olho na mulher, tinha elle recommendado, mas nada lhe affirmára de positivo. Talvez estivesse mal informado.

Vozes do mundo, vozes do mundo!...

E, ruminando estas ideias, entrou á cancella da vinha.

Quando, pelo meio dia, ella lhe levava á cabeça n'um cesto o jantar, elle olhava-a carinhoso.

— Tu já não pódes com este serviço, Catharina, isso vae estando adeantado, toma-se môça para te ajudar.

E quando ella, de volta á quinta dos Prazêres, desapparecia no cotovêllo da azinhaga, o Chamôrra continuava a scismar lá comsigo mesmo:

— D'ahi... quem sabe?... uns malandros!... gente que lhe quer mal.

Flôr do pantano

A Costa Goodolphim.

HA quantos annos isto foi!...

Quando então a pesada diligencia subia ao passo dos seus esqueleticos cavallos, no cimo lá estava ella, mesmo junto d'um grupo de penêdos, dos quaes o mais alto lembrava um ôvo descommunal sustendo-se em equilibrio difficil. Por detraz d'um môrro, via-se o carreiro que trepava em caracol até á pobre casita, perdida entre pinhaes.

A pequena approximava-se: n'uma cantilena muito cadenciada implorava *cincoreisinhos* pelo amor de Deus. Os cabellos em anneis, d'um castanho fulvo, batiam-lhe nas faces, soltos ao vento, e ella caminhava no seguimento do carro; as roupitas, velhas e gastas, a custo lhe cobriam o seio de neve, os olhos muito grandes, d'um verde transparente e profundo, tinham uma expressão dura de tristeza, a face, d'um oval fino, coloria-se pouco a pouco d'um tom fortemente rosado.

Na toada monotona da sua cantilena, agitando os pésitos nús no pó alvacento da estrada, as pernitas

semi-nuas, mal resguardadas pela seriguilha esfarrapada da saia, pedia sempre, no mesmo tom triste, cantado, atirando aos passageiros punhados do flôres silvestres.

Assim que a diligencia, chegada ao alto, principiava a descer rapidamente, a pequenita quedava-se sosinha, a vêl-a desapparecer; sentava-se um momento n'uma pedra, á beira da estrada, depois voltava á casita.

Ao abrir a cancella de pau do pequeno cerrado, que circumdava o casebre, ella tremia toda nos dias em que não levava esmola. A' porta esperava-a uma mulher ainda nova, d'olhos orlados de vermelho, os cabellos desgrenhados, aspecto de furia, que lhe dizia n'uma voz aspera, cortante:

— Que tal Roza?...

A pequena nem respondia.

— Então?... tornava a outra no mesmo tom.

— Nada... hoje... nada; respondia emfim a pequenita, transida de mêdo.

— Nada!... hoje nada!... já hontem foi o mesmo, grande cabra!... Em logar de pedir vaes para ahi deitar-te ao sol pelas chapadas, de barriga para o ar, feita uma fidalga.

A pequenita, toda encolhida, ficava-se á porta, as lagrimas a bailarem-lhe nos olhos.

— Salta para dentro, excommungada, gritava a furia.

E a pequena dava-se por feliz se a outra não agarrava d'umas cordas a dar-lhe desalmadamente, sem dó, nem piedade.

A Rosita sentava-se a um canto, silenciosamente, n'uma resignação de martyr. Mas d'ahi a pouco a fera voltava.

— Que diabo estás para ahi a fazer? Agarra n'aquelle cantaro, mandriona, e vae á fonte, que não ha pinga d'agua em casa. Muda-te...

Ella então levantava-se logo e partia.

Cá fóra, rodeava o cerrado, subia a encosta, enfiando pelo grande pinhal, que se alastrava até ás abas da serra. A poucos passos, parava junto d'agua purissima e crystalina. Ali então, n'aquelle recanto perdido da matta, a pequenita tinha um desabafar intimo:

— Ah!... que, se tu fôsses minha mãe, não me tratavas assim, não. A minha mãe devéras... essa está no céo!... Lá em cima. E, com os formosissimos olhos rasos d'agua, ella fixava ardentemente na immensidade do azul um ponto, onde, na sua fé ingenua de creança, ella acreditava estar a mãe, a que Deus lhe levára para sempre. Do seu pequenino seio opprésso sahia um dorido suspiro, como perfume santo.

*

* *

O pae da Rosita voltava de noute d'uma villa proxima, quasi sempre n'um estado de embriaguez bestial. Esse não lhe batia nunca, mas tambem não tinha para aquelle rosto angelico nem um carinho, um afago sequer. Apezar de feia, a madrasta da Rosita era comtudo d'uma plastica de formas opulentas e tinha um amante. Quando o marido estava fóra, vinha o outro. Entrava em casa, e a madrasta tomava então um pretexto para afastar a pequenita, mandava a a caminho da villa, levar á irmã um bilhete.

A pequena seguia logo.

Chegava á villa, enfiava por umas ruas tortuosas, estreitas, immundas, e batia a uma casa terrea. Vinha abrir uma velha gôrda, que a fazia logo entrar. Dentro, n'uma sala, havia quasi sempre mulheres, novas ainda, as faces coloridas a carmim e muito pó de arroz, flôres espetadas nos cabellos. Ellas fumavam, e alguns rapazes, muito á vontade, diziam-lhe graçolas obscenas.

A pequena, os olhitos muito abertos, ficava-se pasmada a olhar para aquillo tudo, n'uma indagação vaga de creança.

— Que diabo queres tu? dizia-lhe uma d'ellas, a irmã da madrasta.

— Faça favor de lêr este bilhête.

A outra lia.

— Logo vi, a cegarréga do costume. Que diabo fará teu pae ao dinheiro? Jôgo e mais jôgo!... Anda cá...

Lá dentro, no quarto, dava-lhe dinheiro.

— Entrega isto a minha irmã, e dize-lhe que os tempos vão maus, ouviste?...

Tinha então uma caricia para a pequenita, passava-lhe a mão fina, cuidada, pelos cabellitos fulvos.

— Ouve lá, e do teu irmão?... indagava.

— Nunca mais houve noticia.

— Teu pae, aquelle teu pae é que o metteu em trabalhos. Os dois fizeram aquella morte, isso é tão certo como eu chamar-me Aurelia. Pobre rapaz!... Sempre ha paes bem desnaturados.

— Eu sei!... tartamudeava a pequenita, muito pallida.

— Coitadinha, pobre anjinho, que tens tu com isto!... E mudando de assumpto:

— Olha lá, a minha irmã inda te bate muito?...

Como a outra se ruborisasse toda pregando os olhos no chão, sem dizer palavra, continuou:

— Sabes?... se te dér, fóge, vem para aqui, entendes?... sempre levarás melhor vida. E agora... vae-te, vae-te, que é tarde.

*

*   *

Uma noite, dormia havia muito a Rosita sobre as palhas duras da enxêrga, embrulhada na manta esbu-

racada. Ella acordára, devia ser muito tarde, o gallo cantava lá fóra, e a distancia ouvia-se o guisalhar da diligencia, que passava para cima, na estrada. Pela porta, meio aberta da alcôva, vinha uma restea de luz afogueada, e ella sentira vozes na cosinha. Vozes, áquella hora!... Ergueu-se a meio, curiosa e espreitou.

Junto da lareira, em roda do fôgo, estava sentado o pae, a madrasta, e uns homens estranhos, de cabellos esguedelhados, aspecto repugnante. Falavam animadamente, mas em voz baixa, allumiados só pela chamma da lareira, que lhes avivava cruamente os rostos n'uns tons avermelhados, por entre as sombras que os envolvia.

— Pódem falar á vontade, a pequena dorme a somno solto.

— As parêdes teem ouvidos, tornou um d'elles.

E continuaram a cochichar entre si.

De repente ella sentiu o pae levantar-se. Ouviu lhe os passos pesados no lagêdo da cosinha, elle acercou-se da porta da alcôva e escutou longamente; depois, continuavam os mesmos passos pesados, cadenciadamente. O zum-zum das vozes crescia agora, mais agitado, até que o pae disse mais alto:

— Bom, está combinado, contem commigo, pela meia noite lá estou á horta da Sérra.

Calou-se tudo. Pouco depois fôram sahindo todos, a um por um, silenciosamente.

A pequenita fechára os olhos e encolhêra-se toda na enxêrga, o pae entrava agora para a alcôva e mais a madrasta.

Na cosinha morria lentamente o clarão avermelhado, e os vidros do pequeno postigo embranqueciam vagamente á luz dubia do romper d'alva.

*

* *

Passados dias um grande crime alarmava toda a villa proxima e arredores. A justiça andava na piugada dos criminosos. Fôra preso o pae da Rosita e ella mesma com a madrasta tinham sido interrogadas; mas por fim o pae da pequenita fôra solto, por falta de provas.

A vida tornava-se agora um tanto mais suave para a Rosita. A madrasta já lhe não batia quando, de volta do peditorio á diligencia, ella não trazia esmola. Havia mesmo na sua enxêrga dura um cobertor novo, mais pesado e quente do que a velha manta esburacada.

D'uma vez, a pequena andára todo o dia pelo pinhal, á lenha; o sol estava quente, um bom sol de maio. No pinhal as rôlas gemiam amôres no mais profundo, no mais cerrado da matta; os gaios, de plumagem garrida, passavam alegres, n'um vôo rapido, cortando o azul, uns atraz dos outros. Ella respirava a longos tragos o ar embalsamado, acre e resinoso, que lhe enchia de vida nova todo o seu ser pequenino. Seguia pelo carreiro, o grande molho de lenha á cabêça; de repente, duas borbolêtas, de côres muito brilhantes, com scintillações de joias finas, entram de saltitar na sua frente, mesmo alli ao pé, qual de cima, qual de baixo, n'uma dança frenetica. A Rosita deita para o lado o molho de lenha, e desata atraz d'ellas, a correr doidamente. Atira-lhe com o lenço, mais dois passos e vae alcançal-as, mas... qual?... se ellas tinham azas!... E como que rindo zombeteiras, volitando doi-

damente, subiam sempre, perdendo-se por esse azul fóra.

Ella ficou-se pasmada a vêl-as sumir-se de todo, depois voltou, cançada; tornou a pegar no pesado mólho e seguiu pelo carreiro. Levava a cara afogueada, coberta de suór, palpitava-lhe com força o coração; a poucos passos encontrou agua crystallina que descia da serra; poisou de novo a lenha e deitou-se de bruços a beber á farta d'aquella agua frigidissima, que a consolava. Depois quedou-se sentada n'uma pedra a vêr correr a veia limpida tremulante que em afagos constantes parecia teimar em querer levar comsigo uma florita singella debruçada á beira da corrente.

Assim esteve por algum tempo, n'uma doce quietação, um ventinho fresco soprava da serra; por fim, o grande mólho á cabeça, seguiu caminho.

Ao chegar a casa sentiu uma pequena dôr, não quiz cear, deitou-se mais cêdo.

Pela noite adeante, um frio intenso a fazia tremer toda. De manhã ardia em febre, e a dôr cada vez mais forte, persistente n'um dos lados, que a não deixava respirar.

*

* *

Passavam os dias e a Rosita sem melhorar. Havia muito que o pae não vinha a casa, e a outra principiava a inquietar-se. Foi-se em busca do amante, contou-lhe que a enteada estava mal e o marido não apparecia.

— Se queres dou uma volta pela villa, a saber d'elle.

— Pois sim; e, de caminho, diz ao *Zé* Manuel, o boticario, que venha ver a rapariga.

— Como quizeres. Achas então que está mal?

— Eu cá parece-me.

— Pois, até logo.

Ella voltou, na direcção da casita. No profundo silencio sentia-se o ronquido soturno e cavo do estertôr, n'um resfolegar sibilante.

Era ao caír da tarde quando o outro voltou com o boticario.

— Então onde está a doente? indagou o curandeiro.

— Ahi na alcôva, faz favor de entrar.

Mas á porta o amante chamou-a de lado e disse-lhe rapidamente:

— Sabes, prenderam teu marido,

— O que me dizes?... disse ella aterrada.

— Hoje mesmo, ha boccado, na taberna do Vidinha, dizem que é um dos do crime do casal da horta da Serra.

A outra ficou-se pallida como um cadaver a olhar pasmada para o amante, sem dizer palavra.

N'essa occasião chegava o boticario.

— Manda enterrar a pequena... (disse sêccamente).

— Morreu a Rosa?... exclamou ella.

— A' maior parte d'ellas succede o mesmo, tornou o boticario; quando me vão chamar, já as tem levado o diabo. Agora o padre que faça o seu officio; se queres eu lá o aviso na villa.

— Sim senhor, faça-me essa esmola.

O boticario ia descendo, caminho da estrada, os dois continuavam parados no alto, junto da porta, e as sombras d'ambos, muito estiradas pelo sol, que declinava no poente, alongavam-se, esguias, no esbranquiçado do terreno. Lá dentro, a Rosita, morta, no silencio absoluto da alcôva.

*

* *

Quando, no outro dia, vieram a buscar a defuncta, com grande espanto não encontraram ninguem em casa; sobre as palhas da enxerga jazia só o pequeno cadaver, hirto, gelado.

A outra fugira para longe com o amante.

Era ao lusco fusco quando os quatro homens, com a tumba aos hombros, seguiam a caminho da villa. Presa a um dos cantos da tumba, uma campainha badalava monotonamente. Mais atraz, o abbade, montado na sua egua, conversava ainda sobre o caso com o sacristão:

— Sempre ha creaturinhas de Deus com bem má sina!...

— Uma córja de malandros!... é que o *sôr* abbade ha-de dizer.

E apontando para a casita, cujo perfil se desenhava no alto:

— Aquillo... era coito de vadiagem, quem sabe o que por alli se teria tramado!...

O abbade tinha um gesto approvativo e ia dando de esporas á egua.

Na grande tumba negra o corpito da Rosita avultava pouco. Vinha caíndo a noite, e a lua, da immensidade profunda, com a sua luz pura, suave e fria, prateava lhe vivamente o sudario alvo, que a cobria toda.

Papeis velhos

A meu irmão João

Eu recebera a carta de Jorge e partira.

Havia um mez que o avô lhe morrêra e elle pedia-me que fôsse ajudal-o a mitigar a grande dôr que o opprimia.

Todo o santo dia eu caminhára por essas velhas estradas, bifurcado n'um macho, o creado na frente despachando leguas e cantarolando cantigas ou contando-me casos varios, cheios de peripecias picarescas, de intrigas d'aldeia. Pela tarde avistava emfim a casa do meu amigo José de Moura. Lá estava, ao fundo da aldeia, vasto edificio, o grande pateo em frente, e o jardim subindo em socalcos pela encosta, fechado por altos muros. Sentia invadir-me uma impressão dôce e triste ao revêr aquelles logares, que havia tanto eu deixára. Recordações da minha mocidade vinham de toda a vasta paizagem, que se desenrolava na minha frente, da modesta aldeia, da grande casa d'aspecto sombrio, monachal, de tudo isso que

avistava agora. Essas recordações subiam até mim como um perfume suavissimo.

E eu, cavalgando o possante macho, ia descendo pelo caminho estreito e ingreme.

Toda a aldeia se desenhava já nitidamente: das chaminés das casitas subia, de onde em onde, uma tenue columna de fumo azulado, por uma quélha ([1]) iam correndo uns porcos negros, pressurosos, grunhindo sempre, em busca da córte. Na pequena praça, á porta d'uma taberna, um homem, montado n'um garrano, bebia um copo de vinho que o taberneiro, de braços arremangados, lhe trouxéra. N'uma loja em frente estacionavam, á porta, n'um banco de pedra, dois ou tres camponezes. Por um carreiro estreito subiam da fonte, que ficava n'um recanto, occulta pela ramaría d'uns chorões, um grupo de raparigas, em fileira, umas atraz das outras, airosas, direitas, os cantaros vermelhos, de barro, á cabeça.

No jardim da casa de Jorge eu via agora um vulto, em pé, que me acenava com um lenço, o Jorge que me avistára já.

A paizagem tinha lá ao longe uns tons phantasticos: o ceo velára-se de largas manchas de nuvens acastelladas, e, uma estirada nêsga de planura, que se enxergava ao largo, toda carregada de sombra, tomava uniformemente um tom azul ferrête; no meio porém d'esse tom sombrio, uma grande povoação, que ficava distante, via-se destacar n'um farrapo de luz, vivamente batida de sol. Era admiravel!...

Que delicioso encantamento me tomava em vista d'aquelles sitios queridos!...

D'alli a pouco eu entrava emfim na aldeia. O som das ferraduras do macho amortecia-se agora ao passar uma extensa estrumeira; e eu ia seguindo pelas rua-

---

([1]) ruasita estreita e escusa.

sitas estreitas, com o creado á frente n'um gingar de braços automatico, a jaquêta aos hombros, o chapéo braguez descahido para a nuca. A's janellas das casitas pobres assomavam rostos curiosos, e eu tivéra de estacar a andadura do macho, pois que umas poucas de cabras e reixêlos me estorvavam a passagem; mas tudo enfiava á mistura por fim o largo portão d'um pateo, com o cabreiro atraz, e eu seguia sempre. Atravessava então a pequena praça, onde estacionava ainda, junto da taberna, o homemsito a cavallo no garrano, e o taberneiro, ao ver-me passar, olhava-me de lado, indagando do outro com um gesto se me conhecia.

Pouco depois, parava junto do alto portão do grande pateo, onde apparecia emfim o meu amigo.

*

*   *

Quando no dia seguinte, depois d'um largo somno reparador, eu accordava na alta cama de pau preto, d'uma largura descommunal, já sentia em baixo, no andar inferior os passos do Jorge, no escriptorio, compassadamente, d'um para o outro lado. Relanceei o olhar para o meu relogio, á cabeceira, marcava nove horas. De um repelão deitei para o lado a roupa da cama e tratei de vestir-me.

Um bello sol irradiava sobre os campos uma claridade viva, e inundava de luz pura o meu aposento.

Que dia encantador!... E eu pensava já em desafiar o Jorge a um bom passeio, depois do almoço, lá a baixo, ao pomar, que avistava, fechado nos altos muros, junto do pequeno ribeiro.

Jorge, que me sentira os passos, viera ter commigo.

— Então, que tal?... Dormiu-se bem?

— Oh! Jorge... como um bemaventurado!... Aquella cama é tudo quanto ha de suave e brando, uma delicia paradisiaca!... paradisiaca... se lá por essas celestes paragens ha... leitos, já se vê.

— Pois, menino, vê se te despachas, que minha mãe e a avósinha esperam-nos para o almôço.

— E' n'um prompto, vaes vêr. Dize cá, e depois d'almoço não vamos dar um passeio, extender as pernas? Olha, tinha minha vontade de ir até ao pomar, ainda lá existe o moinho? do lado de cá, encoberto pelos grandes choupos?...

— Sim, ainda.

— E uma loira que lá havia, com uns olhos de gazella, de olhar suavamente feiticeiro?

— Casou o anno passado e vive no moinho ainda.

— Pois tu deixaste-a casar!... Oh! Jorge, que valente rabecada tu levaste por causa d'ella, lembras-te?...

— E' verdade; meu pobre avô!... coitadito!...

— Era um puritano, intransigente...

— Puritano? Talvez que o não fosse propriamente...

Mas, ao fundo da escada, a creada perguntava se o almoço podia ir para a meza.

— Dize-lhe que sim, Jorge, que sim.

E á pressa eu dava a ultima demão ao nó da gravata.

*

* *

A' grande meza estava já sentada a mãe de Jorge, senhora ainda bem disposta, d'uma physionomia de santa, attrahente e bôa, e a avósita, muito velhinha, os cabellos como fios de prata.

O almoço correu tristemente; debalde eu tentava orientar a conversação para assumptos alegres, tudo

me sabia banal, e a mesma idea pairava no animo dos quatro: a dôce recordação do bom velho que partira para sempre.

— Que momentos felizes aqui passámos todos já, n'outros tempos!... Dizia me a mãe do Jorge.

— O passado... passado, minha senhora, respondia eu canhêstramente.

Mas a conversação voltava sempre ao mesmo ponto, e, muito naturalmente, todos falavamos emfim do grande extincto, n'uma saudade viva.

Findo o almoço, eu resolvia Jorge a acompanhar-me no tal passeio ao pomar, lá abaixo, junto do ribeiro. Despedira-me das senhoras. Ao atravessar aquelles vastos aposentos da grande casa, triste como um mosteiro abandonado, disse-me Jorge:

— Antes de irmos ao pomar, vem commigo ao escriptorio, quero mostrar-te uma coiza.

No escriptorio, todo forrado de altas estantes com livros, o Jorge sentou-se á grande secretária de vinhatico.

— Para que diabo me trouxeste para este gabinete, soturno como um claustro, em logar de partirmos por ahi fóra a dar vida aos pulmões e alegria á alma com esse sol que encanta?... perguntei eu. Jorge, sem me responder, agarrára n'uma d'estas escrivaninhas antigas, em formato de pequena caixa, e abriu-a.

— Ha pouco disséste-me que o avô era um puritano, antes de irmos ao tal passeio, fuma ahi pacificamente um cigarro sobre o café do almoço e lê-me esses papeis velhos, disse-me elle.

— Papeis velhos?... alguma arvore genealogica.

— Não, tornou Jorge. Ainda ha pouco me lembras-te aquelle episodio com a moleirita do pomar; recordas-te perfeitamente da severidade, por vezes rude, do santo velho do meu avô em leviandades d'amores, pois... parece que nos seus verdes annos não foi precisamente dos mesmos rigores, impecavel. Lê...

E mostrava-me um pequeno massête de cartas, atado com uma fita de sêda d'um azul gasto, muito desbotado. Abri, ávido de curiosidade.

Continha o massête cinco cartas, a tinta da lettra bastante delida, o papel com aquelle cheiro a bafio, peculiar das coisas, que jazêram longo tempo fechadas.

No sobrescripto da primeira, lia se: *A' Monsieur*** à... je ne sais où!*

— A scena passa-se em França?...

— Sim, verás, lê.

Dentro havia uma carta em francez firmada por Josephine de***, a qual lhe dava o tratamento d'irmão e mostrava o seu muito sentimento e de toda a familia pela partida d'elle e dos mais, especialisando M.eur M***; e terminava com protestos de sincera amizade, pedindo-lhe as suas noticias e que se não esquecesse da sua familia da França, promettendo continuar a corresponder-se com um irmão que ella amava como uma irmã póde amar outro irmão.

Por baixo da assignatura lia se n'outra lettra:

Tournez je vous prie.

Voltei a pagina e li:

«Não julgava ter noticias minhas senão em *S.t Jean «de Luce*, mas, para lhe provar o meu affecto, apro«veitei a primeira occasião que tive de lh'as dar. Meu «querido primo, é necessario que seja bem forte este «affecto para eu saltar assim por cima das convenien«cias; mas, a confiança que tenho em si, faz-me crêr «que não terei que arrepender-me da minha com«placencia. Ai!... meu querido primo, á hora a que «lhe escrêvo, está já bem longe de nós; como esta au«sencia é terrivel!... O que será pois quando já o «não tiver na minha patria!... Sinto que, quanto «mais se afasta, mais lhe quero; não tenho já receio «de lh'o dizer, pois que não o tornarei mais a vêr tal«vez em vida minha. Oh! amavel*** lembre se da

«promessa que nos fez de voltar a vêr-nos; é-me ne-
«cessaria esta esperança para me fazer supportar com
«paciencia os soffrimentos intoleraveis da ausencia!
«Adeus. — Sua fiel

Clemence.»

Não tinham data as duas cartas.

— Adoravel a tal *Clemence*, disse eu ao terminar a leitura. Não sabia que teu avô andara por lá d'amores.

— Esteve em França depois da campanha da Peninsula, elle e outros companheiros d'armas, e, como vês, inflammou d'amor o coração d'essa franceza.

— E em que ponto de França esteve elle?

— Vê essa carta, escripta em francez correcto, datada de Angra, em 14 de Julho de 1814 e firmada por um primo do avô de Jorge: Dizia elle que a carta que lhe tinha escripto de *S.t Porquier sur la Garonne*, a tinha recebido por via de S. Miguel. Descrevia os usos e costumes da ilha Terceira, como bom observador, não se esquecendo de affirmar que havia entre as insulares verdadeiras bellezas. Depois de varias outras considerações, seguia falando então largamente de uma Adelaide que, pelo visto era franceza, e estava em *S.t Porquier*.

— Pois, menino, as francezas gostavam bem de portuguezes, ao que parece, n'esses bons tempos d'então.

— Se este assumpto te vae interessando, disse-me Jorge, lê agora as cartas restantes.

A primeira era outra carta de *Clemence*, com data de 2 d'Outubro de 1814, em *S.t Porquier*.

— Vejamos:

«Que nome devo dar-lhe? (principiava ella). Não já
«o de primo, ou d'amigo!... O seu silencio de ha dois
«mezes de mais nos preveniu de que é tempo de re-
«nunciar a esses doces titulos! O passo que dou, es-

«crevendo-lhe ainda, é por certo bem inutil, e con-
«trario á altivez natural do meu sexo; mas não tive
«força bastante sobre o meu espirito para me recusar
«a mim mesma este ultimo allivio, e pintar-lhe a es-
«tranhez que o seu esquecimento faz sentir á mi-
«nha familia. Que para mim não tivesse o mesmo af-
«fecto, que esse sentimento, que me pintou com tanto
«fôgo, se apagasse, não teria isso nada de extraordi-
«nario, pois que a inconstancia é innata nos homens;
«mas, que a amizade de sua irmã, a viva affeição das
«nossas familias não tenham direito algum sobre o seu
«coração, e que o affecto, que por ellas tinha, desap-
«parecesse á vista da sua patria, é o que me é duro
«acreditar; n'isso ultrapassa os francezes, que são le-
«vianos, mas não ingratos para com os seus amigos.
«E, no emtanto, quanta vez não censurou o caracter
«d'elles!... Ainda que não fosse mais do que por sus-
«tentar o que affirmava a respeito da constancia da
«sua nação, não deveria ter-nos esquecido tão depressa.

«Perdôe*** estas pequenas censuras, são as ultimas
«que receberá de mim; creio bem que nos não tornare-
«mos mais a ver, e o que mais doloroso é inda, que
«não receberemos mais noticias suas. Oh! meu Deus,
«será isso verdade?...

«Pois quê! lerá esta carta sem que a minha dôr o
«impressione?... Ah! é bem necessario que d'isto
«me convença, pois que nós estamos inteiramente ris-
«cados da sua memoria. Oh! meu primo, (perdôe-me
«este nome, tão profundamente gravado no meu cora-
«ção, que, apesar dos meus esforços, se encontrou nos
«bicos da minha penna), tudo o que nos disse, e es-
«creveu, era pois puro fingimento! A sua ultima car-
«ta era tão affectuosa, promettia-nos uma dedicação
«eterna, e fazia-nos esperar o tornar a vêl-o um dia.
«Para que nos pedia tão instantemente noticias nossas,
«quando era a ultima vez que nos dava as suas?...
«Ah! não valia a pena ter tanto trabalho para nos

«pintar sentimentos que não possuia. Ai!... eu não «fui senão apressada de mais em satisfazer os seus sup«postos desejos, porque escrevi duas ou tres vezes para «Portugal. Mas é tempo de terminar esta carta, tor«nar-me-hia prolixa, e não quereria que o ultimo dos «meus escriptos o enfadasse. Acabo pois desejando-lhe «toda a sorte de prosperidades e felicidade, são esses «os meus votos de todos os dias, e os da minha fami«lia. Sim, apesar da sua ingratidão, é-nos sempre que«rido, a recordação da sua pessoa viverá sempre entre «nós. Adeus***, é um eterno adeus que lhe dou!... «ah! e não sem derramar bastantes lagrimas... pu«dessem ellas enternecel-o e fazer com que nos désse «as suas noticias. Adeus pois, meu querido primo, «adeus pela ultima vez...

*Clemence de****

Ao terminar a leitura d'esta carta eu pensava commigo na vehemencia do amor d'essa franceza; como essas phrases eram repassadas de puro sentimento, d'um desanimo e tristeza amarga!...

— Que *tyrannête* me sahiu o bom do teu avô, disse eu a Jorge.

— Verduras da mocidade. Vê ainda essa terceira carta, se te não aborrece.

— Vamos a isso. Esta lettra é minha conhecida Jorge, disse eu, mal abri a carta.

— E' do avô. Parece que elle ligava tanta importancia a essa carta que, deteriorando-se ella por qualquer razão, a copiou.

— Vamos á carta.

No alto lia-se:

Copia de huma carta, datada de de *S.t Porquier* a 9 de Novembro de 1815.

«E' pois verdade, meu querido primo, que nenhuma «das minhas cartas lhe tenha chegado ás mãos? To-

«dos lhe escrevemos, a sua mamã, seu irmão, sua ir-
«mã e Madame de*** Quanto ás vezes que lhe tenho
«escripto depois da nossa separação, querido***, vêr-
«me-ia em graves embaraços para as contar. Escre-
«ver-lhe e reler as suas cartas constitue a minha prin-
«cipal e mais dôce occupação. Accusa-me de indiffe-
«rença e esquecimento quando é certo que reina so-
«beranamente no meu coração ; e confesso-lhe que por
«vezes elle está bem triste ao entregar-se a um prazer
«que hoje se torna em inferno!... Mas esse prazer
«traz-me então á memoria, mais vivamente, aquelles
«que experimentára durante a sua estada aqui, praze-
«res que não mais sentirei, pois que a sua pessoa me
«foi arrebatada para sempre!... O senhor é, pois, um
«ente morto para mim!... Estas reflexões, que muita
«vez faço a mim mesma, deviam curar-me d'esta lou-
«cura, mas não fazem mais do que tornar-me desgra-
«çada, em logar de me serem cura.

«Oh!***, se tivesse recebido todas as minhas car-
«tas, não me perguntaria se sou feliz, e não duvidaria
«do que me apraz repetir-lhe n'esta carta, jurando-lhe
«que é o primeiro homem que me fez sentir que eu
«tinha um coração, o qual se lhe entregou, que o se-
«nhor só possuirá sempre, apesar de ter perdido toda a
«esperança de o tornar a ver n'este mundo, apesar de
«que o futuro me offerece com que provar-lhe a minha
«constancia, visto quererem ligar-me a um homem que
«detesto, pois que elle não é***, e que não cessarei nun-
«ca de ser a sua fiel prima Clemence de ***...

«Não córo ao fazer-lhe estas confissões; a grande
«distancia, que para sempre nos separa, desculpa a
«inconveniencia ; e, visto que o Céu não quiz que eu
«juntasse a minha sorte ao unico homem que sómente
«eu possa amar, que ao menos me seja dado o lançar
«no seu seio as penas que elle fez nascer. Imite a minha
«franqueza, meu querido primo, dê-me parte dos seus
«prazeres, e penas, se as tem ; diga-me se casou, ou

«vae em breve casar; não receie falar-me da minha fe-
«liz rival; fique certo de que não amo egoistamente,
«que faço os mais ardentes votos por que seja feliz, e
«que, se elles forem ouvidos, gosará a felicidade a
«mais pura, a mais duravel. Sim, meu querido primo,
«a minha felicidade depende só da sua, em qualquer
«parte, que a encontre, apósse-se d'ella, participe-m'o,
«e eu serei contente; apenas lhe peço em paga da mi-
«nha constancia um pequeno logar no seu coração na
«qualidade de prima adoptiva, e que por vezes me dê
«as suas noticias.

«Mas, é tempo de acabar de lhe falar em mim;
«deixo-me levar no prazer de lhe pintar a minha af-
«feição e não penso que esta carta vae já longa.»

Em resposta a uma pergunta do avô de Jorge, havia depois longas considerações sobre a politica do seu paiz, sobre os ultimos acontecimentos, tratando de infame usurpador a Napoleão, e mostrando-se uma realista de convicta. Terminava:

«Toda a minha familia me encarrega de lhe assegu-
«rar protestos de eterna affeição; como eu, ella não o
«esquece nunca; a sua pessoa é muita vez o assumpto
«das nossas conversações, particularmente da sua irmã
«e da sua prima. Adeus, querido***, pense alguma vez
«na sua

*Clemence de***.*»

— Que coração de mulher! exclamei, vivamente impressionado,

— Já vês que o avô não era perfeitamente um impeccavel.

— Amor!... a eterna nota que vibrará sempre na humanidade inteira; e talvez o primeiro amor!... Teu avô era então muito novo, voltava de França, a vista da patria, a ausencia da mulher que o impressionára, a sua mocidade irrequieta, cheia de ardor! que que-

res?... foi ingrato duramente, é certo..., mas attenuam a sua grande falta os verdes annos. Dize-me, e a tua avó conhece estas cartas?

— Creio bem que não.

— E tu não sabes mais nada sobre estes amores?... Quem era a franceza?...

— Não; apenas uma outra carta d'um primo José (que desconheço) dá a perceber que a tal franceza não era feia, e pouco mais adeanta. Ahi tens a carta, um tanto ou quanto genero naturalista.

— Naturalista?... vejamos, vejamos.

Rezava a carta:

«Primo do coração.

«Como parente, e mais ainda como amigo, não devo «ser insensivel, e certamente o não sou, a tudo o que «possa ser para ti prazer ou desgosto. Eis aqui por«que esta vai dar-te os pezames da prematura ordem «que a passo de cão te fez evacuar o Porto. Terrivel «coronel! O Anjo exterminador não foi tão cruel «quando fez despejar o Paraizo a nossos primeiros «Paes. Em Eden havia muita fructa, mas não consta «que lá houvesse Madamas nem bailes; e o bom «Adão foi levando comsigo a *Pécora*. Porém que tu, «meu***, sem quê nem para quê, te visses obrigado «a deixar a companhia das senhoras, e a perder o dia «7 de Janeiro em que naturalmente ias fazer duas pi«ruêtas á *Feitoria*! (1) isto é mais que desgraça. Que «rude prova para a grandeza da tua alma!!...

«Mas um amigo como eu não deve limitar-se a es«tereis expressões de sentimento, devo-te os meus con«selhos, e não poderia dar-te algum melhor do que «pedir-te que leias uma e muitas vezes a nova carta «de Mademoiselle de*** (Clemence). Estou persuadido

(1) Club da primeira roda do Porto d'então.

«de que esta leitura será um balsamo saudavel para as «feridas do teu maguado coração. Tu pódes fazer ainda «mais: tens uma imaginação viva, e, se a exaltares «com a lição de todas as cartas da bella camponeza, «podes muito bem fazer em espirito uma viagem á «França e passar lá alguns momentos com esta semi-«fidalga. Isto não é novo; S. Paulo viajou d'este modo «até ao terceiro Céu. E' verdade que não és santo co-«mo elle, mas tambem a viagem que tens a fazer é «mais pequena.

«Se o meu arbitrio te parecer insufficiente invoca a «paciencia de J** para engulires esta amarga pilula, «resigna-te com a vontade de Deus e do teu coronel, «e offerece tudo em desconto dos teus peccados de «omissão para alcançares a verdadeira felicidade que «te deseja ...teu primo

José.

Amen.

«Peço tres abraços, um para o Josésinho, outro para «o teu coronel em paga de te arrancar para fóra do «paiz das tripas, e outro para uma tenção particular «que facilmente adivinharás.»

— Que grande ratão devia ser este primo José, com a sua carta em fórma de sermão!... sim senhor. Mas, dize-me, e nada mais pudeste colher sobre os amores de teu avô com Clemence?

— Nada mais.

— E' pena. Que daria eu para desvendar o mysterio por completo!... Saber o que fôra feito da bella demoiselle de***, d'essa doce creatura que as suas cartas deixam entrever d'uma alma angelica, fremente d'amor, curvada ao abandono do ente sempre preferido da sua alma, que, apesar de tudo, *embora o considere um ente môrto*, o ama com a mesma constancia, com divina resignação, com abnegação sublime!... *Sabêl-o feliz era sêl-o ella!* Que magnanimidade de alma!...

E, n'aquella mesma cadeira abbacial, em que eu via agora Jorge, n'aquelle mesmo gabinete frio e sevéro, forrado de livros, eu revia o santo velho do avô de Jorge, com o seu tom suavemente bondoso, magestatico, as longas e finas barbas em fios de prata, o olhar dôce e bom. E ainda na minha phantasia o revia aventuroso, fascinando corações de mulher, que se lhe dedicavam até ao delirio, esquecendo-as voluvel, ardente d'amor por outras, pela avósinha de Jorge, que eu sabia que elle amára com todas as forças da sua alma.

— Guarda essas cartas, disse eu a Jorge, e que a boa velhinha não saiba da sua existencia. E agora, anda d'ahi, vamos por ahi fóra, até lá abaixo, ao moinho, vêr se a loira ainda está bonita.

*

* *

Quando eu e o Jorge desciamos pela encosta, o sol doirava os campos, n'uma suavidade de vida, de calôr bom.

E vinha então ao meu pensamento a phrase que o avô de Jorge me repetira tanta vez ao contar-me parte da sua vida, agitada nas convulsões das batalhas : Soffri muitas privações, muito mau boccado, mas... ouça bem, os rapazes de hoje em dia não são capazes de se divertir... como eu me diverti por esse mundo fóra.

O perfume

A José Cesar Ferreira Gil.

Ia a noite tepida e escura.

A lua, velada pelas nuvens, muito densas, punha em toda a abobada celeste uma transparencia opalina, onde os amontoados de outras nuvens mais negras, ennoveladas, se moviam muito lentamente, desfazendo-se aqui, agglomerando-se mais além. A meio, via-se uma estreita nesga, esfarrapada, de céu, e a lua, com a face encoberta, bordava as orlas d'essas nuvens de franjas de espuma, d'um prateado muito vivo.

No jardim, os arbustos tinham um verde sombrio, quasi negro, destacando, espalhadas de longe em longe, como nodoas alvacentas, as silhuêtas vagas das estatuetas. Ao fundo a grande matta esfumava-se incorrectamente, como enorme e negra mancha, alastrando-se pela encosta fóra, até se perder no escuro. Por entre a ramagem myriades de pyrilampos fulgu-

ravam, como pequenos pontos phosphorescentes, tremulantes, indo e vindo, n'uma dansa phantastica de diamantes. A distancia sentia-se o fragôr d'uma quéda d'agua que, vindo da montanha, se despenhava de alto em leito de fragas, na garganta apertada do valle.

A meio do jardim levantava-se a casa do commendador. Se cá fóra tudo era deserto e ermo, lá dentro havia vida e movimento, o calor da festa. Atravez das janellas, fortemente illuminadas, viam-se passar rapidas as sombras enlaçadas, no revolutear doidejante da valsa.

O commendador dava baile ; fôra n'esse mesmo dia pedida em casamento a sua filha Branca, uma gentilissima creança de dezesete annos. O noivo era o barão de Inhatuá, brazileiro abastado, que tinha bem mais trinta annos do que Branca, mas a sua fortuna fazia com que o commendador levasse muito em bem tal casamento.

Era noite alta e a festa estava no seu auge. A' luz quente e viva dos lustres e candelabros, toda aquella multidão, que enchia os salões doirados, se mostrava radiante de prazer.

Todos... não. Alguem soffria torturas infernaes.

*

*   *

E no meio do jardim, encostado ao pedestal de um Fauno, um rapaz de vinte annos não despregava o olhar das janellas illuminadas.

Quem lhe podesse enxergar a sympathica physionomia, veria um semblante inteiramente transtornado por uma angustia intima. E, por cima, no seu pedestal de marmore, o Fauno parecia rir alarvemente de todo aquelle soffrer.

O rapaz era um primo de Branca, que ella amava perdidamente, mas que, não tendo posição, desesperára de casar com a prima quando o commendador terminantemente lhe negára um dia a mão da filha.

A' tardinha recebêra de Branca um bilhete que dizia: «Hoje, depois da meia noite, entra pela matta no sitio em que o muro está cahido e espera-me no jardim.»

Se viria... dizia elle comsigo, e suspirava reprimindo o tumultuar irrequieto que se agitava no intimo do seu peito.

Havia muito que esperava. Cessára a valsa nos salões doirados.

Em redor o silencio era profundo, cortado só ao largo pelo *uáá* da quéda d'agua que, ora se perdia n'um *smorzando* gradual, ora subia de intensidade, em *crescendo* grande.

De repente, a porta, que ficava ao alto da escadaria exterior, descerrou-se mansamente e uma forma branca deslisou rapida escada abaixo.

— Eugenio... Eugenio... (murmurou baixinho).

Elle correu ao seu encontro.

— Oh! Branca!... julguei que não vinhas.

— Anda, vem commigo.

E guiava-o para um caramanchão, a um canto do jardim.

— Aqui poderemos falar mais á vontade, disse ella. Ouve bem: tu sabes que meu pae deu a minha mão ao barão...

— E tu...

— Eu não fui vista nem achada em coisa alguma; meu pae diz que sou muito nova para saber o que me convém, e ha de querer que este enlace se realise fatalmente.

— Mas... não querendo tu...

— Eu não caso com aquelle homem por coisa alguma d'esta vida. Ninguem me pode obrigar, bem o sei.

Comtudo tenho medo dos rigores a que meu pae me pode sujeitar; ainda conservo bem impresso o que lhe soffreu a minha santa mãe!... Não quero, tenho medo!...

— Mas...

— Ouve. Não ha tempo a perder. Sabes que te adoro, meu amor, que não quero ser senão tua; pois bem, leva-me d'aqui... fujâmos para longe, para onde quizeres, com tanto que seja já... já.

E era irresistivelmente fascinadora.

A lua rompia emfim as nuvens, e, coando-se pela folhagem, o luar ia bater-lhe em cheio no seio e hombros nús; o rosto, animado, tinha uma expressão de doçura e de angustia adoravel, e o seio, alvo e perfumado como o lirio, n'aquelle arfar ancioso, levantava docemente as rendas finas do decote.

Enlaçara os braços de neve ao pescoço de Eugenio e, com os labios quasi juntos dos d'elle, sorria, na provocação d'um beijo, de mil beijos sensuaes, n'essa bocca, que se offerecia, sedenta d'amor. Eugenio estreitava contra o peito o busto gentil de Branca, cruzavam-se os olhares n'um arroubamento, por fim os labios collaram-se n'um beijo ardente e prolongado. Ella repetia sempre, adoravel, febril: «amo te!... amo-te!... oh!... leva-me... leva-me.»

Este delirio durou um momento só.

Eugenio acordou como se despertasse d'um sonho:

— Branca... Branca!... que tudo isto é uma loucura!... eu sou pobre e... não se vive d'amor.

— Oh! não. Foge commigo... tira-me d'aqui, senão eu morro!...

E, n'um chôro convulsivo, estreitava-o mais, enlaçava-se a elle, como um pobre naufrago, desesperadamente, á taboa salvadora.

As nuvens densas velaram outra vez a face pallida e fria da lua e os dois amantes ficaram de novo immersos em sombras.

*

*   *

Então, ao cimo da escada assomou um vulto de homem, destacando na luz viva que vinha de dentro; atraz d'esse um outro, e mais...

— Branca?... oh! Branca?... gritaram de cima.

— Perdidos!... murmurou ella. Fujamos por este lado. E sahia com elle do caramanchão.

Mas, pela escada desciam já com luzes, tornava se impossivel a fuga. Branca e Eugenio, mal tiveram tempo de se esconder detraz de um massiço de verdura.

Percorrendo as ruas do jardim, o commendador gritava sempre:

— Oh! Branca! onde diabo estás tu?...

— *Quê exquisito quê mi párêce isto!*... notava o barão de Inhatuá.

Em diversas direcções espalhavam-se todos pelas ruas do jardim, procurando avidamente a pobre Branca. Desesperando de a encontrar, iam dirigir-se á matta, n'uma ultima esperança; o barão, tomando por outro caminho, passara mesmo junto do massiço. Ao passar por alli estacou, de ventas no ar, como um bom perdigueiro farejando caça. E dizia comsigo:

— *Este árbústo não tem cheiro di árbusto. Commendádôr!... oh commendádôr!... vênhá cá. Lhe párêce qui este cheiro é cheiro di árbusto?...*

O outro aspirou os ares por mais que uma vez e empallideceu fortemente. Elle conhecia o aroma, era *Ylang-Ylang*, o perfume predilecto da filha.

Então, costeando o massiço, facil lhe foi dar com os dois, agarrados um ao outro, muito encolhidos, no meio da folhagem. O commendador, fulo de raiva, a face congestionada, crescia para elles, n'um desespero concentrado, que explodia emfim. E em phrase grosseira vociferava:

— Sua... esta... sua aquella!... quem tal me havia de dizer!... E você, grande malandro, ter o desafôro de aqui voltar... quando o puz fóra de minha casa, como a cão tinhoso!... Que tal está a patifaria!...

Corrêra tudo aos berros do commendador; os convidados faziam um grande circulo em roda dos dois amantes que, enleados, confundidos, se conservavam mudos e quêdos, muito vexados, sem encararem aquelles rostos que os fixavam curiosos.

— Então pelos modos esta *minina* gosta d'este moço, hein?... (disse o barão) Muito bem. *Sr. cômmendádôr*, o *disligo* a você *di* sua *pálávra*.

Em seguida, muito grave, enfiou pela escada acima.

*

* *

Dias depois, o commendador, de manhã cêdo, foi em busca do abbade, o qual justamente sahia da *residencia*.

Era este um santo velho, por quem o commendador sentia amizade grande, de ha muito.

— Ouve lá oh! abbade, tenho que te falar, (disse o commendador).

— Então entremos em casa.

— Não, ahi, debaixo dos castanheiros estaremos bem

— Como queiras.

— Ora escuta. Sabes do escandalo com a pequena, na noite do baile. Rompeu-se o casamento, nem outra coisa podia ser, sim, depois do que houve... Mas agora o que não sei, é o que hei-de fazer ao demo da rapariga. Não come, não dorme, valha-me Deus!...

— Ora, o que has-de fazer?... casal-os, pois...

— Não me digas isso, tu bem sabes que o mariola não tem onde cahir morto. Um valdevinos!... Demais...

— Não te faças casmurro, deixa-te de tolices. Se elle não tem fortuna, tens tu para os dois. E' bom rapaz, teu sobrinho, amam-se mutuamente, o escandalo foi grande, quem a ha-de querer agora?... Casa-os, casa-os, e quanto antes.

O commendador quedára-se silencioso, mal humorado.

Havia em toda a atmosphera uma suavidade grande. O sino do campanario entrava de soar alegremente, tangendo á missa. Era um domingo. Pela encosta os camponezes subiam pachorrentamente, a caminho da egrêja. As avesitas em bandos, ás revoadas, espraiavam-se pelo azul fóra, limpido, sereno, banhado de luz. Do valle vinha um perfume bom, que se misturava ao aroma acre dos pinheiraes. Sorria a natureza inteira em redor dos dois.

O commendador ruminava ainda as ultimas palavras do abbade:

«Que o escandalo fôra grande!... Fortuna para os dois... Quem a havia de querer a ella?...»

— Anda d'ahi ouvir a minha missa, disse de repente o abbade, tocando-lhe no hombro.

E os dois vultos sumiam-se agora na meia sombra do largo portal da egreja, aberto de par em par.

Tempos depois, era emfim Branca de Eugenio, e nunca mais ella deixou de usar o seu muito querido perfume de *Ylang-Ylang*.

Como ellas se armam

A Adolpho Tavares.

O conselheiro Placido levava esta vida o mais placidamente possivel. Possuia avultada fortuna, que herdara do pae, commerciante de seccos e molhados; exercia grande influencia no circulo eleitoral da sua terra, por onde tinha sahido deputado varias vezes; sentia em si uma saude invejavel, que lhe dava ás faces nedias um tom fresco, de maçã camoeza. Só uma coisa por vezes toldava o céu ridente d'aquella beatifica existencia: era casado o conselheiro com a D. Albertina, senhora dos seus cincoenta muito bem conservados, um modelo de virtudes, mas, (ha sempre um *mas*), a D. Albertina era tremendamente ciumenta!... fatalidade de temperamento. Pois o marido não lhe dava azos para ciumes; n'esse particular era irreprehensivel, correcto.

Mas vamos ao caso:

Uma noite, a D. Albertina ficára em casa com amigas intimas; o nosso bom conselheiro, commodamente

repoltreado no seu *coupé*, partira para o theatro, ao trote rapido dos valentes alazões. Ia n'essa noite uma nova magica : *O chinó de Carlos Magno ;* elle era doido por magicas, enthusiasmava-o aquella vida phantastica, as deslumbrantes decorações, os bailados com musica leve, saltitante, que o electrisavam!... Oh!... sobre tudo os bailados!...

Havia n'essa noite grande concorrencia. Sentado no *fauteuil*, o conselheiro seguia agora attentamente o decorrer da magica: Carlos Magno, o grande imperador, apaixonára-se perdidamente pela princeza de *Miraflôres*, esta porém amava com entranhado affecto o pastor *Rosendo*, despresando o amor do conquistador temivel. Casos vulgarissimos!...

Um dia, Carlos Magno, desesperado, resolvêra raptar a princeza. Os amores da princeza com o pastor eram protegidos pela fada *Illusinda*. Carlos Magno já não era lá muito joven, usava chinó. *Illusinda*, conhecedora das intenções do imperador, faz desapparecer o chinó, e, emquanto este o procura furioso, a princeza de *Miraflôres* e o seu pastor partem a caminho do reino das *Delicias*.

*

*   *

No intervallo do penultimo para o ultimo acto, o conselheiro passeava nos corredores fumando um charuto. De repente, dá de cara com um rapaz dos seus vinte e cinco annos, muito perfumado, de monóculo, o bigode fino, symetricamente levantado aos cantos.

— Oh! conselheiro!... (gritou-lhe elle, n'uma expansão).

— Meu caro José da Cunha!... por cá?... fazia-o em Paris.

— Voltei de lá ha quinze dias. E o conselheiro

bom? sempre bem, não?... D. Albertina? Hei-de ir apresentar-lhe os meus respeitos.

Então veiu vêr esta coisa da magica; simplesmente prehistorico tudo isto!... Ah! Paris! Paris!... Olhe que é onde se vive, creia.

— Creio, creio, mas emfim...

— Que fazer-lhe!... diz bem. Olhe, eu vou lá dentro. ao palco, venha d'ahi, quero mostrar-lhe a Conchita, uma *gaditana* adoravel.

— Tambem é prehistorica?

— Oh! não, esta é bem da actualidade, tentadora como o peccado, vae ver.

E, enfiando o braço no do conselheiro, dava entrada no palco.

Alli ia grande azafama, preparava-se a decoração do ultimo acto: o reino das *Delicias.*

Os dois atravessaram o palco.

— Mas quem é a Conchita? indagava o conselheiro.

— Uma das bailarinas que entra agora, uma das habitantes do tal reino, d'essa coisa das *Delicias*; ella é que verdadeiramente é uma delicia!...

E José da Cunha batia á porta d'um camarim.

— *Quien és?* disse de dentro uma voz fresca e argentina.

— Um adorador...

— *Aguarda un ratito, Pepe.*

Pouco depois abria-se a porta.

José da Cunha apresentava o amigo.

— *Muchisimo gusto en conocerlo...*

Era uma verdadeira delicia, como dissera o José da Cunha: vaporósa em nuvens de gaze como espuma; as pernas finamente torneadas, mostrando-se todas, na malha de sêda côr de carne, terminando n'uns pésitos adoraveis, calçados de setim com tacões doirados, os braços nús, esculpturaes, os seios tumidos, entrevistos em ninho de rendas.

O patife do conselheiro. sentado n'um pequeno sofá

contemplava libidinoso as formas esbeltas da Conchita, elegante, gentil, a meio do camarim.

In mente atraiçoava a esposa!...

Mas, enchia-se agora o camarim de bailarinas, umas altas, outras baixas, estas morenas, aquellas loiras, e tudo falava á mistura, n'uma confusão de linguas differentes.

A face do conselheiro, muito carminada, com os olhos avivados d'um fulgôr estranho, sumia-se toda desapparecia n'um mar de tulle e rendas.

Cá fóra dava-se o signal de que ia principiar o ultimo acto; era forçoso sahir.

Feitas as despedidas, o conselheiro, enterrado novamente no *fauteuil*, seguia com interesse o terminar da magica, assestando intrepidamente o binoculo para a Conchita, que piruetava no palco.

*

* *

No dia seguinte, ao almoço, saboreando uma chavena de café, o conselheiro contava á esposa o enredo da peça.

D. Albertina ouvia attenta. De repente diz-lhe:

— Oh! menino, deixa-me vêr d'ahi o teu lenço, que me esqueceu o meu.

O conselheiro puxou do lenço e deu-o á esposa, continuando a narração interrompida Mas, a D. Albertina fizera-se subitamente pallida e escarlate. O marido indagava:

— O que tens tu?... filha.

A face decomposta, os labios tremulos n'um agitar nervoso, ella mirava e remirava, cheirava e tornava a cheirar um pequeno lenço de cambraia, que apertava convulsivamente nas mãos.

— Onde foi o senhor buscar isto? disse, furibunda de raiva.

O conselheiro olhava estupidamente a esposa, sem dizer palavra.

— Então?... não sabe? o lenço tem um C. bordado...

— Eu te digo... tartamudeou elle, é provavel que... sim... eu...

— Nada de imposturas!... Sei d'onde vem este lenço. Ha muito que isto havia de dar-se. Bem m'o diziam a mim!... E' da visinha, que móra alli em frente, uma d'essas de costumes faceis, que, mais d'uma vez, eu tenho visto olhar para cá, e que se chama Carlota...

— Oh!... menina!...

— Não o negue, senhor, tenha a coragem da sua infamia!... O senhor é um miseravel, que me atraiçôa...

— Oh! menina!...

Mas a D. Albertina nem o ouvia já, rasgava em pedaços o delicado lenço, e partia furiosa.

O conselheiro continuava estupidamente a olhar em torno, aparvalhado, sem saber explicar o caso estranho.

Um creado apresentava o correio.

Ponha no escriptorio, disse-lhe bruscamente. Passou-lhe pela idea ir ter com a esposa, tentar uma explicação, mas qual!... ella não o ouviria, era prudente deixar passar o impeto do primeiro accesso. Então, elle tomou o chapéu e partiu, necessitava de ar, movimento, parecia que a cabeça lhe estalava.

*

* *

Na rua, por acaso, passava o José da Cunha, muito perfilado no seu *dog-cart*, rosa na botoeira, guiando um soberbo cavallo preto.

— Oh! conselheiro, conselheiro! onde vae? ouça lá, venha d'ahi, o dia está formosissimo...

— Não,... obrigado... eu...

— Ora venha que se não arrepende; e, mais baixo, levo-o a casa da Conchita.

— Conchita!... disse elle animado por idea subita, pois... sim, e trepou para o *dog-cart*.

Necessitava imperiosamente de desabafar, contar a sua tortura, ficaria mais alliviado. Então, de caminho, foi descrevendo ao José da Cunha toda a scena tremenda entre elle e a esposa.

— E, veja você, agora me lembra, (continuava elle), no camarim, olhei por acaso para o chão, vi uma coisa branca que julguei ser o meu lenço, tão absorvido estava nos encantos da Conchita, que, sem mais reflexões, o metti no bolso do casaco. Mas, veja bem, como posso eu defender-me, explicar o caso? sim, que hei-de eu fazer? Se lhe digo que estive no camarim da bailarina, que o lenço era d'ella, mal vae o caso.

«Ora veja você como ellas se armam!... Oh! José da Cunha, (dizia tristemente, tomando um ar solemne) olhe que ha uns vinte annos que estou casado, pois juro-lhe por tudo que ha de mais sagrado, que nunca fui infiel á minha Albertina... senão por pensamentos!...

— Já é... dizia José da Cunha olhando-o de lado.

E, estacando o cavallo, parava á porta de Conchita.

*

* *

O nosso conselheiro não conseguia justificar-se; a vida tornára-se-lhe um inferno, era demais, era atroz!... E definhava a olhos vistos; aquelle bello tom de rosa, aquella frescura de maçã camoeza das suas faces, outr'ora tão nedias, desmaiava agora progressiva e sensivelmente.

Era um dó d'alma!... Elle com a sua conscienc

pura e limpida, e ella, a sua D. Albertina, intransigente, feroz até!...

O conselheiro foi-se ter ainda com o José da Cunha, era o seu salvaterio, talvez.

— Homem, você que sabe como as coisas se passaram, sim... se conseguisse fazer saber a verdade á minha esposa!... Oh! José da Cunha, creia, eu não resisto, esta vida é impossivel!...

O outro tinha um risito bonacheirão para o pobre conselheiro.

— Pois... deixe, veremos como isso se arranja.

E de repente:

— Diga-me cá, ella não se dá com as Osorios?

— Muito.

— As Osorios são minhas primas, sabe; esta noite vou lá, assim em conversa conto o caso; depois, é claro... isto de mulheres... contar a historia ás primas Osorios equivale a contar tudo tim tim por tim tim a sua esposa.

— Oh! homem, ande, veja se me salva d'esta embrulhada Ninguem melhor que você...

— Deixe o caso por minha conta.

*

* *

O José da Cunha tinha rasão.

Tudo correu como elle previra; dias depois as Osorios, com a satisfação intima de quem deslinda um caso critico, punham tudo em pratos limpos deante da sevéra D. Albertina.

Voltava emfim de novo a santa paz ao perturbado lar; comtudo, sempre de atalaya agora aquella D. Albertina; se o marido já se deshonestára ao ponto de... entrar em camarins, onde havia a nudez de carnes provocantes entre espumas de gaze transparente, como nuvens vaporosas!...

O Canto arabe

A Antonio Simões de Carvalho Barbas.

Era por uma d'essas encantadoras noites de verão, em que o pensamento parece comprazer-se em voar para as nuvens seductoras da phantasia através de mil sonhos lindos. O ceu profundo tinha um tom avelludado e dôce, e no seu manto escuro as myriades d'estrellas scintillavam com um fulgor diamantino, muito vivo. Subia do jardim um aroma de rosa e baunilha. Ao largo o grande rio espreguiçava-se serenamente; a paizagem mostrava uns tons vagos, esfumados, como o esboço d'uma aguarella, e, por detraz da curva ondeada dos outeiros, a lua, enorme, afogueada, ia subindo lenta e magestaticamente.

Sentada n'uma cadeira de baloiço, na varanda, que deitava sobre o jardim, Helena, recostada, n'uma lassidão grande, espraiava a vista pela paizagem fóra.

Reinava o silencio profundo na dôce quietação das coisas. No rio, sentia-se apenas o ranger abafado dos remos nos tolêtes, n'aquelle movimento certo e com-

passado d'um barco que passava. O barco deslisava brandamente, e pouco a pouco o som cadenciado esmorecia, perdendo se emfim de todo.

Entrava de novo tudo no silencio absoluto.

Helena deixára descahir a cabeça para traz, fechára os olhos, parecia sonhar.

Era bella assim.

Na flôr da vida, dezeseis annos quando muito, um botão de rosa a querer desabrochar. Na cútis fina, da alvura dos lirios, destacava o franjado setinoso das compridas pestanas dos seus olhos cerrados. A madeixa solta dos cabellos fartos, escuros, descahira ao acaso, torcendo-se por entre a curva levemente indicada dos seios, como se fôra uma serpente negra.

A aragem suave, perfumada, passava pelo seu rosto angelico, n'um afago longo; na bocca fina e graciosa esboçava-se um sorriso.

Havia muito que ella deixava vaguear o pensamento pelos campos ridentes da sua juvenil phantasia.

De repente, cortaram o silencio a distancia os sons d'uma viola.

Ella despertou.

Eram primeiro uns accordes, depois um preludiar vago; mas, na maneira de ferir, conhecia-se bem ser eximio mestre o tocador.

Helena olhou em roda, d'onde viriam aquelles doces sons?... Da sacada aberta d'um visinho sahia uma luz amortecida, coada por o *store* corrido; os sons partiam d'alli; mas, ella não conhecia ninguem n'aquella casa que soubesse tocar.

O canto entrava de fixar-se: uns accordes graves, profundos, depois, um deslisar leve e brando, como o arrepio d'aragem sobre a superficie d'um lago. Voltavam de novo ainda os primeiros accordes, lembrando um cantico d'orações ao Deus da immensidade. Em seguida continuava a melodia, suave como um suspiro d'amor.

Helena levantára se, e, debruçada sobre os balaustres da varanda, ouvia attenta.

Inesperadamente a viola vibrava agora frenetica, n'uma alegria nervosa, saltitante, como dança lubrica de bailadeiras; e esse canto vivo, agitado, seguia sempre, cheio de mocidade, de movimento, festival. Mas havia logo uma mudança brusca, como se o grupo das bailadeiras dobrasse a esquina, e se perdesse através das ruas em festa d'uma cidade phantastica.

Helena, presa d'uma deliciosa commoção, seguia attenta o canto original. Quem seria que tão encantadoramente vinha perturbar o silencio d'aquella noite tépida?...

Ella possuia uma alma d'artista, que se deixava fascinar por tudo o que é bello. Tão nova ainda, era já uma harpista de merito, as suas aguarellas mostravam uma tal comprehensão do bello, que enthusiasmavam os velhos mestres.

Helena continuava immovel, o ouvido á escuta; o extraordinario canto parecia morrer, ia terminar. Havia agora nos graves da viola uma melodia sentida, triste, um largo canto oriental, como de quem conta á briza que passa magoas d'amor. Depois voltava ainda a dança frenetica, viva, das bailadeiras, perdendo-se de novo, a distancia, como revoada de pombas mansas. Apagavam-se agora emfim de todo as ultimas notas, lentamente, pouco a pouco, como lagrimas d'um crystal muito puro e limpido, no grande silencio da noite perfumada.

Helena, ao morrer da ultima nota, deu um suspiro longo, o desabafar do peso do goso intimo que a dominava, que punha em toda ella uma intensidade de prazer, uma vibração de todo o seu ser, que a extasiava docemente.

*

* *

Na tarde do dia seguinte, Helena, recostada no seu *landeau*, com o pae ao lado, (um merceeiro retirado do negocio), seguia estrada fóra, no passeio costumado. N'uma das curvas da estrada deu de cara com os Araujos, os visinhos; entre elles ia um rapaz moreno, de olhos negros e vivos, typo novo para ella. O grupo cumprimentou e ella seguiu e mais o pae.

A' noite, havia soirée em casa d'uma tia de Helena. Lá estava o rapaz moreno, que vira com os Araujos. Fez-se musica. Foi-lhe apresentado; era o musico da vespera, que tão docemente a encantára; chamava-se Luiz de Mello, a ferias em casa dos seus amigos Araujos e estudando em Coimbra.

Quiz saber o nome da melodia que lhe ouvira de vespera, era o *Canto arabe*, uma composição original d'elle.

Desde logo havia entre ambos a attracção dos entes que se comprehendem.

Combinaram duetos de viola e harpa. A pretexto de musica elle frequentava agora assiduamente a casa de Helena. Pouco a pouco uma grande intimidade se desenvolvia entre os dois.

Mas... nem tudo dura.

As aulas iam abrir se, era forçoso abandonar aquelle bem estar deleitoso.

Luiz de Mello não podia partir porém sem lhe confessar tudo o que por ella sentia Era forçoso, tinha de ser, se elle a amava já tão ardentemente!...

Quando Helena ouviu dos labios d'elle a confissão do seu affecto, ficou-se a olhal-o longamente, embriagada de ventura. Amavam-se mutuamente. Os dois

viam agora a vida... pelo prisma d'um iriado sonho!...

Luiz partia para Coimbra com o coração cheio da imagem suave e meiga de Helena. Ella, n'essa noite, relanceava a vista pela alcôva côr de rosa, frouxamente illuminada pela luz da lamparina, onde, na transparencia do vidro fôsco se desenhava uma mulher semi-nua, levantando n'um requebro lubrico os braços em arco.

E, na pertinaz insomnia, a insinuante physionomia de Luiz de Mello accentuava-se mais e mais. Invadia-a uma tristeza profunda, a pungente saudade. Suspirava, voltava-se e tornava a voltar-se, sem conseguir adormecer.

Rompia a claridade dubia da manhã, e só então, prostrada emfim, ella cerrava os olhos lindos.

* * *

Seguiam docemente os amores de Helena.

Um dia, porém, surgia um inesperado contra-tempo.

O filho d'um marquez dos arredores apresentava-se a requestar Helena. O marquez era um velho gasto, com a fortuna muito compromettida, e o filho um *viveur*, que conhecia todos os recantos baixos e altos da Lisboa galante, na accepção do termo francez.

O ex-merceeiro acolheu lisongeado a idea do casamento da filha com o fidalgo. Sorria-lhe a probabilidade de ver um dia a sua Helena a senhora marqueza.

Falou n'isto á filha.

Helena fugiu-lhe a côr do rosto; com os seus formosissimos olhos muito abertos, n'uma dura expressão, olhava o pae, que não comprehendia a sua dôr.

— Oh! pae... eu sou tão nova, murmurou tristemente...

— Qual nova, qual historias, em novas é que as mulheres devem casar, é bôa!...

— Demais... elle tem sido tão estroina!...

— Deixa lá, são depois os melhores maridos.

— Mas... se eu não gosto d'elle...

— Olha lá!... o que lhe achas? Não é um perfeito moço? da primeira roda, futuro marquez!... E' boa!...

Helena quedou-se silenciosa, antevendo a borrasca negra, a lucta medonha.

*

* *

O filho do marquez frequentava agora assiduamente a casa. Helena era d'uma frieza grande, inalteravelmente, para o fidalgote.

Um dia Helena tentou abrir-se com o pae.

Esperou occasião em que o viu de bom humor e contou-lhe tudo.

Elle ficou furioso e desatou a berrar:

— Estás doida?... casar com um gaiteiro!... sem eira nem beira.

— Mas... elle anda a formar-se em direito...

— Um bacharel de bórra!... como muitos, olha lá!... Não quero ver mais esse pelintra, entendes? Se me torna a pôr os pés em casa agarro-lhe n'um braço, e serei eu mesmo quem lhe ensine a porta da rua. Ora... ora!...

E passeava agitado de lado a lado a sua indignação:

— Um gaiteiro!... um... não sei que lhe diga!... era o que me faltava vêr!...

Helena, muito pallida, levantou os olhos para o pae e disse-lhe pausada, mas resolutamente:

— O papá não quer que eu case com Luiz de Mello, acha a escolha do meu coração indigna de sua filha, pois..., n'esse caso, morrerei solteira porque não serei d'outro.

— É o que nós veremos, disse elle, sahindo furioso.

*

* *

Estava travada a lucta, lucta de que Helena contava sahir vencedora. Pois a miragem linda das suas doiradas esperanças havia de assim dissipar-se esvair-se como fumo?... Não. Tinha a coragem do seu muito amor a incital-a a resistir tenazmente. Quando o pae se convencesse quanto e como amava e era amada, havia de ceder, tinha essa fé.

Luiz de Mello voltára de Coimbra.

N'essa mesma noite teve uma entrevista com elle, junto ao muro que separava os dois jardins. Contou-lhe tudo. Luiz sentia invadil-o um desalento.

— Que fazer então? perguntava elle.

— Esperar. O pae ha-de ceder, verás, é questão de tempo. Não desanimes tu, tem fé em mim. E crê, meu amor, (dizia n'uma convicção intima,) ou hei-de ser tua... ou da morte, murmurou mais baixo.

Luiz olhava-a ebrio d'amor; tinha passado os braços por cima do pequeno muro; tomára entre as suas mãos aquella deliciosa cabeça e, fixando-a ardentemente depositára-lhe na fronte um prolongado beijo!

Estava sellado o grande juramento, no silencio da noite, sob a immensidade da abobada celeste, toda crivada das scintillações diamantinas dos astros infinitos.

Mas, na fachada da casa de Helena illuminava se de repente uma janella.

— Adeus, Luiz, chegou meu pae, adeus. Crê em mim, ou tua... ou da morte!...

E partia.
Nunca mais Helena voltou ao jardim; o pae exercia agora sobre ella uma vigilancia rigorosa.

Dias depois, Luiz voltava de novo á lide dos trabalhos escolares.

*

* *

São passados dois annos; a promessa de Helena vae realisar-se.
O pae, na sua casmurrice de velho, fez todos os esforços para que fôsse por deante o casamento com o filho do marquez.
A vida para Helena foi uma série de torturas; julgára-se com forças para a lucta, mas um dia appareceram os terriveis symptomas da herança materna; estava tisica, e a fatal doença caminhára n'um galope desenfreado, n'um crescendo assustador.
O pae consultou as notabilidades da sciencia, tudo tentou; quiz leval-a para a Madeira, a ultima esperança, mas os medicos declaravam que ella já não teria forças para a travessia do mar.
Então o pobre pae parecia enlouquecer. Teria de resignar se a ver morrer a filha na flôr da vida, sem a poder salvar. Que horror!...
Era atroz.

*

* *

Havia dois dias que Helena peorára. Os medicos julgaram-na morta; mas emfim pareceu reanimar-se ainda, n'um ultimo alento.

Soffria muito. Tinham-na sentado n'uma cadeira de braços, na cama suffocava.

Por uma noite de verão, tepida e serena, Helena pediu que a transportassem na cadeira para a sua varanda.

Do jardim subia o ar embalsamado de mil perfumes, e, ao largo, o grande rio espreguiçava-se na curva suave.

De repente, da janella dos Araujos sentiram-se uns accordes de viola; elle que a avisava da chegada.

Helena sorriu, n'uma alegria intima, e muito a custo murmurou:

— Diga lhe... que... venha, oh! papá.

D'ahi a pouco Luiz de Mello ia caír aos pés de Helena.

Ella olhou-o triste e docemente, e chegando muito ao d'elle o seu rosto magro, macilento, de tisica, segredou-lhe muito baixinho, como suspiro tenue:

— Ou tua... ou da morte!...

No dia seguinte, quando a alvorada rompia no azul, perfumada e fresca, a pobre Helena cumpria a promessa que fizera a Luiz junto do muro do jardim: estava morta.

Ultimo olhar

A Lourenço Cayolla

O Balthazar impava, fulo de raiva, no grande desapontamento da sua vaidade beliscada. Todas as suas propostas de seducção caíam inertes perante a virtude estulta da Chica do Fortunato. Todo o seu bello oiro, todo o seu poder d'argentario era inutil e vão; nem um sorriso, nem uma esperança vaga. Ella, na sua belleza provocante, sempre curvada sobre a costura, por debaixo do toldo de lona extendido por cima da sacada, (o bello craveiro ao lado, muito florido de cravos, rubros como desejos vivos), alegrando os ares com a sua voz clara e fresca, na toada dolente d'uma cantiga, á espera do marido de volta da faina dos campos.

E o Balthazar, no palacete fronteiro, remordia-se no seu despéito, assoprando ao azul as baforadas do havano, que se perdiam, esvaindo-se como a chimera da ventura sonhada e appetecida na lubricidade da sua phantasia.

Nem a Gervasia (uma velhota, ainda fresca, ardilosa em casos taes), pudéra conseguir uma palavra, a não ser de censura aspera, dos labios carminados da Chica.

— Que era uma sonsa, espertalhona, dizia ella. A mim não me engróla aquella *praça*!... Mais finória do que as mais, ora ahi está, mas... com tempo e as minhas *artes*... veremos. Não desespere, *sô* Balthazar, deixe, dê tempo ao tempo; consolava n'uma convicção firme.

E uma idéa diabolica fuzilára rapida na mente da Gervasia: se ella intrigasse a Chica com o marido?...

Deitada á margem, viriam então as consolações hypocritas da Gervasia, o apoio seguro do ricaço...

E na sua alma vil, no seu espirito mesquinho entrara de esboçar-se o ardiloso trama.

*

* *

A' beira da albufeira, pela margem de cá, aqui e além, mulheres, de braços arremangados, lavavam roupa. O sol queimava, dardejando a luz quente sobre os mattos distantes, cobertos de xára, e sobre os campos do tom amarellento dos restolhos. As casitas do logar, na encosta fronteira, alvejavam n'um deslumbramento, batidas fortemente de sol. Sobre a superficie calma das aguas da albufeira, espelhantes, transparentes, pairava uma tremulina de luz. No perfil d'uma ondulação vaga, do terreno, ao longe, as azinheiras desenhavam na transparencia azul da luz pura as silhuêtas atarracadas das suas copas ramalhudas. Debruçado sobre a albufeira um grupo de penêdos retratava nas aguas azuladas o seu tom acinzentado.

A' sombra d'um choupo esguio lavava roupa a Gervasia. Perto d'ella ficára a Carolina, uma visinha da Chica do Fortunato e esta, um pouco mais abaixo, cur-

vada sobre a agua, os bellos braços roliços, nús, de mangas arregaçadas, batia a roupa contra a fraga polida, e o seio farto desenhava-se na sua curva airosa. E ella enchia os ares com a sua voz argentina:

Zai mê amôri nada não...

— Canta, que logo bebes,... resmungou a Gervasia.

— Aquella leva a vida a cantar, observou a Carolina.

— Podéra!... como a coiza lhe vae tão mal...

— Então?...

— Ora!... faça-se de novas...

— O que é que *vomecê* quer dizer?...

— Ou!... pois alli visinha...

— Oh! *sôra* Gervasia, macacos me mordam se a percebo. Desembuche para ahi.

Então a outra deitou-lhe de soslaio um olhar desconfiado, depois, mais baixo, em tom confidencial:

— Pois... *vomecê* não sabe que aquella sonsa, com os seus olhares de santinha do altar, é a amante do visinho, do sr. Balthazar?...

— Credo!... oh! mulher!... (exclamou a Carolina persignando-se, os olhos muito abertos, n'uma sincera expansão de pasmo).

— Nem mais, nem menos, é tal qual.

— Oh! *sôra* Gervasia, olhe que estará mal informada, eu vivo alli perto, e, da parte d'ella, inda não dei por coiza que se possa ver.

— *Bô!...* (tornou a velhaca da Gervasia, extendendo o labio inferior) sabe-a toda, olha lá quem!... aquella tem *artes* p'ra fazer as coisas...

— *Sôra* Gervasia, assim será; não quero desfazer na sua palavra honrada, mas... eu... só vendo!...

— Ai!... sim?... eu lhe mostrarei, eu lhe mostrarei... Mas, ouça lá, isto fica entre nós, sabe?... Sim, que a coiza ha-de vir a constar, mas não cá da minha boquinha, que é sagrada. Deixe, dê tempo ó tempo...

— E então o marido?... (indagava já duvidosa a Carolina).

— Ora!... (tornou a outra encolhendo os hombros), um lôrpa!... como os mais.

*

* *

Apesar de já um tanto madura, a Gervasia tinha um amante, relações antigas, o Moita, um creado ao serviço agora do Balthazar. Dias depois da conversa da Gervasia com a Carolina á beira da albufeira, a Gervasia tinha uma conferencia com o Moita.

— Se te não queres prestar á comedia... deixa; eu arranjarei quem queira, (concluia ella).

— Oh!... mulher!... (respondia o Moita, n'uma repugnancia sincera), vê bem, olha que isso não é coiza que um homem faça. O pobre do marido?... e ella?.. tão boa rapariga!...

— Adeus, amigo, eu não vivo de cantigas; se pegam as bichas, se a vejo ainda amasia do Balthazar, verás que hei de ter vidinha regalada, em casa... do bom e do melhor. O teu patrão bebe os ares pela Chica, anda mesmo pelo beicinho, nunca o vi d'aquella fórma por mulher alguma.

— Mas o Fortunato? oh! Gervasia! se faz por hi alguma *aquella?*... Quem te diz a ti que não é capaz de dar cabo da mulher?...

— Olha lá quem!... aquelle papa açôrda!...

— Que elle é um pobre diabo isso é, mas...

— Então assim se mata uma mulher, como quem mata uma pulga!... Ora... por aquelle respondo eu, (concluia convicta.)

— Valha-me Deus!... (tornava o outro coçando a cabeça) isso que tu queres de mim é uma ruim acção...

— Bem, bem, lérias duas trinta e duas. Ou queres,

ou não queres; olha que vou bater a outra porta e eu bem sei aonde...

— Valha-te um diabo!... (depois, cedendo logo) Mas... então como ha-de ser a coisa?...

— Ouve. Tu tens exactamente o corpo do teu amo, pegas no casacão d'elle e no chapeu, ás duas da noite em ponto saes pelo portão do pateo, o chapeu carregado sobre os olhos, a aba do casacão bem levantada.

Espreitas d'um para outro lado, assim como que a medo, atravessas a rua e saltas o pequeno muro do quintal da Chica. Nada mais; deixa o resto por minha conta.

— Oh!... mulher, mulher!... (tornava o outro levando as mãos á cabeça).

— Bom, voltas á cantilena? Pela ultima vez... sim, ou não?...

— Mas...

— Mau!...

— Pois... acabou-se, vá feito!... (disse elle n'um ultimo arranco).

E depois, já conciliador:

— Anda cá, não te zangues; o diabo és tu, o diabo és tu!...

*

* *

Ia a noite alta quando a Gervasia bateu de mansinho á porta da Carolina.

— Cá estou, aqui me tem, abra depressa.

— Vou n'um pulo, (respondeu a outra).

O luar batia em cheio sobre a estreita rua da aldeia estirando a sua luz fria n'uma extensa e pallida nesga. O palacete do Balthazar mostrava o seu bello tom avermelhado por entre as sombras densas do copado arvoredo do parque. A casita modesta da Chica

alvejava em frente, toda garrida, n'um prateado banho de luar. O profundo silencio reinava na natureza adormecida, só muito ao longe, para os lados da campina raza, um cão uivava dolorosamente. As duas mulheres conservavam-se junto da janella, mal entreaberta, na casinha terrea, o pequeno aposento inteiramente ás escuras.

— Feche mais a janella, sr.ª Carolina, (segredava a Gervasia), não vamos nós espantar a caça. Sim, que eu creio que não teem noite certa, mas a velhaca não deixa de aproveitar a ausencia do marido, como elle anda lá p'ra Hespanha...

Na egreja da aldeia soavam lentamente duas horas.

— Olho fito na casa do Balthazar, sr.ª Carolina, a coisa costuma ser por estas horas mais boccado menos boccado.

Mal a Gervasia terminára de falar, a cabeça d'um vulto d'homem assomou ao largo portão de ferro do palacête. Espreitou desconfiado ao longo da rua para um e outro lado; depois, atravessou a rua apressado, saltando sem ruido, silenciosamente, o pequeno muro do quintal da Chica.

— Bemdito seja o Senhor!... (exclamava a Carolina, benzendo-se uma e duas vezes). Ora, ora!... quem me *havéra* de dizer!... Esta, *sôra* Gervasia,... só vendo com estes dois, como eu vi. A grande porca!... com aquelle ar tão serio, que parece que não quebra um prato!... Ia pôr as mãos no fôgo por aquella cabra, eu mesma, aqui onde me vê, ia pôr as mãos no fogo...

— Pois... ahi tem, ó p'ra que saiba, (tornava satisfeita a Gervasia). Não quebre lanças por ninguem, bem basta que nós cá... não andemos n'essas boccas do mundo...

— E é assim, é, d'onde menos se esperam é que ellas saem!...

— Mas... venha cá, *vomcê* não diga a ninguem o

que viu, hein?... Deixe, quem as arma que as desarme; pela nossa bocca... é que não ha-de constar, sim; não é verdade?...

— Isso é dos livros, já se vê. Que... d'ahi... ella não o merece, mas o pobre do marido... coitado!...

— E bem coitado!... (sublinhava a Gervasia).

E as duas, na penumbra do quarto entreolharam-se um momento, depois... n'uns frouxos de riso, a Carolina concluia:

— Ora não ha!... ora não ha!...

*

* *

Como labarêda flammejante ateára-se a calumnia, minando primeiro surdamente, explodindo por fim de vez.

E agora, em toda a aldeia mordia-se á farta na reputação da Chica do Fortunato.

Quem mais se mostrava offendida era uma cunhada da Chica, que, em tempos, não fôra das mais escrupulosas em questões d'amores.

Um dia, como o Fortunato entrasse em casa dos cunhados, estes resolveram-se a contar-lhe tudo o que sabiam. Elle não podia crer em tal, mas se toda a aldeia o dizia, se mais de uma pessoa vira entrar o Balthazar para lá, noite velha, quando elle Fortunato andava na ceifa em Hespanha!... Que dôr lancinante lhe trespassou o coração!... A principio pensou em ir ter com ella, lançar-lhe as mãos callosas ao colo niveo e... estreitar sem dó, sempre, duramente, saciando á farta na sua vingança, vendo pouco a pouco arroxear-se aquella tez nevada, transformar-se medonhamente aquelle rosto lindo na suprema e afflictiva angustia do ultimo momento. Mas não, não a mataria, elle não matava uma mulher; com o outro sim, com esse, que traidoramente lhe roubára a sua ven-

tura, com esse se mediria um dia, quando o ricaço voltasse da cidade, onde estava havia pouco.

E, sem querer ouvir as consolações dos dois, elle partiu, silencioso, com a morte n'alma, todo dominado pela sua cruciante dôr.

Não metteu a caminho da aldeia, cortou para o lado dos campos, á tôa, sem destino fixo. Tinha absoluta necessidade de solidão, precisava de tentar acalmar, dominar um tanto a tempestade que lhe refervia n'alma. Por agora não a poderia encarar a ella sem o perigo d'uma allucinação, que os perdesse a ambos.

Caminhou pois estrada fóra; á primeira azinhaga tomou á direita, e foi seguindo através dos ferrageaes, lavrados de pouco, até se embrenhar pelos olivêdos. Sentou-se então junto do tronco rugoso e carcomido d'uma velha oliveira.

Em baixo, pela poeirenta estrada, grupos de mulheres seguiam para a aldeia, recolhendo do trabalho.

*

* *

Era de madrugada quando a Chica transpoz o limiar da porta da casa. Vinha febril, como que louca, sob a dura sensação da lucta titanica em que se debatera toda a noite contra as infamias que o marido lhe cuspira ás faces.

Elle, implacavel, sem a querer ouvir, cego pelo seu ciume, concluira secca e duramente:

— Debaixo do mesmo tecto os dois... isso não; ou tu saes d'esta casa, ou eu.

— Se me julgas por fim uma perdida, então... saio eu.

E silenciosamente, sem voltar um dolorido olhar ao seu ninho desfeito, sem uma queixa, sem uma lagrima agora, ella partiu.

Caminhou ao acaso, como somnanbula, sob a pres-

são d'uma tortura tão infernal, que a deixava de todo anniquilada, sem forças, como que victima d'um pesadello horrivel, a despedaçar-lhe, a dilacerar-lhe toda a sua alma.

No horisonte a alvorada de luz subia n'um crescendo gradual gloriosamente, em tons de rosa e fogo, circumdada por esplendida e enorme aureola d'oiro, envolvida n'uma poeira luminosa, a esbater-se na pureza d'um azul muito vivo, muito diaphano. Havia frescuras pelos vales, gorgeios ternos de aves entre as rendas orvalhadas dos arvoredos, cumeadas de montanhas lambidas já pelo sol doirado.

Ella, a Chica, no seu caminhar, inconsciente de que existia, sem ter a comprehensão nitida da cruel desventura, que a esmagava, foi automaticamente parar em frente da porta da casa do irmão, unico ente, que hoje a poderia amar. Elle e a cunhada era toda a familia que lhe restava.

Justamente na soleira da porta estacionava o irmão, em mangas de camisa, aspirando o ar puro, a enxada ao lado, disposto a partir para a faina dos campos. Ao ver a irmã hesitou indeciso, ruborisado por uma indignação, que o tomava.

— João, (disse ella), o Fortunato acaba de expulsar-me de casa, sou muito desgraçada, venho pedir-te que me recebas na tua.

— Eu?... (tornou o outro duramente), nada tenho que ver com isso, desapparece-me tu da minha vista... que será melhor...

— Pois tambem tu, João?... (murmurou ella, no profundo desespero da sua amargura).

Mas o irmão não teve tempo de lhe responder; por detraz d'elle assomava o rosto da mulher, afogueado de indignação, apertando á pressa a saia, entrevendo-se-lhe o seio farto no decote da camisa grosseira.

— Você julga que esta casa dá guarida a... desavergonhadas?... Está muito enganada; vá bater á

porta do... A cunhada não continuou; com o seu olhar magoado a Chica estacou-lhe a phrase nos labios, e, fixando cruamente os dois, murmurou:

— Deus vos perdôe!...

Voltou costas e seguiu silenciosa. Ia agitada pela febre da infernal tortura, que a possuia toda. Existem dôres tão penetrantes e intimas que não ha pena que as descreva.

Ella caminhou, caminhou mais, e sempre, n'uma desorientação flagellada pela sua cruel tortura.

O sol despontava esplendidamente lá em baixo, no horizonte em fogo.

A paizagem tinha um tom desolado: no meio dos campos amarellentos dos restolhos sêccos, destacava, como joia engastada, a albufeira, com a superficie das suas aguas d'uma tranquillidade grande, retratando a transparencia serena do azul.

A Chica seguia sempre, com o coração a despedaçar-se de dôr. Ao encarar com a albufeira, uma idéa sinistra a tomou; e logo, sem uma hesitação, com passo firme, decidida ao seu intento, ella caminhou direita.

Já á beira d'agua, procurou o grupo de penêdos cinzentos, debruçados sobre o espelho polido das aguas. Era tremendo o tumultuar d'aquella alma, batida do tufão da desgraça, placida e quieta a superficie crystallina das aguas. Silenciosamente ella trepou ao mais alto da penedia.

Lançou então um ultimo olhar para a vasta paizagem ao largo, olhar dolorido, mas saudoso ainda, para esse mundo, onde deixava tanto ingrato!... Depois, serenamente persignou-se; (o seu pensamento elevase então para um mundo melhor, mundo de inalteravel paz), e, sem uma lagrima, sem um ai, despenhouse do alto.

O sol continuava espalhando gloriosamente a sua

luz esplendida sobre a natureza inteira. Eram silenciosas e êrmas as casitas da encosta. A superficie calma da albufeira estremecêra vagamente, mostrando, sob os penêdos cinzentos, grandes circulos concentricos, que lentamente iam morrendo, até voltarem as aguas de novo á sua serenidade espelhante, lembrando joia engastada na pellucia pallidamente verde das margens.

No camarim

A Antonio Joaquim da Gama Lobo.

No theatro de S. João, no Porto, havia n'essa noite, (já lá vae ha um bom par d'annos), enchente á cunha. Era recita em beneficio não sei de que estabelecimento pio. Ia um espectaculo de retalhos: um acto da *Lucrecia*, que se bem me lembro era o primeiro da opera, outro do *Rigoletto* etc...

Na superior, dois sujeitos de bom tom, um já entrado em annos, o outro moço ainda, falavam dos cantores da companhia. Mais além, uma burgueza repolhuda sorria por baixo do binoculo a um bacalhoeiro com leve tom de beterraba, a cabeça quasi espherica, dolorosamente entalada n'um alto collarinho, muito engommado.

— Amigo José de Sampaio, dizia o mais velho (um dos que era lido em escandalos de bastidores) digo-lh'o eu, no Porto ou cantores que foram, ou cantores que hão-de ser.

José de Sampaio saboreou a phrase e objectou:

— Seja; mas ver fazer o que para ahi se faz a cantores que nem o foram, nem o hão-de ser, é simplesmente ridiculo.

— Ridiculo é tudo mais ou menos n'esta vida. Ainda assim tem razão em parte; lembre-se porém que, se a cantora não presta para nada, porque não tem voz nem escola, é comtudo soberba mulher, hein? Confesse que é bôa mulher oh! *Zé* Sampaio, dizia elle, voltado de lado no *fauteuil*, a face illuminada por uma scentelha de mocidade outoniça.

— Ora adeus, o que ella é,... é... outra coisa que eu não digo. Olhe, elegantissima é a contralto, a Octavia; veja se essa tem em volta d'ella grande *coterie*!... Pois, já hoje é cantora d'esperança, das taes que o senhor diz... *que hão-de ser;* possue uma deliciosa voz, tem escola e... alma.

— Dou-lhe rasão, mas as coisas são o que são e não o que deviam ser. A outra desafina, não sabe cantar, mas é *coquette,* a Octavia tem o que falta á outra, mas é d'uma *prudencia* de arripiar. Mundo, amigo, mundo!... A applaudida é a *coquette*; mais tarde será a outra, porque será rainha do grande mundo da arte!...

Um cavalheiro pedia venia para passar, era brazileiro, levava um brilhante enorme assente na gravata côr de fogo, cortando diagonalmente o esmalte escuro da medalha da corrente, e outro, cercado de esmeraldas, no index da mão direita.

— Este... reina em outro planeta (disse o velhote) no... positivo.

Na orchestra o *maestro* empunhava a batuta e, um gesto de commando, fazia romper a symphonia.

*

* *

No intervallo José de Sampaio disse para o visinho:

— Vou lá dentro, ao *foyer*.

— Ver a Octavia, maganão, vá... vá. Tome cuidado, (tornava o outro de bom humor), mulher de theatro, fructa delicada, mas tambem muito indigesta!...

— Não ha perigo,... a arte, a divina arte simplesmente.

José de Sampaio não era franco; não era pura e unicamente a arte que o fazia entrar no *foyer* dos artistas.

Alli, o regente da orchestra, de pé, ao centro, discutia questões musicaes com dois amadores. Uma bailarina, a um canto, falava em hespanhol com tres perfumados peralvilhos que a miravam com olhos d'entendedores, com o interesse com que olhariam para um cavallo *pur-sang*. D'um camarim ao fundo sahiam as notas crystallinas do tenor experimentando a voz em saltos d'oitava.

Do outro lado o barytono gritava pelo cabelleireiro, e mais adeante o *basso* jurava *per Bacco* que não encontrava o seu manto de guerreiro.

Pesava em toda a sala uma atmosphera densa, impregnada de fumo de charuto.

Pela escada, que levava ao palco, vinha descendo Octavia.

— Oh!... *signore Sampaio*, comment çá va? dizia ella n'uma mistura d'italiano e francez.

— M.lle Octavia, sempre deliciando-me em a ver e... ouvir.

— Lisongeiro. Não vem até ao camarim?...

— Já, vou já.

Ella seguiu, Sampaio ficou um momento detido por

um amigo. Logo que se viu livre, enfiou por um corredor lateral até ao camarim de Octavia.

Entrou difficilmente; a maior parte dos adoradores da soprano, cujo camarim era em frente, como ella se estivesse vestindo, tinham invadido o de Octavia; logo porém, que a porta se descerrou, pouco a pouco foram sahindo, os numerosos satelites; iam gravitar em torno do seu astro, como borboletas na fascinação da luz.

*

* *

— Tudo partiu, sr. Sampaio.

— Tudo... não, Octavia.

Ella fixou n'elle os formosissimos olhos e sorriu meigamente.

Era deliciosa, recostada languidamente no pequeno sofá, com o seu traje de Mattio Orsini que lhe desenhava as elegantissimas formas uma por uma. Provocantemente tentadora.

José de Sampaio contemplava-a extasiado, e lá no seu intimo dizia de si para si: que soberba amante tu fazias!...

Ella disse-lhe então n'aquelle tom docemente arrastado das italianas, languido e suave como a musica das suas barcarolas:

— Venha sentar-se aqui ao pé de mim. Já não canto esta noite, conversemos um pouco, quer? Estou hoje com vontade de falar. Vontade? necessidade antes.

(Pulsava mais agitadamente o coração do Sampaio, positivamente as coisas dispunham-se em seu favor).

— Interesse, Octavia? diga antes...

— Amizade, bem sei, obrigado.

Sampaio ia explicar que o affecto que por ella sentia não era propriamente esse, mas Octavia continuou serenamente:

— Se soubesse como é grato longe da minha Italia,

entre indifferentes, encontrar alguem que nos tenha affeição.

— E muita, Octavia, muita...

— Obrigada, meu amigo, obrigada, e extendia-lhe a sua mão pequenina, que o outro apertava calorosamente.

Ficaram os dois um momento silenciosos.

Sampaio fixava a adoravel italiana com um olhar ardente, onde brilhavam reflexos doirados; sentia uma necessidade imperiosa de expandir-se, de dizer-lhe tudo, mas Octavia cruzára a deliciosa perna uma sobre a outra, recostando-se mais no sofá, e continuára:

— Sabe?... faz hoje annos a minha Giovannina, a minha irmãsita mais nova.

E muito naturalmente ia contando-lhe as particularidades da sua vida intima:

Giovannina, quando viera ao mundo, causára a morte da mãe (cantora notavel); então o pae, entrevado havia muito, ficou para alli sem recursos, na sua pequenina casa, nos arredores de Florença, á beira do Arno. Justamente encetava ella a sua carreira theatral quando perdeu a mãe, e era quem provia ás necessidades da familia.

Sampaio sentia agora por Octavia uma adoração. Ella, de formas deliciosamente sensuaes, provocantemente bella no seu costume de gentilhomem veneziano, tomava n'esse momento aos olhos de José de Sampaio como que uma aureola de suave austeridade; desapparecia a mulher, ficava o anjo.

— Em Milão, (continuava ella) tenho o meu noivo, *il mio Paolo*, um gentilissimo rapaz; veja o seu retrato, e tirava do perfumado seio uma delicada miniatura.

N'esta altura da narração José de Sampaio sentira a estranha e angustiosa sensação de quem vê esboroar-se o terreno debaixo dos pés e presente despenhar-se no abysmo hiante.

Adeus iriadas illusões, sonhos, phantasias, tudo vã chimera!...

E Octavia continuava desapiedadamente a abrir-lhe os reconditos da sua alma:

— Amo muito *il mio Paolo*, oh! creia, mas não serei d'elle emquanto Bianca (outra irmã que tenho, nós somos uma familia de cantoras) me não possa substituir prevendo á sustentação da familia Acha que faço bem? Como eu, *Paolo* resigna-se e espera. Acha tambem que cumpro o meu dever, sr. Sampaio?...

— Oh! por certo, minha bôa Octavia; adorava-a como mulher divinamente formosa, hoje quero-lhe respeito a como a um anjo divinal.

Mas... que tarde que é, (disse ella por fim olhando um relogio), Que tal foi a massada?... Desculpe-me sim?... Olhe, festejei comsigo os annos da minha Giovannina!...

*

* *

N'essa noite José de Sampaio, no seu elegante quarto de rapaz, teve em sonhos a visão vaga d'uma casita á beira do Arno com a porta meia escondida entre a renda tufada d'uma trepadeira em flôr. A' porta, o velho paralytico, na sua cadeira de rodas, aquecia-se a uma restia de sol doirado; em volta do velho a frescura d'uns rostos pequeninos, umas creanças lindas como cherubins; e, pairando por cima de tudo, o espirito de Octavia, cemo um anjo de suave doçura.

Um drama

A Antonio José Torres de Carvalho.

TERMINÁRA o baile.

Jorge apertava cuidadosamente o ultimo botão do *paletot*, accendia o seu *breva*, dava ainda um aperto de mão ao visconde e partia.

Sentia agora fustigar-lhe as faces um ventito fino, precursor do romper d'alva. A' porta do palacête estacionava ainda a extensa fila de carruagens, das quaes os pontos luminosos das lanternas cortavam de longe em longe o escuro, que entrava de empallidecer vagamente á crueza de luz que mal tingia o nascente.

Jorge, commodamente sentado ao canto do *coupé*, olhava através dos vidros os grandes platanos da avenida do parque, todos arripiados do orvalho da madrugada, que pareciam fugir em debandada precipitada. E o coupé deslisava suavemente na areia fina. Sentira um pequeno solavanco, transpunha o largo portão de ferro e entrava na estradá.

Uma lassidão o tomava, dominava-o uma pesada

somnolencia e, embalado pelo rodar do trem, adormecia por fim.

Esfumava-se a paizagem em traços indecisos, e o *coupé* continuava seguindo rapido.

Caminhavam havia uma hora quando a elegante *attelage* estacou de repente junto da grade d'um jardim.

Tinham chegado.

O lacaio abria a portinhola do *coupé*; Jorge subia os degraus de granito d'uma pequena escada exterior, cujo patamar era coberto pela *marquise* de ferro forjado, toda engrinaldada pelos festões d'uma trepadeira, em rendilhado verdejante.

Entrava em casa; atravessava depois o vestibulo, ornado de quadros e estatuetas de merito. A poucos passos estava á porta dos seus aposentos.

— O Francisco que me traga uma chavena de café, disse elle ao creado que o seguira.

*

* *

No aposento em que entrára Jorge, a pallida claridade espalhava a sua luz tenue que ia gradualmente esclarecendo todo aquelle conjuncto d'um primoroso gosto artistico.

Sobre a chaminé de marmore fino o relogio, de subido valor, mostrava em delicados esmaltes e doirados um idylio rustico. O tapete fôfo amortecia os passos. N'uma parede sobresahia um quadro a oleo, cabeça de estudo, de mulher de peregrina formosura; em redor da moldura, artisticamente disposto, via-se um lenço de côres vivas. A um canto, sobre um cavalete, destacava um esboço de paizagem, mais distante havia um piano de Erard. Pelas paredes escudos d'armas, instrumentos de selvagens, faianças de preço, tudo se mostrava á mistura aqui e além. Por entre os reposteiros d'uma porta via-se no aposento contiguo um bello leito an-

tigo com rendilhados caprichosos em madeira escura salpicado de embutidos delicadissimos em madre-perola e marfim, encimado por sobre-ceo de velho brocado e cortinados do mesmo estofo. N'uma das paredes ainda um grande espelho de Bohemia mostrava um traço de paizagem, a qual entrava de banhar-se n'uma suavidade de tons doces.

N'uma salva de prata o creado trazia o perfumado liquido.

Pelos vidros purissimos da janella entrava a luz ridente, que nos objectos espalhava um tom phantastico.

— Abre aquella janella, oh! Francisco, sinto vontade de respirar esse ar puro da madrugada, disse Jorge.

Então, saboreando o delicioso liquido, elle sentou-se á janella.

A estrella d'alva empallidecêra de todo n'um céu diaphano, d'uma limpidez extraordinaria.

Para os lados do nascente, o esbatido de luz ia subindo em monstruoso leque. Entravam a desenhar-se, a accentuar-se cada vez mais, os contornos da paizagem, a emergir lentamente das sombras.

Do jardim subia uma suavidade d'aromas, á mistura com o perfume vagamente acre e resinoso que vinha dos pinhaes, que circumdavam o elegante *chalet*.

Jorge extasiava se na contemplação do grandioso espectaculo.

Tudo repousava n'uma placidez quietá; só, em baixo, pelos arvoredos frondosos, pelos silvados espessos, gorgeavam aos bandos as avesitas em grandes cantatas festivaes. Lentamente, no perfil caprichoso e ondeante do horizonte ia surgindo magestatico o disco afogueado e enorme.

Na mente de Jorge esfumára-se a visão delicada da viscondessa, muito loira e franzina, com aquelle olhar velado e languido, girando cadenciadamente na doidejante valsa, enlaçada pelos braços do pretencioso filho

do barão, que toda a noite lhe fizéra uma côrte assidua.

— Positivamente era deliciosa a viscondessa, (dizia elle de si para si) mas, no fim de contas não passava d'uma *coquette* vulgar.

Pois não correspondera ella, não acceitára com gosto os galanteios d'aquelle casquilho do filho do barão, um peralvliho que mal sabia escrever o seu nome!... Mulheres!... mulheres!... Vão lá crer em mulheres!... Decididamente, nunca mais, nunca mais pensaria n'ella.

Ora, qual?... Confessava a sua fraqueza, chegava a ter vergonha de si mesmo; era vel-a, um sorriso, uma palavra só... e elle não sabia, não comprehendia aquelle absoluto imperio, a força magnetica que a sua divina formosura exercia em todo o organismo d'elle, dominando-o, fascinando-o por completo.

Que força estranha, que poder superior aquella mulher tinha sobre elle!

Oh!... mas se era verdadeiramente um tentador encanto!...

Ah! viscondessa, viscondessa!... suspirava elle, olhando a paizagem toda banhada do fresco perfume das auras matinaes.

*

* *

De repente, Jorge sentiu cortar aquella placidez calma o piar estranho d'uma avesita angustiada.

Era uma andorinha.

Em vôos semicirculares ella contorcia se no espaço, soltando um piar afflictivo, excepcional, d'uma dôr muito intima.

Jorge olhava-a com interesse, curioso, e os vôos da andorinha cada vez se concentravam mais, chegando quasi a tocar em Jorge.

E no piar afflictivo, dilacerante, havia indubitavelmente torturas infernaes, o implorar d'um soccorro, d'um auxilio immediato.

Jorge seguia os vôos da avesita, preso d'uma commoção grande, mas sem conseguir comprehender, sem poder explicar a si mesmo o que a pobre andorinha estava soffrendo.

Então o seu vôo alargou-se, parecendo tomar uma direcção segura. Jorge olhava-a sempre, interessado; por fim, viu com pasmo:

Abrigado pelo largo beiral do telhado ficava um ninho; debruçada do telhado, uma enorme cobra tinha a cabeça e parte do corpo enfiado pelo ninho dentro. Lá fóra, a outra, no impotente desespero da sua angustia pedia que lhe salvassem a amante estremecida!...

Jorge sentiu percorrer-lhe a espinha dorsal o fremito d'um arrepio nervoso.

— Oh!... o repellente animal!... exclamou indignado.

Veiu dentro, tirou d'uma panoplia uma flexa, correu á janella, e, espetando o ninho, este e a cobra foi tudo cahir em baixo esboroando se o ninho em cheio no terreno.

A cobra, ondeante, viscosa, sarapintada de côres vivas, sumira-se logo, rastejando por meio d'um massiço de pelargoniuns, cujas flôres manchavam de nodoas de sangue o verde claro e tufado da folhagem.

No meio da areia fina da tortuosa rua do jardim jazia morta a andorinha, a cabecita extendida, inerte, o peitinho alvejando no meio das azas abertas, em abandono. Junto d'ella, os filhitos, agonizantes uns, piando inconscientemente outros, implumes ainda, abriam desmedidamente os largos biquitos, n'uma supplica de carinhos.

E no azul puro, tranquillo, sem fim, pairava por instantes a outra avesita, na angustia da duvida ainda

do desenlace fatal do drama intimo, que ia anniquilar para sempre todo o seu bem.

O seu piar doloroso cessára abruptamente, e a andorinha voava agora, voava sempre, cortando desigualmente, á tôa, atordoada, esse placido e sereno azul, tão indifferente á sua dôr, tão esplendido e radiante de luz que se esbatia sempre em jórros faiscantes, onde magestaticamente, como um deus, vinha subindo o sol triumphante, espraiando o deslumbramento dos seus raios sobre a natureza, que despertava emfim aos seus beijos quentes, palpitante de vida.

*

* *

E Jorge ficou muito tempo a contemplar ainda a avesita morta, estirada ao abandono, em baixo, sobre a areia fina. Mas a imaginação abstraia-se-lhe, e voltava de novo á mesma visão, a viscondessita, que, voluvel, de olhar fascinador, talvez viesse a ser para elle como a cruel fatalidade d'um destino !...

E recostava-se mais indolentemente na cadeira, absôrto na doce e torturante *rêverie*.

— Ah ! viscondessa... viscondessa!... suspirava elle ainda, olhando vagamente a paizagem, toda banhada no fresco perfume das auras da manhã.

Na feira

A F. Eduardo d'A. Leitão.

Avistava-se ao longe a casaria da cidade, que os raios do sol poente coloriam obliquamente d'uns tons alaranjados.

Por entre as barracas fervilhava a multidão, acotovelando-se, indo e vindo, lentamente, em direcções diversas, muito aborrecidos uns, outros inconscientemente pasmados em frente das quinquilherias reles.

Pesava ainda na atmosphera um calor offegante, respirando-se mal um ar misturado de poeira fina. Pela rua, onde se alinhavam as tascas, ia uma algazarra enorme: grupos em descantes, rostos avinhados de gente abancada ás mezas gordurentas, involta n'um tom fumacento, impregnado do cheiro de azeite fervido.

Mais além, muito aprumados nas sellas, os ciganos, de rostos bronzeados, caracteristicos, ao fundo do campo. cavalgavam garranos estropeados, girando em corropio constante, levantando aos ares nuvens de pó, e

obrigando os rocinantes a desinvolver extraordinaria agilidade, pouco em harmonia com os seus habitos e recursos.

Outro grupo de ciganos rodeava um lavrador, a quem pretendiam vender um misero cavallo, alto e magro, com uma cabeça enorme. Os ciganos falavam quasi todos ao mesmo tempo, tecendo á porfia o elogio do animal; a poucos passos passava outro cigano, e, ouvindo pedir pelo cavallo uma exorbitancia, dizia de si para si: «*Si la cabeza fuera d'oro!...*»

A' beira da estrada, orlada d'eucalyptos, ao som das pandeirêtas, as ciganas dançavam animadamente; tinham os cabellos muito negros, reluzentes d'azeite, e as muitas saias, tufadas de fólhos, agitavam-se, balouçando ao movimento cadenciado da dança.

Lá muito para o fundo do campo as ciganas mais velhas accendiam já as fogueiras para a ceia. E chegava áquelle recanto afastado, confusamente, a algazarra da feira, misturada ao alarido esfusiante das trombêtas das creanças, e ao som vago das harmonias da banda marcial, que tocava no jardim publico, não muito longe.

*

* *

Vinha cahindo melancholicamente a hora do crepusculo.

Junto d'uma barraca, em forma de guarda-sol, estacionava grande ajuntamento de campónios e soldados. Sobre a meza circular da barraca viam-se pedaços grandes de tamaras sêccas e loiras; ao centro, n'um boccado de cartão, espetado n'um pequeno poste, lia-se em caracteres accentuados: *Um vintem, sempre sorte!...* Por baixo havia uma roda dentada, cheia de numeros, a meio com um ponteiro movel.

Junto de tudo isto estava uma rapariga de aspecto notavel. Teria dezeseis annos, o busto bem lançado,

perfil distincto, d'um moreno levemente acobreado, uns olhos negros, profundos, sonhadores, admiravelmente talhados, orlados de longas pestanas sedosas. A cabeça era coberta pelo fêz vermelho, um tanto descahido para traz, e os cabellos ondeantes, muito negros e fartos, que lhe cobriam parte da testa, eram aparados sobre a fronte, como os de um homem.

Então um soldado approximava-se, dava um vintem, fazia girar o ponteiro da roda, ella via o numero indicado e entregava-lhe certa quantidade de tamaras. Depois, ficava-se quieta, n'uma immobilidade d'estatua, alheia a tudo o que a cercava. E havia no seu avelludado olhar uma tristeza e doçura singular, quando ella demoradamente fixava a pallidez rósea do poente.

O que mais nos impressionava ao vêl-a era a expressão do seu olhar, abstracta, sonhadora, suavemente triste, vogando-lhe o pensamento em regiões distantes, lá para muito longe por certo.

Corrêra na feira que a mulher das tamaras era de belleza estranha, e os pequenos *leões* do sitio corriam pressurosos, rodando em torno, como abelhas ávidas de mel.

E ella, muito direita, parecendo não sentir os olhares ardentes que se cruzavam em torno, continuava fixando ainda, na mesma expressão dôce e vaga, a pallidez do poente.

*

* *

Era noite havia muito. Na feira começavam a fechar-se pouco a pouco as barracas. Ao fim do campo enxergavam-se as labarêdas dos ciganos, de longe em longe, em manchas sanguineas, lambendo o escuro. Para o lado das tascas bruxoleavam luzes mortiças. Na cidade, a distancia, a massa negra e informe era,

de longe em longe, crivada de pequenos pontos luminosos.

No silencio da noite calma soavam cantigas avinhadas.

Um homem, novo ainda, acercára-se, cambaleando, da rapariga das tamaras. Na barraca, em que ella se achava agora, havia unicamente uma enxêrga velha, extendida no sólo; d'uma corda, ao centro, pendia um lampeão, e a um canto via-se um caixote.

O rapaz entrou, sem dizer palavra, e foi sentar-se no caixote.

D'ahi a pouco disse-lhe com modo rude:

— E a ceia?...

Ella levantou-se e sahiu. Pouco depois voltava com a refeição.

O homem principiou a comer; em seguida resmungava que aquillo não era comida;... só para cães!... E bebia, bebia sempre, a grandes góles, pela garrafa.

A outra, sentada na velha enxêrga, respondêra tristemente:

— Tu bem sabes que nós não somos nenhuns principes.

— Nenhuns principes... nenhuns principes!... vociferava elle. Comtudo, se tu quizesses, não andariamos n'esta pelintragem!...

— Oh! Manuel, murmurava ella, chorando amargamente. E no seu coração passava agora uma scentelha de odio e nôjo por aquelle bebado bestial.

Elle, á vista d'aquellas lagrimas, esbravejava n'uma diatribe de impropérios: «Que a culpa era d'elle... Se tivesse outra casta de amante, mulher que conhecesse o que era a vida... então, outro gallo lhe cantára!... Mas assim... com tal delambida!... que diabo!... sempre pasmada... a pensar não sei em quê... Má raios de sorte a sua!... Inda um dia a deixava... que estava farto e refarto!...»

Ella nem o ouvia já; sahira para fóra da barraca, na sua resignação de martyr chorando silenciosa.

O bebado levantára-se cambaleando, e, encaminhando-se para a enxêrga, fôra cahir sobre ella a todo o comprimento.

*

* *

Sentada á porta da pequena barraca, ella fixava a vastidão profunda, infinita como a sua pungente dôr. Pela sua face linda não deslisava agora uma lagrima sequer.

Mostrava aquella expressão de olhar, tão vaga, sonhadora e triste, de ha pouco. Scismava n'um bem perdido, a sua ventura, a paz serena, que tão descaroavelmente abandonára n'uma embriaguez d'amor, de muito amor, ardente como o bello sol do seu paiz, estonteante como os tapêtes sem fim das flôres que perfumam as suas campinas.

Tudo perdêra, para seguir á tôa, como um misero rafeiro, aquelle que dormia lá dentro, estiraçado na enxêrga velha.

Porque o não abandonava?...

Ella, tão formosa!... que podia vender a punhados d'oiro os encantos da sua peregrina formosura!... Vender-se?... oh!... nunca... Dar-se... sim.

Lá dentro, no interior da tenda, onde bruxoleava a luz mortiça do lampeão, o bebado resonava sempre, a toda a força.

Muito ao fundo, na massa escura e informe da casaria da cidade, cujo perfil irregular se recortava na vastidão profunda, recamada d'estrellas, entreluziam de onde a onde os candieiros da illuminação, crivando o escuro. Os rumôres da feira morriam mansamente; só das tascas continuava a vir a toada das canções avinhadas, á mistura com o gemer das guitarras.

Ella, a dôce abandonada, fixando sempre a immensidade infinita, continuava no doloroso consolo do seu sonhar vago, mysterioso.

Era deliciosamente encantadôra!...

Na dubia claridade da tenda, lá dentro, estiraçado a meio da enxêrga dura, immovel, o bebado roncava sempre, bestial, cadenciadamente.

Aos passaros

A meu irmão Antonio.

PELA tarde chegára da villa o mestre de pianno, o Baptista, um dos da convenção de Evora-Monte, para quem este estado de governação era um desgoverno, tempestade desfeita, cuja salvação possivel estava unicamente no senhor D. Miguel de Bragança.

O Baptista tinha o verdadeiro typo de um official reformado: muito alto, moreno côr de pederneira, bigode hirsuto, já grisalho e a pêra do mesmo modo, destacando só do aspecto bellicoso aquellas ventas sempre atafulhadas de rapé. Dos seus olhos claros sahia um olhar estrabico, para quem o via sempre duvidoso do ponto de mira a que attingia. Era para notar que mais vêsgo se tornava aquelle desafinado olhar, quando, no calôr da discussão, o pobre homem tentava convencer o auditorio da veracidade d'uns casos impossiveis, que elle contava com um *aplomb* estupendo.

Junto d'uma janella a fidalga olhava o apagar lento da luz no esbatido do poente, e os seus labios mur-

muravam baixinho os padre nossos e avé-marias da corôa do costume, cujas contas os seus dedos afusados passavam automaticamente.

No pianno, o Luizito (o filho mais velho), martellava uma licção do methodo de Hünten, emquanto o Baptista marcava, sentado ao lado, cadenciadamente o compasso, e o Chico (o filho mais novo da fidalga), aproveitava ainda um resto de luz para rabiscar toscamente sobre um boccado de papel a caricatura do Baptista.

Pouco depois do cahir da noite áquella sala, de aspecto austero, chegavam os *habitués*, entre outros os parceiros da costumada partida de voltarête.

A creada, Margarida, trouxera já o candieiro acceso, um grande candieiro de metal amarello, sempre reluzente como oiro.

— Muito santas noites, dizia a velha creada. Terminada a licção, começava o voltarête; a um canto, o Baptista combinava logo com os dois pequenos a caçada para o dia seguinte: que era preciso levantar cêdo, nada de preguiça, quando não adeus; de manhã é que elles cahiam como tórdos!...

— E as esparrellas, em ordem?...

— Não falta nada, senhor Baptista, temos esparrellas a dar com um pau, de muito bôa urgueira, e que bella passarada para chamariz!... verá; ha então um pinta rôxo que aquillo é do fino, dizia o Luiz dando dois estalos com os dedos da mão direita.

— Como o padre Moraes ganhou este jogo é que é para a gente se benzer, notava a fidalga.

— Olhe, minha senhora, assim..., e não terminava a phrase o Pimenta, um que ao tempo fôra de dragões de Chaves.

O padre desafiava de lá:

— Desembuche, desembuche, homem.

— Hum!... esse geitinho de deitar o canto do olho para o jogo dos parceiros, ha-de acabar um dia, res-

mungava o Pimenta. E' melhor ir para a Falpêrra...

E o padre Moraes, com a face pallida, d'uma gordura balôfa, os olhinhos pequenos, debruados sempre de encarnado, sorria cynicamente, mostrando os dentes raros, negros do fumo, emquanto o Pimenta esbravejava improperios contra o velhaco do padre.

A um canto, afastado, o mestre-escola, muito loiro, de oculos de grandes aros de lata, saboreava imperturbavel toda a prosa do *Nacional*, annuncios e tudo, até ao *adresse* da typographia.

Entravam então as Silveiras, e o cirurgião da terra, um homemsinho todo cortez.

Os olhos do Pimenta, velhote ainda fresco, brilhavam d'um fulgor voluptuoso, olhando de lado a D. Gaudencia, a mais nova das Silveiras.

E o serão corria animadamente.

Tomado o chá, por volta das dez horas, pouco depois sahia tudo de casa da fidalga.

Cá fóra, no grande pateo o *Turco* rosnava surdamente, e os pontos luminosos das lanternas, que cada homem levava, picavam o escuro. Fechado o largo portão, sentia-se ainda a falácia das Silveiras, perdendo-se pela rua fóra, até cahir por fim tudo no silencio absoluto, cortado só ao largo pelo coaxar das rãs na grande reprêsa do ribeiro.

*

* *

Muito de madrugada, ainda noite escura, o Baptista vinha de manso chamar os dois pequenos:

— Luizinho..., Chico..., vá... arriba.

Os rapazes acordavam estremunhados, sentavam-se de salto na cama, e, quasi dormindo, principiavam a vestir-se atabalhoadamente.

— Que tal estará a manhã? indagava o Luiz; e o Baptista espreitando á janel'a:

— Vae estar de primeira, tudo estrellado, que é um louvar a Deus. Vá... aviar, vá aviar. Que é isso, Chico, então tornas a pegar no somno?...

O pequeno esfregava de novo os olhos, abria muito a bocca, espreguiçando-se todo mais uma vez, e aquillo era um apse em quanto os dois se vestiam

Cá fóra, depois, na varanda, coberta pelo largo alpendre, os tres pegavam nas gaiolas da passarada, e com os feixes de esparrellas a tiracóllo, lá partiam elles a armar aos passaros.

No pateo, o *Turco* meneava a cauda, curveteando em grandes saltos, instando por que o deixassem ir tambem; mas o Baptista não consentia, o canzarrão ia dar cabo de tudo. Pela estreita rua da aldeia caminhavam então uns atraz dos outros.

O céu era profundo, como que crivado de diamantes, esparsos no immenso crépe negro. Os gallos annunciavam a alvorada, e o seu canto festival repetia-se de longe em longe, qual alerta de sentinellas perdidas.

Já fóra da aldeia, tomavam por um carreiro, enfiando por entre castanheiros enormes, muito copados, a folhagem humida do orvalho da madrugada. Havia a sensação d'um friosito fino, d'um perfume vago. Mal se alastrava no nascente uma dubia claridade de prata e leite.

Os tres caminhavam sempre. Na frente ia o Luizito; elle é que sabia onde havia um campo de painço que estava mesmo a calhar.

— E tem vinha perto? indagava o Baptista.

— Um bardo em toda a roda.

— Isso é que serve, é que serve.

Tinham sahido do souto e tomavam agora pelos campos fóra. Seguiam silenciosos.

De repente o Luizito voltou á esquerda e cortou a direito, pelo meio das vinhas.

— E' logo aqui, senhor Baptista, o campo fica mesmo alli em baixo.

Deram ainda mais uns passos; tinham-se chegado. Gaiolas no chão e toca a preparar os ramos das videiras do bardo para armar as esparrellas, dispostas com mestria, no que intervinha como perito o Baptista. Collocavam logo as gaiolas muito perto da vinha.

Vagamente o esbatido de luz alastrava-se pouco a pouco no nascente; entravam de empallidecer as estrellas, e os contornos da paizagem começavam a esboçar-se. Todo o painço mostrava já o seu bello tom doirado, sazonado, que era um gosto vêl-o.

— Meninos, (ordenava o Baptista) agora é arredar d'aqui e nem pio, quando não escangalha-se tudo, e leva o diabo a caçada.

Iam pôr-se a distancia, deitados por entre a vinha, occultos pela ramagem muito verde, orvalhada e setinosa.

Nas gaiolas os passaritos cantavam, cantavam desencadeando trillos e *fiorituri* sem conto.

De repente o Baptista voltou-se, espalhou pelo azul fóra o seu olhar estrabico, e segredou baixinho:

— Psiu!... attenção, lá vem obra. Cuidado, não levantar a cabeça, hein?...

No horizonte accentuava-se uma bella côr de rosa, matizada d'oiro, toda empoeirada de luz, que gradualmente crescia de intensidade. Os passaritos chegavam, ás revoadas, n'uma alacridade grande. Iam abater-se em bando sobre todo o campo de painço, e era uma chilreada sem fim, uma cavaqueira pegada. Das gaiolas os outros respondiam, subiam em volatas, suspiravam gorgeios traiçoeiros. De lá, as outras avesitas indagavam. Um mais curioso desprendia vôo, pairava um momento no ar, indeciso, agitando as azitas; por fim, ia desastradamente poisar em alguma das esparrellas. Sentia-se preso, e entrava a bater as azitas, inutilmente, n'um esforço supremo, soltando pios afflictivos, á busca de soccorro. Os outros accudiam pressurosos, pairavam tambem hesitantes, esvoaçavam a lar-

gos giros; depois, poisava um, mais outro, e outro, eram ás duzias!...

Por entre a folhagem o Baptista e os pequenos espreitavam, ávidos de sensações.

Então o Baptista levantava-se; era o signal; corria tudo a apanhar os pobres indefesos. E, aqui, além, pintasilgos, pardaes, verdelhões..., eu sei!... não tinham conta.

Os pequenos vinham trazel-os ao Baptista, que tinha para os animaesitos um olhar, do mais vesgo que podia ser; e, tomando os a um por um, assentava-lhes sobre o peitito tenro o dedo pollegar da mão direita, com a larga unha orlada sempre de negro, apertava-lhes o arcaboiço franzino, e... záz!...

As avesitas tinham um estremecer convulsivo, uma nota angustiosa, abafada e triste, um lamento, talvez uma supplica, e cahiam inanimadas no chão.

Nas duas creanças havia sempre a revolta intima do seu instincto bom, a repulsão contra aquella maneira barbara como o outro acabava com as pobres avesitas; e, como os dois voltassem a cara, o Baptista tinha um sorrir desdenhoso e duro: «que se deixassem de tolices, e pieguices!...» resmungava elle. E, impavido, lá continuava essa matança toda, até ao ultimo pardal.

* * *

A aurora sorria esplendida n'um intenso rubôr de fogo e o disco enorme do sol surgia agora irradiando a luz em diadema, faiscante de raios scintillantes.

Animava-se a vida nos campos: no valle, um rancho de raparigas e rapazes cavava, curvados sobre a terra. Acolá, uma junta de bois arrastava somnolentamente uma grade por cima do terreno lavrado; de pé, na grade, um homem, de grande chapéu de palha, deitado para a nuca, as pernas muito abertas, gritava:

— Eh!... *cabâno!*...

E na frente, uma pequenita, a saia curta, os cabellos em anneis sahindo fóra do lenço de côres vivas, ia guiando, de grande aguilhada ao hombro.

Para o lado das mattas espessas sentia-se o bater secco do machado sobre um tronco, e aquelle som continuava cadenciadamente, muito certo.

Os passaritos iam cahindo sempre, mais e mais, já havia muitos.

O sol banhava os campos n'um calor de vida, e a natureza despertava inteiramente do torpôr da noite.

A distancia ouvia-se o soar argentino do sino da egreja, o senhor reitor ia dizer a missa.

Nas esparrellas a passarada morta era de sobra, e o Baptista lembrava:

— Oh! meninos, vae estar de rachar o calor hoje, sabem que mais, toca a safar, pela frêsca, hein?...

Os pequenos estavam por tudo.

E, na mesma ordem, uns atraz dos outros, cheios de gaiolas e passarada morta, voltavam os tres á aldeia.

A' entrada da estreita rua ficava uma casa isolada. O Luiz, que era agora o ultimo, voltava-se todo a vêr se descobria entre os dois mangericões enormes da janella tôsca da casita de granito o fino perfil da Mariquitas, destacando na moldura do loiro ruivo dos ondeados cabellos, em busca do effluvio magnetico d'aquelle olhar gázeo, que despertava n'elle já uma nota quente e voluptuosa.

Emquanto que, na frente do Luiz, o Chico, coberto de cordões de passaritos mortos, formando matizes variados, orgulhoso dos despójos da *batalha*, muito direito, abria desmedidamente as pernitas, tentando imitar as passadas de alcance do grande Baptista.

E lá de si para si pensava o Chico que a boa da Margarida ia fazer um arroz de primeira de toda aquella passarada.

O beijo do amigo

A Eduardo Pimenta.

PELA janella entrava a luz suja e triste d'um dia de inverno. Em baixo, as arvores rachiticas do jardinsito espreguiçavam por entre o nevoeiro, humido e frio, os ramos nús, como traços negros, caprichosos, sobre prata fôsca.

Uma vaga melancholia pesava em mim.

Entretanto no fogão crepitava um bom fogo; approximava-me, e, enterrado n'uma fôfa poltrona, scismava, contemplando os cambiantes differentes em que se transformava a chamma viva, na recordação de tempos que passaram.

Fôra alli, justamente áquelle canto do fogão, vendo o scintillar da labarêda, sentindo o confôrto do calôr suave e brando pôr-me no organismo um bem estar, um enervamento, que eu passára horas descuidadas e queridas, ouvindo o avô contar-me coisas extraordinarias d'essas batalhas, em que elle entrára derrotando francezes.

Como contava bem!... Como o santo velho deliciava a minha imaginação de creança com as suas narrativas, cheias de colorido, de vida!...

Sobre a parede, na minha frente, via-lhe o retrato, a pastel, pouco mais ou menos como eu o conhecêra, os cabellos salpicados de branco, cara rapada, a fronte espaçosa, um sorriso dôce pairando-lhe sobre os labios, que punha n'aquella physionomia um tom de bondade austera.

Por baixo pendia uma delicada miniatura a oleo sobre marfim; era ainda o avô, mas o avô dos vinte annos, o avô das batalhas, dos lances valerosos. Estava vestido com a farda escura de caçadores, um fino bigode aloirado assombreando-lhe de leve o labio superior, a fronte emmoldurada por cabellos castanhos, de tom setinoso, os olhos d'um verde-mar, vivo e profundo, como o ardor e o viço dos seus poucos annos.

E eu ficava-me a contemplar os dois retratos, o alvorecer e o occaso da vida.

Lá fóra o vento uivava fustigando a vidraça, o dia ia morrendo, e as sombras invadiam gradualmente o aposento; o fogo tinha scintillações mais brilhantes, de tons duros, a accentuarem-se cada vez mais deslumbrantemente.

Enterrava-me commodamente mais na fôfa poltrona de velho marroquim, fechava os olhos, deixava-me dominar pela temperatura mórna, como que embalado pelo *rom rom* da labarêda.

Então, n'essa leve somnolencia, o meu espirito divagava na seguinte *rêverie:*

*

* *

No mais accêso da pelêja, o avô notára que um sargento ia ficando pouco a pouco á rectaguarda, e disse-lhe bruscamente:

— Sargento, o seu logar não é ahi.

O outro olhou de lado o official; vendo deante de si um rapazóte, respondeu mal humorado:

— Isto aqui não é uma parada, qualquer bala perdida produz o effeito que se quer.

O sargento era um latagão alto, encorpado, chegou-se a elle o avô, poz-se nos bicos dos pés e assentou-lhe em cheio na face tão valente bofetada que o outro foi cahir estatelado no chão.

— Levanta-te, velhaco, gritou-lhe; e, encostando-lhe a ponta da espada ás costas, continuou:

— Na minha frente, biltre, e, se te não fazes matar como um valente, commigo tens de haver-te.

Pela tarde, terminada a batalha, quando no acampamento se procedeu á chamada, faltava o sargento; ficára no campo, o peito varado por uma bala, dormindo o somno dos heroes.

Cahia a noite, uma d'essas noites perfumadas e tépidas. A' porta da tenda o joven official olhava vagamente a ascensão lenta, no espaço, da lua pallida, que envolvia a paizagem na sua luz fria. Uma saudade pungente o dominava, o pensamento voava para longe, para muito longe; um perfil querido se esfumava então, como que em sonhos, a mãe, a mãe estremecida, que talvez não voltaria mais a ver.

De repente notou que um estranho se acercava.

Era um homem baixo, de cabello ruivo, rosto queimado, onde destacava bigode farto e aspero, aparado em escova.

— Meu official, disse elle em mau portuguez, dá-me licença que lhe dê duas palavras?

— Fala.

— Vi hoje a sua acção, além, no campo da batalha, com o sargento; o meu alferes é um bravo! E' muito novo, se a minha amizade lhe pudesse servir... honrar-me-ia bem.

Meu avô fitou pasmado o desconhecido. Era um sargento allemão, dos muitos mercenarios que faziam a guerra por officio.

— Obrigado, respondeu commovido, e apertou-lhe calorosamente a mão.

*

* *

A partir d'esse dia, um vivo interesse, como que uma adoração se radicou no coração do sargento pelo official; em mais de um lance difficil, este o viu a seu lado. Tomava por vezes a liberdade de lhe dar conselhos:

«Se fizesse isto assim, se andasse por esta forma...»

E elle ouvia-o e attendia-o muito.

O allemão era dos desherdados da sorte. Engeitado em pequenino, lançado á margem, sem familia, logo que chegou á edade abraçou a carreira das armas. Havia n'elle, como em poucos, a necessidade d'uma affeição, (elle, que nunca conhecêra junto de si um coração amigo), e sentia por meu avô como que a estima do cão pelo senhor.

Foi passando tempo. Havia pouco que o alferes subira ao posto de tenente. Um dia, rompia fresca a madrugada, tingindo de rubro sanguineo todo o nascente. Um valle profundo mostrava o seu tom verde, sombrio, e um rio, de tons azulados, cortava o valle em zig-zag.

No acampamento rompia de pontos differentes o toque da alvorada: musicas marciaes, fanfarras, em hosanna immensa, saudando o novo dia. E, pouco tempo depois, o astro rei, flammejante, n'uma aureola de luz, esplendia no horizonte. Do outro lado do valle profundo, sobre um outeiro, destacava no alto um posto avançado francez, uma força de couraceiros.

Um official, soberbamente montado, passava revista ás tropas. Das couraças de aço polido resaltavam chispas de luz que o sol nascente incendiava.

Pairava em toda a natureza uma suavidade, um sorrir da vida ; comtudo, em breve a desolação e a morte iam precipitar-se, como vendaval desfeito, como furacão impetuoso, por sobre aquelles sorridentes campos, n'aquelle remanso tão tranquillo.

De repente, avistou-se, descendo uma encosta, um cavalleiro, a farda escura abotoada até ao queixo, montando uma egua ingleza, *pur-sang*. Este homem, isolado, sem estado maior, era o grande Wellington.

Encaminhou-se ao regimento de caçadores 3 e pediu ao coronel que puzesse á sua disposição um official de inteira confiança com uns tantos homens.

O coronel mandou chamar meu avô.

Na frente do acampamento o rio descrevia perfeitamente um Z. Wellington disse então :

— Official, vae atravessar o rio na haste do *Z*, a norte ; avança com a sua força pela ladeira acima, e ataca de surpreza o inimigo pelo flanco direito ; sustenta o fogo sem descançar, emquanto eu mando avançar o troço do exercito, cortando a haste sul do *Z* e atacar os francezes pelo flanco esquerdo, mettendo-os assim entre dois fogos. Siga á risca as minhas instrucções.

— Prompto, meu general.

Fazendo a continencia militar elle voltou sobre si mesmo e partiu.

Para o bom exito d'uma batalha muita vez se sacrificava assim um punhado d'homens, expondo-os a uma inevitavel morte.

Elle comprehendeu que era um homem perdido. Caminhou direito á tenda, e, ahi, desabotoando a farda, tirou do seio uma pequena medalha da Virgem ; no fervor d'uma crença purissima, rogou-lhe que velasse por ella!... a mãe ; e preparou-se então a. . morrer.

De perto seguira-o o allemão; elle nem dera por tal, tão preoccupado estava.

Quando sahia da barraca, o outro abeirou se e perguntou:

— Desculpe, oh! meu tenente, ha alguma novidade?...

— Lance sério

— Vou tambem?

— Não. Adeus.

— Isso é que vou; logo eu o deixo ir para ahi sosinho!... Vamos a arranjar licença.

— Nada de asneiras. Ouve cá... Mas o outro partira, sem mesmo lhe responder.

*

* *

O sargento allemão conseguira fazer parte da força. Esta passára na melhor ordem o rio a vau. Depois entrára a subir a encósta, toda salpicada de moitas de giesta, polvilhada de flôres doiradas.

Chegando ao alto, encontraram outra encosta em declive suave, e do outeiro fronteiro, n'uma grande linha, extendia-se parte da guarda avançada do acampamento francez.

Começou o fogo.

Os francezes, desconfiados, suppondo força maior, ou adivinhando talvez a manobra de Wellington, trataram de concentrar-se, entretendo um fogo pouco intenso, que raras victimas fazia á pequena força de caçadores.

Estes avançavam sempre.

Havia agora um muro de pedra solta, dividindo um campo; o allemão poz joelho em terra e enfiou o cano da espingarda por um buraco da parede. Continuando a avançar, saltaram todos o muro; o allemão, porém, ficára para traz. Meu avô chamou por elle, não lhe

respondeu, aquillo inquietara o. Avançaram mais, e o outro sem vir. Se morreria!... Avançaram ainda; os francezes recuavam sempre, em boa ordem, sem resistencia.

Por fim sentiu darem-lhe o signal de retirar.

Começou a retirar lentamente. E comtudo havia n'elle uma anciedade, um desejo vivo de saber o que fôra feito do allemão.

Ao chegarem ao pequeno muro, lá estava elle, curvado sobre a arma, na mesma posição de fazer fogo. Approximou-se, tocou-lhe, estava morto!...

Por um d'estes acasos da guerra, na occasião em que, ajoelhado, enfiára o cano da arma pelo buraco da parede, em posição de atirar ao inimigo, uma bala contraria, entrando pelo mesmo buraco, lhe fôra varar o coração. Depois, descahira sobre a arma que, entalada no muro, lhe amparára o corpo.

O avô mandára-o extender sobre a relva, e dissera á força para seguir na retirada, que agora era feita á vontade, com raro fogo do inimigo, o qual principiava a interessar-se na pelêja, que rompia viva no flanco esquerdo. Os olhos abertos, n'uma angustia ultima, tinham na face livida do morto um brilho velado, de vidro. Tingia a farda, cortando o peito, um traço humido de sangue negro; da bocca, semi-aberta, (onde deveria ter expirado uma palavra), escorria tambem ao canto do bigode ruivo um tenue laivo de sangue.

Meu avô contemplou dolorosamente o pobre amigo. A força continuava a caminho do rio, lá em baixo; elle quedara-se um momento ainda, preso por uma attracção intima, que o detinha junto do morto.

Então, ajoelhou perto d'elle, duas grossas lagrimas lhe borbulhavam nos olhos; curvou-se mais, e essas lagrimas resvalaram sobre o cadaver; depois, silenciosamente, depoz um prolongado beijo sobre aquella fronte sem vida.

E foi o beijo do amigo toda a oração funebre, toda a

prece sentida, todo o adeus saudoso, que o pobre pária, que na vida não conhecêra nunca o santo perfume dos beijos de mãe, tivéra unicamente junto a si.

Por entre as moitas das giestas, doiradas de flor, perdiam-se agora os vultos negros dos soldados. Para o outro lado sentia-se o rugir da batalha, que se não avistava, encobertas as forças pelo dobrado do terreno. Só da outra banda do rio, sobre um cabêço, se avistava no alto a artilheria, vomitando a morte em ondas de fumo, cujo bramir medonho echoava de valle em valle, de quebrada em quebrada.

E a limpidez serena do azul pairava tranquillamente sobre as tempestades revoltas e medonhas da vida.

Terminara a minha *rêverie*, perfume de saudade pelo santo velho, que eu perdêra havia tanto.

Lá fóra o vento continuava a uivar fustigando a vidraça; as sombras, pesadas agora, faziam resplandecer vivamente a scintillante chamma, de cruêzas metallicas; o Antonio, o meu velho creado, trazia luz:

— Muito santas noites, meu senhor.

— Boa noite, Antonio.

E eu voltava de novo á prosaica realidade das coisas.

O Vida Alegre

A meu Irmão Alberto.

Um pouco distante da povoação, que se extendia pela encosta fóra, ficava um antigo convento. O sol, declinando no horizonte, mergulhava já em sombras toda a frontaria pardacenta, deixando ainda banhada de luz a cruz de granito que dominava a altura do frontispicio da egreja.

Era tudo êrmo e só. A paizagem desenrolava-se em suaves ondulações, perdendo-se depois ao longe, confusamente. A um lado mostrava-se mais accidentado o terreno, cortado por uma fita alvacenta da estrada, que se avistava por entre os mattos até ao alto d'uma ladeira. Ao cimo d'essa ladeira, justamente do lado do poente, ficava o cemiterio, mesmo sobranceiro á estrada.

Junto do velho convento estacionava um homem, sentado n'uma pedra, os cotovêllos firmados nos joelhos, a cabeça apoiada ás mãos, fixando insistentemente o cemiterio, cujos cyprestes esguios destacavam fortemente na aureola de luz, que incendiava o poente.

Este homem parecia dominado por uma dôr muito intima, tal era a expressão triste e dura, que lhe ensombrava o semblante.

Pouco depois levantou-se, e foi seguindo estrada fóra, lentamente, pela extensa ladeira. Uma vez só se voltou para contemplar ainda a aldeia, cujas casitas se espalhavam ao acaso, pela encosta.

Ia cahindo a noite.

Toda a paizagem adormecia vagamente. As sombras cresciam de momento a momento, tornavamse mais densas, alastrando-se nos valles, trepando pelos outeiros fóra, deixando ainda recortar-se n'uma nitidez de azul muito diaphano o perfil ondeante do horizonte, já ao largo.

Pairava em tudo uma melancholia: o morrer de um dia, o esmorecer da luz.

Caminhava ainda no alto o mesmo homem e o seu vulto esguio e negro desenhava-se agora na poeira doirada da ultima claridade.

O vulto desapparecia por fim no alto, ao dobrar da encosta.

Pouco a pouco o véu mysterioso das sombras envolvia tudo em escuridão cerrada; só a immensidade da abobada celeste, na sua vastidão profunda, se mostrava deslumbrante, na serenidade da sua magnificencia, polvilhada d'astros sem conto, d'um brilho vivo.

O caminheiro seguira sempre, pela noite dentro, até que, altas horas, já sem forças, foi deitar-se extenuado debaixo d'uma grande arvore que havia perto da estrada; e, quasi rompia a madrugada, quando um somno agitado, ou antes a grande fadiga, o prostrou de todo.

No pequeno cemiterio da aldeia aquelle homem deixava uma filhita, creança gentilissima; na aldeia perto, a mulher, com outro filho nascido havia pouco.

Um dia possuira elle a convicção intima de que a

mulher o trahia; quando o soube, passou-lhe no animo a tentação de estrangular os dois amantes. Pouco a pouco, porém, horrorisara-se da idéa d'um crime. Matar, elle, que nunca fizera mal a alguem!...

Se ella, que tanto amára, o trahia, é que já lhe não tinha amor, e o amor não se impõe; elle não podia forçar aquelle coração a que pulsasse palpitante por si, como outr'óra. Que fazer-lhe?... Soffrer o adultério da mulher, fingindo ignoral-o, isso nunca; havia em todo elle muita dignidade para tal baixeza!...

Então, resolveu-se a fugir para muito longe, para onde nunca mais ouvisse falar da infame.

Mas o filho?... Talvez que esse filho fôsse do outro. Talvez,... não devia ser seu filho; e que o fôsse?... não soffreria nem mais um dia aquella tortura cruel.

E foi assim, que uma tarde, sem que a ninguem revelasse o desesperado intento, elle partiu, só e mais a sua angustia infinita, que lhe toldava para sempre o azul sereno da vida. Seguira ao acaso, sem destino, sem saber para onde, caminhando como um automato, mas caminhando sempre, comtanto que fôsse para longe para bem longe d'aquelles sitios.

Era sol nado quando acordou, tranzido de frio, os membros entorpecidos.

Em baixo, a relva dos prados, coberta de orvalho, tinha um tom macio, setinoso, toda empocirada de prata. Ao longe a paizagem enxergava-se dubiamente, mal delineados os contornos, entre o esfumado das brumas da manhã, que o sol rompia a custo.

*

* *

Durante muitos annos a vida d'este homem foi uma *degringolade* successiva, até tocar no ultimo degrau da miseria.

Quando eu o conheci era elle um d'estes typos caracteristicos das ruas, n'uma cidade de provincia. Chamavam-lhe o *Vida Alegre*. Seguido sempre por um pequeno cão, felpudo e negro, elle passava, cantando e dançando, uma velha manta alemtejana, muito esburacada, deitada ao hombro, coberto d'andrajos, n'um aspecto de embrutecimento produzido pelo alcool, com que procurava esquecer todo um passado doloroso.

Os garotos, quando o viam, gritavam-lhe:

— Sempre?...

— Bebedo!... respondia elle com a sua voz avinhada e rouca.

Quando no grupo avistava alguma pequenita, a sua physionomia soffria então uma transformação notavel. Parecia que uma centêlha rompia por momentos as trevas da noite d'aquelle martyrio; e tomava logo um tom dôce e meigo, e murmurava dirigindo-se á pequenita:

— Ai! que linda!... que linda!...

Se a creança não fugia, ao olhar meigo do bebedo, que a envolvia toda n'um carinho suave, elle approximava-se pouco a pouco, e, n'um respeito intimo, n'uma consolação e bem estar grande, tomava-lhe a mão pequenita, cobria-a de beijos, e por vezes de lagrimas.

A garotada rodopiava em volta de novo, gritando-lhe:

— Sempre?...

— Bebedo!... tornava elle. E seguia depois, o semblante turvo, nas trevas da sua amargura, pelas ruas fóra e mais o cão, cantarolando, dançando, n'uns saltos grotescos, bestiaes.

*

* *

Assim arrastou por muito tempo a vida.

Um dia procurou-o no casebre miseravel, onde se abrigava de noite, um rapaz ainda novo, todo vestido

de negro. Disse-lhe que era seu filho, que a mãe morrêra, e elle lhe vinha entregar a parte da herança que lhe pertencia.

O *Vida Alegre* mirou o rapaz silenciosamente ; depois, subindo lhe ás faces o rubôr d'uma indignação, disse com raiva concentrada :

— Eu não recebo coiza alguma d'essa... Mas tu não tens culpa dos desvarios d'ella ; tornou elle reflexionando. Vae-te, deixa-me em paz...

— Venha commigo, atreveu-se a dizer o outro ; volte para a nossa terra, viva do que eu tiver, já que nada quer do que lhe pertence. Deixe esta vida que leva.

— Não ; respondeu seccamente.

E no seu intimo havia a sinistra visão, sempre viva, do passado.

— Vae te... torrou-lhe irado.

— Oh ! meu pae !...

O aspecto do velho torvou-se mais e respondeu :

— Teu pae ?... e que sei eu se tu és meu filho ?... A outra sim,... essa é que era deveras a minha querida filhinha ?... E o rosto ensombrava-se d'uma saudade negra ; duas lagrimas deslisavam mansamente pelas faces rugosas do desgraçado.

— Volta á nossa terra, continuou elle, mais sereno agora, e, se por lá alguem te perguntar por mim, dize-lhe que... morri, entendes ?... que morri !... E não penses mais em mim. Adeus.

Dirigia-se já para a porta, mas voltou atraz :

— Ouve ; eu bem sei que levo uma vida desprezivel, bem o sei, mas, toma sentido, serei um miseravel... mas... acima de tudo um homem de bem, entendes ?... D'essa mulher... nem um ceitil !...

E seguira a caminho da taverna fronteira.

*

* *

Um mez depois, por uma fria e humida manhã de dezembro, os varredores pelas ruas tortuosas da pequena cidade, de grandes vasculhos em punho, iam juntando em montões o lixo das ruas. As silhuêtas deseguaes da casaria esboçavam-se no acinzeirado do nevoeiro.

De repente, um dos varredores estacou, e disse para o outro, que se achava a pouca distancia:

—Oh! Antonio, anda cá ver, que diabo será isto?...

E apontava para um vulto informe, ao longo da valêta, um cão morto ao lado.

Os dois approximaram-se, e poderam então ver o *Vida Alegre* morto, a face livida, suja do vomito do vinho e da lama, os olhos esbugalhados, como que a saltarem das orbitas, em expressão medonha, os cabellos grisalhos emmaranhados, em desordem, o chapéu esburacado, cahido de través, a distancia.

Junto d'elle, victima do bolo municipal jazia o inseparavel companheiro, o pequeno cão negro e felpudo.

— Oh! Antonio, commentava um dos varredores, onde diabo havia de vir acabar o *Vida Alegre!...* coitado!... veiu na enxurrada d'esta noite!...

— Pobre bebedo!... concluia o outro.

Assim terminou aquelle que tivera em vida um coração d'oiro, que uma mulher soube apunhalar sem piedade.

Contraste

A Nicolau Antonio Camolino.

No grande *landeau* do marquez a Laura scismava, olhando vagamente apagar-se em sombras a campina immensa. Os choupos da estrada destacavam ainda, em traços esguios, no tom confuso dos campos, lembrando cyprestes.

Ella recostara se no fundo do *landeau*, muito encolhida, como que receosa de tocar na bella sêda côr de perola, que forrava a carruagem toda. Levava no assento fronteiro, apertada n'um grande lenço de ramagens, a sua roupa. Uma tristeza immensa a tomava: é que na aldeia ella deixava o seu bem estremecido, e quem sabe se para sempre. Oh! que horrivel idéa!... Passava então as mãos pequeninas, bem feitas, pela sua face suavemente rosada, como que a tentar afastar de si a dura visão!...

E uma cabecita de rosa e oiro lhe sorria então na sua dôce phantasia; os olhitos escuros fixavam-na mansamente; na boquita breve esboçava-se um sorriso.

Era bem dolorosamente amargo o separar-se d'aquelle pequenino ente, o filho estremecido. Mas... assim fôra necessario. Que fazer? Como sustentar a creancinha? ella, que tão pobre era, tão pobre!... Depois, como o senhor marquez lhe mandára offerecer uns lucros bons para amammentar um filho, ella acceitára, e assim poderia enviar á Deolinda a mezada certa com que sustentar o pequenito; fôra o que a resolvêra.

Oh! mas era muita aquella saudade!... Havia de passar, sim, tudo passa; por agora, porém, parecia que um espinho se lhe cravava dorida e persistentemente no coração, que um nó lhe estreitava fortemente a garganta. E davam-lhe ancias de voltar para traz, voar á aldeia, a encher de beijos sôfregos a carita de cherubim do filho. Mas... e depois?... o futuro?... que havia de ser do pequenito?... Não; ella havia de resignar-se... com o tempo.

As largas patas dos dois hannoverianos entravam de soar cadenciadamente na calçada. Era noite densa. Através dos vidros do *landeau* ella avistava agora casas sem fim, e, de quando em quando, a luz viva do gaz illuminava cruamente os transeuntes. Cruzavam-se carruagens; de longe em longe uma claridade grande sahia d'uma loja, alastrando-se a toda a largura da rua.

Estava na cidade. Ella nunca viera á cidade, e aquelle formigar de gente, a enfiada da casaria, muito alta, o deslumbramento dos jórros de luz, todo o borborinho de vida nova, deixava-a estonteada.

Agora passava n'umas ruas muito mais largas, onde fócos de luz espargiam uma claridade mais intensa e viva, que a deixava encandeada; havia flôres, perfumes vagos, arvores copadas projectando traços de sombras densas, muita vida, muito movimento, e os acordes metallicos d'uma fanfarra soando ao longe.

A Laura abria os grandes olhos espantados para os

globos d'um branco faiscante entre as sombras negras do arvoredo copado.

O *landeau* parou de repente. Tinham chegado. Um homem, de grande casaco azul, veiu abrir.

— E' a ama? desça, menina.

E a Laura entrára no vestibulo do palacête, onde umas plantas exoticas mostravam a larga folhagem verde, batida de luz. Na frente subia a grande escadaria, onde o tapete desenrolava um traço rubro, de sangue, nos degraus alvadios e polidos do marmore.

*

* *

O quarto da Laura ficava no segundo andar, por cima dos aposentos do marquez e da marqueza. Uma noite, presa da insomnia, ella olhava a seu lado no pequeno berço, (um ninho fôfo de sedas e rendas), o filhito da marqueza dormindo serenamente o somno bom das creanças, e então, ao seu pensamento corria logo a dôce visão do outro, da cabecita rosa e oiro do seu pequenino cherubim. E ella suspirava, suspirava a sua saudade immensa!...

Como se dava que fôsse tão desgraçada, ella, tão cheia de sentimentos bons!...

A pobre Laura, engeitada, (sem nunca um sorriso de mãe lhe ter illuminado docemente a face), fôra ganhar o pão de cada dia para casa de um brazileiro rico, lá na aldeia; depois, o filho do brazileiro tinha um olhar velado, dôce, que a encantava, suspirava-lhe phrases quentes, apaixonadas, que a estonteavam; por fim, uma noite, n'um delirio, sem saber como, deu-se toda, sem condições. Se o amava e julgava ser amada!...

E apezar de tudo, apezar de abandonada infamemente, ella sentia ainda um prazer vago na recordação suave d'essa ventura fugitiva, que a inebriou po

momentos. Fôra n'uma noite de tormenta medonha, o céu, densamente negro, pesava sobre toda a aldeia; nem uma estrella só entreluzia a mêdo na vastidão hiante; de quando em quando um clarão enorme lambia aquella negridão profunda, alastrando o seu tom livido sobre a paizagem, que se esboçava rapida, phantastica, para cahir de novo envolta em sombras.

Ella fôra a deshoras falar com o filho do brazileiro; fizera mal, bem o sabia, mas elle instára tanto e tanto, Laura tinha uma fé tão cega no amor d'elle!... Oh!... se nunca tivéra ido!...

Mas, a noite era quente, suffocante, ella sentia-se invadida, tomada d'uma suave prostração; pela sacada em frente, entrava o fulgor phosphorescente dos relampagos lividos, e o perfil moreno do filho do brazileiro tomava então um tom estranho, que a perturbava. A tormenta bramia por montes e valles, e ella, transida de susto, deixava-se estreitar nervosa nos braços d'elle; o perfume dos seus beijos envolvia-a toda, e esses beijos dôces mordiam-na voluptuosamente.

Oh! ella não sabia, não sabia, fôra tudo como que em sonhos: o rugir soberbo da tormenta, a grande lividez phosphorescente, envoltos ambos em scintillações, em deslumbramentos vertiginosos!... Um sonho,... um sonho d'um delirio, d'um arroubamento celeste!...

Mais tarde vieram desapiedadamente os tremendos desenganos; só, abandonada, lançada á margem, o filhito, a falta de recursos, o horror!...

E a Laura olhava em roda o quarto, onde bruxoleava a luz dubia da lamparina; no seu ninho de seda e rendas o pequenito dormia docemente; debaixo, do andar inferior, subia a melodia confusa d'uma valsa no baile dos marquezes.

*
* *

Notára a Laura de si para si que raras vezes a marqueza se curvava sobre a cabecita gentil do filho, na caricia d'um beijo, e sendo tão linda a creancinha!...

Era a marqueza um d'estes typos da mulher nervosa, vivendo da febre de prazeres continuos, bailes, theatros, eu sei!... uma vertigem de goso, que muita vez a deixava prostrada, com a enxaqueca teimosa. Gosava com razão de fama de belleza, é que era deveras mui gentil a marquezita. Casára por ambição de riquezas e honras, sendo pobre e de modesta condição. O marido era para si quasi que um indifferente. O que mais que tudo presava n'este mundo era a sua elegantissima pessoa; chegava a ter um verdadeiro culto por si mesma Quando á noite a creada lhe soltava as fartas tranças, ella sacudia os ondeantes e longos cabellos, que a envolviam logo n'uma nuvem negra, de reflexos azulados, resaltando n'aquelle tom escuro o jaspe quente dos seus hombros nús. Sorria a marquezita para o grande oval da psychè, que a retratava toda, deliciosamente tentadora, e a sua vaidadesinha achava-se inteiramente satisfeita. E' que deveras era muito linda a marqueza!...

Quando se viu gravida, sentiu um desconsolo intimo. Um filho!... era triste!... Julgára se bem mais feliz se o não tivéra. Uma prisão, um tropêço!...

O marquez sorria de ventura ao pensar que ia ser pae. Um medico seu amigo disséra-lhe que faria bem á marqueza o amammentar ella mesma o filho. Um dia falou-lhe n'isso.

— Que horror! meu amigo; crear o pequeno, quem lhe metteu essa na cabeça?...

E o marquez não insistira.

— Que idéa a do marquez!... pensava ainda comsigo a marquezita.

Justamente o que ella temia mais em tudo aquillo era o perder as suas bellas linhas esculpturaes, que faziam que a olhassem com a admiração inspirada pela formosura da mulher perfeita.

*

* *

— Se a marqueza teria um amante!... pensára um dia comsigo a Laura.

Mais que uma vez ella notára a assiduidade d'um primo do marquez, junto da marquezita. Este primo tinha para Laura por vezes um olhar impertinente; mesmo um dia, que a encontrára ao fundo do jardim, junto á grande tilia, segredára lhe coisas, que a fizeram corar.

Ella não dissera nada á senhora, mas era certo que, d'algum tempo para cá, Laura notava uma certa differença na maneira por que a marqueza a tratava agora; tão bôa ao principio, mostrava-se por vezes d'uns modos bruscos, sacudidos e sêccos.

Sempre que o primo entrava, se a Laura estava presente, a marqueza ordenava lhe logo que sahisse com o pequeno, sob um pretexto qualquer.

D'uma vez em que, por acaso, passava perto do aposento onde os dois conversavam a sós, ella ouviu vozes alteradas, e pronunciar distinctamente o seu nome.

Dias depois, como se encontrasse frente a frente n'uma galeria com o primo da marqueza, este, afagando sempre a face macia e linda do pequenito, fez-lhe abertamente a proposta de a tornar sua amante.

A Laura ruborisou-se toda n'uma indignação e respondeu:

— Que mal fiz eu ao senhor para me insultar?...

— Vamos, pensa bem, pequena; demais, tu não és, francamente, tão ingenua...

A Laura fugira, sem ouvir o terminar da phrase. Duas lagrimas lhe bailavam nos olhos formosissimos, quando, ao dobrar a esquina da galeria, deu de chófre com a marqueza.

— O que tens tu? que vaes a chorar, perguntou-lhe ella.

— Eu, senhora?... Não é... não tenho nada...

— Não tens nada e estás tão córada?... Vamos...

— E' que... sim, uma dôr,... ha de passar.

— Está bem, vae-te.

E a marqueza carregára o sobrôlho ao deparar com o primo, ao fundo, que parecia admirar uma soberba begonia *rex*.

*

* *

Passados poucos dias, foram dizer á Laura que a senhora a chamava. Desceu logo.

No *boudoir* azul e oiro da marqueza estava junto d'ella uma rapariga de bôas côres, d'uns vinte annos.

— Olhe, Laura, disse-lhe a marqueza seccamente, logo que acabe de almoçar, arranje as suas coizas, que já dei ordem para estar prompto o *landeau* que a ha-de conduzir á sua aldeia. O mordomo que lhe faça as contas; d'hoje em deante dispenso os seus serviços. Entregue o menino a esta rapariga.

— A senhora marqueza manda-me embora?

— Sim; não me convem.

— Sinto que me despeça sem eu saber o que fiz para isso.

— Não me convem, e mais nada tenho a dizer-lhe. Adeus.

Pouco depois, a Laura subia para a carruagem e partia.

*

* *

Na amargura, que a torturava agora, uma luz radiante lhe illuminava um sorriso: ia tornar a vêr o seu pequenino cherubim rosa e oiro. Sim, corria feliz ao seu encontro.

Mas... que seria d'elle, se não arranjasse casa para dar a vida do seu seio a algum dos venturosos da fortuna?... Fazia a estremecer esta idéa.

Através do crystal puro dos vidros do *landeau*, ella avistava agora a planura vasta, doirada de sol, desdobrando se em ondulações, vagamente.

E os cavallos possantes trotavam, trotavam sempre, e ao fundo da estrada poeirenta, n'um recanto isolado, na casita pobre da Deolinda, lá estava elle, o pequerrucho, com os braços nús, como azas de avesita!... a esperal-a...

E, como contraste frisante, emquanto a Laura, pobre, miseravel, sem um amparo sequer na vida, corria delirante em busca do ideal da sua vida, (o fructo dos seus criminosos amores), desprezando as propostas vis do outro, a marquezita, n'um ambiente de fortuna e de cuidados, recostada na fôfa *chaise-longue* do perfumado *boudoir*, esquecia tudo o que a cercava, sorrindo voluptuosa, embalada agora pela musica doce e quente das phrases apaixonadas do seu amante.

Das duas, a perdida era... a Laura.

Os pequenitos

A José Joaquim Mendes Junior.

DEPOIS de atravessar toda a pequena aldeia, ao sahir da estreita rua, suja e tortuosa, a ultima casa era a d'elle: um casebre humilde, de granito pardacento, olhando ao largo a vastidão dos campos. Alli fôra creado, alli crescêra o João Falcão, quasi ao abandono de si mesmo, como planta selvagem em aridez de serra. Quando o pae sahia muito de madrugada, para o trabalho, e a irmã, uma camponeza robusta com mais quinze annos do que elle, montada na mula, entre as duas enormes canastras de gallinhas, que mostravam as cabecitas espantadas através da rêde de corda, partia tambem, em dias de mercado, para a villa proxima, o pequeno ficava então só em casa todo o santo dia. E no quintalêjo elle olhava curioso as gallinhas, que tinham ficado de reserva para o mercado da outra semana, esgaravatando na meda de estrume, e o grande gallo, de plumagem mirabolante com reflexos metalicos, passeando altaneiro no meio d'elias, como pequeno

sultão. Através das taboas mal unidas do sobrado carunchoso, vinha o cheiro nauseabundo do cortêlho do porco, que grunhia em baixo, e da estrebaria da mula.

O pequeno passava encurralado no casebre todo o longo dia; quando a fome apertava, ia á grande arca de castanho, tirava um naco de brôa, que roía sofrego com os pequenitos dentes, d'um immaculado marfim.

Pela noitinha chegavam os dois, a irmã fazia a ceia, á lareira; na cosinha comiam a frugal refeição, depois, o pae, de pé, *dava graças a Deus*, resando em seguida um *padre-nosso* pelo eterno descanso da *outra*, a companheira que Deus lhe levára tão cêdo.

*
* *

Houve na vida do João Falcão um periodo relativamente feliz, quando, já crescidito, por volta do meio dia ia levar n'um pequeno cabaz o jantar ao pae, sempre na lida dos campos. Então, á volta, era pelos silvados namorando os ninhos pennugentos, ou fartando-se de amoras negras; e ao bom sol quente, todo o resto do tempo, estatelado na relva macia, de barriga para baixo, aos grillos, ou olhando de longe o rapazio da aldeia, que, ás cabriolas, corria brincando, em grandes saltos os mais crescidos, jogando ao *eixo*.

Mas, tudo o que é bom passa rapido. Elle ia crescendo, e, de quando em quando, o pae levava-o já todo o santo dia na sua companhia, para a sujeição do trabalho, adeus liberdade, tempos felizes, descuidados.

Teria o pequeno uns dez annos, entrou de paquête em casa do fidalgo. Começou para elle a serio a vida rude: o levantar ainda de noite, estremunhado, a cahir de somno, pelas manhãs frias do norte; o carregar á cabeça com os pesados canecos de madeira, cheios d'agua, trepando a ingreme ladeira que vinha da fonte.

Depois, os maus modos e maus tratos muita vez, dos outros creados, que faziam d'elle seu creado. Havia especialmente um com quem elle embirrára, logo, o Braz, o dos cavallos, um bebado, que lhe dava com o cabo do chicote. Fôra assim: uma vez, de madrugada, o pequeno não queria ir buscar-lhe o *Bonga* para o fechar na casota do pateo; se o *Bonga* era um canzarrão temivel, com uns ares de féra, andar de urso, olhar de lado!... que mêdo!... que mêdo que o pequeno tinha d'elle, tremia todo mal o via.

Mas, como o pequeno se negasse a approximar-se do grande cão, o Braz com o chicote resolvêra-o. Então o garoto caminhára a custo, no meio do grande pateo, choramingando; timidamente começou chamando o *Bonga*, mas elle, esperto, rosnava desconfiado.

— Chega-te a elle, bruto, intimava o Braz.

— Elle morde-me, ai!... que o cão morde-me!...

— Ora o cagarola!... espera que eu lá vou...

E o pequeno, sempre de olho fito no chicote, ia emfim chegando-se para o animal.

O *Bonga*, de pello eriçado, avançava, o pequeno fugia, intervinha o chicote do Braz, o qual ria alarvemente da tourada, como elle lhe chamava.

Que odio!... que a partir d'esse dia elle conservára no seu intimo pelo bebado do Braz!...

*

* *

Passaram annos.

Quando eu conheci o João Falcão seria um homem dos seus quarenta e tantos annos, de estatura regular, rijo de musculos; tinha fama o seu pulso, e, a despachar leguas na frente d'um cavallo, por aquellas velhas estradas, o inseparavel bacamarte de bocca de sino ao hombro, não havia quem o egualasse. Era de rosto redondo, sem barbas, tom avermelhado, olhos negros,

d'uma expressão bestial, a cabeça, coberta d'uma cabelleira inculta, já levemente grisalha.

O fidalgo casára havia muito, e tinha então tres filhos, tres lindissimas creanças, tres cabecitas louras, adoraveis, como pequenos e delicados cherubins.

João Falcão entrára a tomar-se do vicio do vinho, e quando se embriagava, (o que não era poucas vezes), dava-lhe para ir falar com a fidalga á sala, e beijar os *pacânitos*, como elle lhe chamava.

— Oh! homem de Deus, dizia-lhe uma creada velha, a senhora está com visitas.

— E isso que tem?... olha lá!...

— Valha-o nosso Senhor, vá se deitar, que é o que vossê precisa.

— Olhe que eu não estou bebado, hein? dizia élle fazendo um *tour de force* d'equilibrio, com a camisa desabotoada no peito cabeiludo, a jaqueta deitada ao hombro.

— E os *pacânitos*?

— Já estão deitados; vá fazer o mesmo, vá...

— Mas... se eu já *le* disse que não largo d'aqui sem falar á senhora e dar dois beijos nos *pacânitos*...

— Vossê a dar lhe e a burra a fugir...

— Qual dar-lhe nem meio dar-lhe, está dito e está dito, entende?

E pregava um grande murro sobre a meza.

Acontecia passar o fidalgo, fixava o bebado. O Falcão, que tinha uma antipathia instinctiva pelo amo, carregava o sobrolho.

— Safe-se, ande, murmurava-lhe a creada baixinho.

O outro tinha um gesto d'enfado, e firmando-se nas pernas o melhor possivel abria muito os olhos e dizia ao patrão:

— Saberá *vossellencia* que... eu tinha que falar com a senhora... e... então...

— Põe-te a andar. Não me appareças aqui n'esse

— N'este estado!... mas eu... não... estou por forma... que...

— Não ouviste? Já te disse que te fosses d'aqui; não gosto de repetir as coisas, entendes?...

Mas elle, com a persistencia do bebado, resmungava insubordinado, sem se dispôr a partir.

Estava o caldo transtornado, e aquillo terminava sempre por o fidalgo se exacerbar, e despedil-o do seu serviço. O outro sahia então, cambaleando, dizendo mal da casa, sem poder ver a senhora e beijar os pequenitos.

No dia seguinte, á tardinha, elle espreitava da rua a sahida das creanças para o passeio e mais a Diana, uma inseparavel cadella branca de manchas negras e a creada. O Falcão seguia de longe. Mais adeante, na curva da estrada, acercava se então, e eram beijos e caricias mil aos seus *pacânitos*. E todos tres, e mais a grande Diana, cercavam-n'o tambem de afagos e carinhos.

— Não te vi hoje no quintal!...

— Por onde andaste?...

— Estás zangado com a gente?...

«Que não, que não, respondia elle, eh! eh! eh!... a pinguita; o papá... vae então...» E não concluia a phrase coçando repetidamente a cabeça.

— Vossê já podia ter juizo, já, interrompia a creada, não se envergonha!...

— Mas tu voltas comnosco para casa, diziam os pequenos em côro.

— E o papá? objectava elle.

— Ai!... não tem duvida, tu pedes, oh! *Ceição*, pois não pedes? dizia o mais novo.

«Que sim, respondia ella, mas elle havia de tomar juizo, acrescentava ella, dando-se uns ares protectores».

Era certo, em a *Ceição* pedindo o João Falcão voltava para casa. A pequena, já se vê, era attendida

sempre, o que não queria dizer que o outro não continuasse a embebedar-se regularmente de quinze em quinze dias.

*

* *

Quando o inverno apertava, que o frio era muito, d'uma agudeza penetrante, o Falcão seguido da grande Diana, de bacamarte ao hombro, levava toda a santa noite aos tiros pelo quintal. A bebedeira inflammava-o de visões guerreiras, inimigos phantasticos, que investiam contra elle no escuro vago, que lhe queriam arrebatar os seus *pacânitos;* vampiros viscosos, medonhos, esvoaçando, na avidez de penetrarem no santuario da alcôva perfumada, poisarem -lhe nojentos nos corpos tenros, de neve, sugarem á farta aquelle sangue bom, cheio de viço, tépido, que os embriagaria a elles, e deixaria exangues, inanimadas, como flôres, emmurchecidas, as creancitas que áquella hora deviam dormir serenamente, conchegadas nos pequenos leitos fôfos. Mas o João Falcão lá estava, e defendel-os-hia heroicamente dos monstros terriveis, que desciam da grande profundidade insondavel sobre o immenso sudario alvo da neve.

E era uma lucta gigantesca, titanica, toda a noite entre elle e os phantasmas colossaes.

Na alcova, o mais velho, que sentia os tiros, chamava o irmãosito:

— Luiz, oh! Luiz, tu ouves?... Ora escuta...

— E' o João Falcão que anda *ós tiros á côca.*

— E mais *ó papão.* Se o apanha fura-o de lado a lado. Muito feio ha-de ser, pois não ha-de?

Na esperança de verem o papão horrendo no dia seguinte, extendido no quintal, alli mesmo, varado pelo bacamarte do João Falcão, elles dormiam agora docemente.

Pela noite morta continuava a ouvir-se de quando em quando o latir da Diana e o pum!... pum!... dos tiros do João Falcão dispersando as visões medonhas.

Elle e a grande Diana seguiam calcando o tapete macio da neve purissima, e do espaço infindo, da grande profundidade escura, vinham sem cessar os pequenos farrapos brancos, baralhando-se no ar, n'um rodopio de dança, poisando depois mansamente na vastidão da alvura immaculada.

*

* *

Estas excursões nocturnas, que as continuas bebedeiras provocavam no animo do nosso João Falcão, deram em resultado elle cahir gravemente de cama com um ataque de rheumatismo, que, apesar da sua construcção robusta, o ia mandando d'esta para melhor. Elle melhorava e voltava logo á vida antiga.

Um dia adoeceu de novo com um ataque mais forte. A pedido d'elle, levaram-no para casa da irmã, não houve meio de o convencer a continuar em casa do fidalgo. Os pequenitos iam vêl-o ao casebre pobre, que ao fim da aldeia olhava ao largo a vastidão dos campos. E quando as tres creanças, seguidas pela creada e a grande Diana, entravam no pequeno quarto, (onde o João Falcão gemia a um canto, deitado na enxerga, na ardencia da febre), o seu rosto, confrangido pelas dores, illuminava-se de contentamento, quasi esquecia o seu penar.

— Ora ainda bem que os meus meninos vieram ver o seu João Falcão, estava para aqui tão só... Oh! Maria, chega cadeiras aos *pacânitos*.

—Então?... Que tal? melhorsinho?... perguntavam os tres a um tempo.

— Qual!... isto não vae mesmo nada bem.

— Para que sahiste lá de casa? dizia-lhe o mais velho.

— Assim *com'ássim*, que estava eu lá a fazer? dar incommodo, já se vê. Mas... e quem é que lhes conta agora historias á noite? e a Diana? Ella lá está, coitada. Anda cá, velhóta, guarda-me bem os *pacânitos*, entendes? que já lá não estou eu.

E a cadella, os olhos intelligentes, fitos n'elle, meneava a cauda felpuda, parecendo entender.

— Tratavam-no com tanto cuidado, intervinha a creada, valha-o Deus! Vossê tambem é um teimoso, um casmurro, diga-me, já cá veiu o sr. doutor?...

— Elle sabe lá!... ora lerias!..

— Ai! senhora Antonia, intervinha a irmã, é mais teimoso, com sua licença, que um burro. Não ha obrigal-o a fazer caso do que lhe diz o medico, um dia morre *pr'ahi*, salvo seja com'um animal!...

E, como o pobre homem não quizesse attender ás prescripções do medico, a doença foi crescendo de intensidade a tal ponto que o tomou uma paralysia quasi total dos movimentos, e elle gritava, n'uma tensão de dores torturantes.

O medico declarou que aquillo não podia continuar, alli não se curava, era necessario leval-o para a villa, para o hospital, senão adeus. O Falcão não queria, horrorisava-o a ideia do hospital, que o deixassem morrer em paz: mas a irmã não era da mesma opinião, e um dia agarraram n'elle, deitaram-no n'uma enxerga, sobre um carro de bois, e lá foi.

*

* *

O carro ia coberto com um toldo feito de arcos de salgueiro, uma colcha velha por cima. Seguia lentamente pela estreita rua ao passo descansado dos bois; ao lado, a irmã cavalgava a mula. Das portas das ca-

sas sahiam as mulheres para o verem. Parava o carro.

— Tio João, então?... Que tal?...

Elle respondia, quasi mal humorado:

— Hum!... Hum!... Mal... mal... o diabo!...

Ellas faziam votos por que voltasse brevemente á aldeia, curado de todo.

— Pois... adeusinho, tio João, e que melhore, tornavam as outras carinhosamente. N'elle havia um triste sorriso duvidoso.

O carro seguia vagarosamente.

Ao passar debaixo das janellas da casa do fidalgo, elle mandou parar. Pediu que lhe levantassem a colcha do toldo e fossem pedir aos *pacânitos* que assomassem á janella, queria vel-os pela derradeira vez, dizia elle.

No peitoril da janella viam-se agora as tres creanças louras, muito debruçadas, olhando o doente, em baixo, estatelado no carro. Lembravam um cacho de flôres delicadas, batidas de sol, engrinaldando o quadro formado pela janella aberta.

Ellas sorriam para elle, docemente, n'uma tristeza vaga, quasi insconsciente, elle via o grupo querido através do véu das lagrimas, que lhe marejavam os olhos.

Na aridez da sua vida, o pobre desgraçado embrutecido pelo vinho, só conhecera o encanto que dimanava d'aquellas tres creanças, que constituiam para si a synthese dos seus affectos, do seu amor. O Falcão contemplava em extasis os seus *pacânitos*, por fim tartamudeou, (os olhos ardentemente fixos na janella, preso na tortura das dores, que lhe atavam os movimentos), pois... adeusinho... sim?... não se esqueçam do João Falcão, ouviram?... Adeus!...

E arrancou do seio um suspiro intimo.

De cima os pequenos diziam adeus, mandavam beijos aos seu amiguinho.

A colcha cahiu sobre o toldo, desappareceu a visão

querida. Aos solavancos do carro, que lhe punham dores lancinantes, agudas, elle seguia morosamente para o hospital.

*

* *

No delirio da febre, que precedeu o passamento, o João Falcão teve por vezes a illuminar-lhe as trevas do soffrimento a suavissima visão das tres cabecitas louras, doiradas de sol debruçadas no quadro da janella, sorrindo-lhe deliciosamente. Outras vezes porém, os corpitos franzinos dos seus *pacânitos* desenhavam-se nus, nas suas *silhouettes* alvacentas, côr dos lirios, fugindo horrorisados aos vampiros nojentos, de azas descommunaes, que elle, na sua impotencia, debalde tentava afugentar.

E tornava-se então infernal esse desespero amarissimo em que o desgraçado agonisava.

Na serra

A José Paulo Cancella.

Um homem alto, de bellos olhos d'um brilho penetrante, farta barba negra, caminhava no alto da serra por um carreiro estreito, que serpenteava entre a urze rasteira.

Era o *miguelista*, cuja cabeça estava posta a premio.

Terminára a revolta da *Maria da Fonte*, mas o paiz sentia se ainda convulsionado: desejos ferozes de vingança, desforços de ultrajes recebidos, agitavam-no, como, após horrida tormenta, ficam os deslumbramentos phosphorescentes dos ultimos relampagos, lambendo ao largo a negridão das derradeiras tiras de nuvens. Ouvia-se por vezes, qual brado perdido, a canção, então em voga:

> Côrra a vóz de serra em serra,
> Como corre uma levada...

O *miguelista* ia em busca d'um asylo.

De arma ao hombro elle caminhava silencioso.

Em baixo, muito ao longe a paizagem esfumava se, de contornos indistinctos. Uma amargura grande lhe

pesava sobre o coração; não que o atemorisasse a idea de que, ao dobrar d'um cêrro, ao passar por qualquer moita, uma bala, sem saber d'onde partira, lhe varasse o coração; em pouca monta tinha a propria vida quem a arriscára mil vezes desesperadamente. O que o preoccupava era a sorte dos dois entes queridos da sua alma, os quaes fôra obrigado a abandonar, a mulher e o filho. E, na solidão da serra, bravia e aspera, desenhava-se-lhe a vivos traços a visão estremecida do busto gentil da esposa, curvada sobre a cabecita angelica do pequenino, dormir serenamente entre tufos espumantes de rendas.

Era immensa a solidão em torno; apenas lá muito em baixo, entre pinheiros raros, elle avistára um vulto curvado, uma velhita buscando lenha.

O *miguelista* conhecia muito bem a serra, andando sem descançar poderia chegar á bocca da noite a um casal isolado, cujo dono lhe era affeiçoado de ha muito. Iria pedir lhe gasalhado por aquella noite.

Havia muito que caminhava, silenciosamente, a arma ao hombro, seguindo pelo carreiro estreito que serpenteava sempre entre a urze bravia. Na vastidão do céu uma grande ave pairava em movimentos lentos, n'uma quasi immobilidade; e em baixo, muito ao largo, o horizonte alastrava-se vastissimo, n'uns tons vagos, onde, de longe em longe, alvejavam povoações microscopicas, entre manchas mais escuras, de arvorêdo.

O *miguelista* caminhava ainda; transpuzéra agora um cabêço e começava a descer para um valle apertado. De longe em longe avistava dispersos raros grupos de pinheiros; de resto, a mesma aridez em roda, a solidão selvagem do êrmo. Havia muito que elle seguia, caminhando. Era tarde, o sol sumira-se todo na vastidão do horizonte. Não devia estar longe do casal da serra. Elle caminhava, caminhava. Agora o carreirito era cortado por uma pequena torrente, cujas aguas crystallinas se despenhavam de fraga em fraga,

vertiginosamente. O *miguelista* deitou-se de bruços e saciou á farta a sêde na limpha pura e transparente, depois foi subindo por ladeira ingreme. Ao cimo parou. Um fumosito tenue subia ao longe; não se via a casa, ainda distante, d'onde partia o fumo, èncoberta no dobrado do terreno. Era por alli que ficava o casal. Seguiu.

A luz desmaiada do crepusculo entrava de envolver melancholicamente a arida paizagem. Transposto agora o apertado valle, elle subia depois outra encosta. Quando, chegado ao alto, o azul pallido do céu entrava de picar-se vagamente de estrellas. Na sua frente, ao longe, lá estava ao fundo o pequeno casal. Sobre um outeiro ficava a eira quadrada, de lages negras; no tôpo da eira erguia-se o celleiro do milho, de pequenas dimensões, muito estreito, todo de grade de pinho pintada a vermelhão, assentando sobre seis altos postes de granito. Logo, ao cimo avistava-se a casaria, de granito; depois seguia o cerrado, de pedra solta, onde se viam arvores de fructo por entre as esgrouviadas couves gallêgas; mais além, estirava-se, apertada e tortuosa, a nêsga verde dos lameiros

O *miguelista* sentou-se sobre uma pedra aguardando que a noite cahisse emfim de todo.

*

* *

Era noite havia muito quando elle se resolveu a descer ao casal da serra. Chegado alli, saltou o pequeno muro de pedra solta, e caminhou direito á habitação principal; torneou a casa, e foi bater mansamente a uma janella do rez-do-chão.

— Quem está ahi? perguntaram de dentro.

— Oh! Manuel, sou eu, da casa da Ribeirinha, assoma ahi, disse elle muito baixinho.

E logo, abrindo-se de par em par a janella, um homem, em mangas de camisa, appareceu ao peitoril.

— Oh! sr. Alvarinho, que o traz por *qui* a estas horas?... vou já abrir...

— Psiu. Fala mais baixo. Vê se tens a chave do palheiro á mão, salta a janella e vem commigo, quero lá dormir.

— No palheiro?... ora essa!...

— Despacha-te. Ando fugido por causa das malditos *malhados*, não quero que os teus creados me vejam, prefiro pois o palheiro por ficar isolado e ser facil esgueirar-me logo de madrugada.

— Então... já *hi* vou.

Pouco depois, no peitoril da janella assomava de novo o vulto do Manuel. Trazia na mão uma cêsta, pôz-se ás cavalleiras, deu um pulo e saltou ao lado do *miguelista*.

— Vamos lá com Deus, meu senhor.

Os dois dirigiram-se direitos ao palheiro. Abriu de mansinho a porta o Manuel; havia no interior um suave perfume a feno.

— Em que trabalhos anda mettido o fidalgo. Valha-o Deus.

— Confio em ti que ninguem saberá que me viste.

— Ora essa!... Esteja socegado a tal respeito, sabe muito bem quem eu sou. Oh! sr. Alvarinho, eu... trazia-lhe aqui um pedaço de cabrito, um naco de queijo e uma pinguita, sempre faz arranjo.

— Faz arranjo, faz, Manuel, que não comi hoje em todo o dia.

E o *miguelista* devorava já sofregamente o que lhe trouxera o bom do Manuel.

Terminada a refeição, disse-lhe:

— Agora, Manuel, deixa-me em paz e Deus te pague tudo.

— Então o sr. Alvarinho, ha-de ficar para aqui sosinho?...

— Sim. Adeus, Manuel, e sabe Deus até quando, ajuntou mais baixo.

Separaram-se os dois.

Reinava o silencio profundo em roda do *miquelista;* eram tudo sombras densas no casarão grande, atulhado de feno; só no vasto tecto, coberto de telha vã, entreluziam, de onde a onde, pequenos buracos, pelos quaes entrava a claridade dubia da noite.

Elle desapertára o cinturão, d'onde pendiam os cóldres de duas pistollas, puzera de lado a arma, tudo ao alcance da mão, e enterrára-se vestido pelo feno dentro.

Então quedára-se absorto na viva recordação dos dois entes queridos da sua alma!...

Que tristeza tão pesada o tomava!...

Assim esteve longo tempo; mas por fim, prostrado de todo pela fadiga e cansaço, elle adormecêra profundamente.

*

* *

Toda a noite o tomou um somno agitado, cortado de visões medonhas, de sonhos oppressivos. Parecia-lhe agora que mãos estranhas o sacudiam rudemente, e os empurrões eram já tão violentos, que despertára por fim inteiramente.

Não era um sonho, não, era a realidade; achava-se inteiramente cercado de soldados. Instinctivamente levou a mão ás armas, mas tudo lhe tinham tirado. Estava perdido!...

Comtudo havia uma arma que, por um d'estes habitos antigos, o não abandonava nunca, a sua navalha, uma bôa *sevilhana* de ponta e móla. Tateou disfarçadamente o bolso por baixo do feno, lá estava a

inseparavel companheira, fraco recurso em taes alturas, mas sempre um recurso.

Voltando a si da primeira surpresa, olhou em roda. Tinha na frente um official ainda novo. Ao fundo, a larga porta do palheiro, aberta de par em par, mostrava um grande quadro de luz na claridade alvacenta da madrugada, e um friosito cortante, um ar purissimo, entrava ás lufadas pelo casarão vasto.

— O que desejam de mim? perguntou o *miguelista.*

— Pouca coisa, respondeu o official, vista-se e siga-me.

Então os soldados, á ordem do commandante, sahiram do palheiro.

O *miguelista* preparou-se a seguir o official.

Chegados ao limiar da porta, elle notou que a força formava toda a distancia.

Então, disse-lhe o official:

— Queira chegar-se além para aquelle pinheiro.

Um grande pinheiro destacava isolado, sombrio, no immenso fóco de luz, que já tingia o horisonte.

O *miguelista* comprehendeu que ia ser fuzilado sem mais delongas e respondeu ironicamente:

— Não tenho relações algumas com aquelle pinheiro.

Tornou-lhe o official:

— Não sobra agora tempo para gracejos, execute a ordem que lhe dou.

Mas, como o official se acercasse d'elle, o outro, rapidamente, apertára-lhe a garganta nos seus musculos d'aço, encostando-lhe a ponta da navalha ao pescoço.

— Ordene sem demora aos soldados que marchem na nossa frente em boa ordem; ao primeiro movimento d'algum, acabo de enterrar a navalha, disse resolutamente o *miguelista.*

Tudo isto se passára com a rapidez vertiginosa d'um relampago. O official sentia bem o frio cortante da *sevilhana* picando-lhe a epiderme; da força, a distancia, nem um só se mexêra, attonitos. O official resolvêra-se;

e, sem demora, ordenára á sua força que marchasse a caminho da villa proxima.

Assim caminharam longo tempo, na frente a força, atraz, a certa distancia, o *miguelista* com o official, sempre ameaçado pela aguda navalha.

Quando por fim o *miguelista* se viu fóra da serra, em povoado, disse então para o official.

— Agora, já não tenho receio que acabem commigo, como se eu fôra um cão tinhôso. Vamos lá para a prisão, e... Deus dirá o que ha-de ser depois...

*
* *

Um sol glorioso subia radiante na vastidão do espaço.

Ao chegarem perto da villa, o *miguelista* avistára entre a ramaria d'umas arvores, á beira do caminho, uma velhita, muito curvada, olhando curiosa a passagem da força com o preso. A velha era a mesma que o havia seguido na vespera no descampado da serra, e que o viera traiçoeiramente denunciar depois.

Na mente do *miguelista,* ao transpôr os humbraes da lôbrega prisão, esfumára-se vagamente a dubia esperança de estreitar talvez um dia nos braços musculosos o busto delicado da esposa estremecida, curvados ambos sobre o delicioso cherubim que dormia serenamente no seu berço de rendas espumantes. Vaga esperança, mas sempre uma esperança!...

Storia mesta

A minha mulher.

Achava-me em villegiatura, na doce quietação d'uma praia isolada, longe do bulicio quotidiano da cidade, em puro campo, respirando as grandes auras salinas, com a largueza sem fim do vasto horizonte na minha frente, onde a vista se espraiava á farta na immensa planura glauca do oceano. Ao longe, o velho mar tomava um tom differente, como grande fita de prata na curva suavissima do horizonte, onde o sol a prumo dardejava os seus raios faiscantes. As grandes aves marinhas, em largos vôos deseguaes, vinham, de quando em quando, roçar as longas azas no encrespado dórso da vaga, para se elevarem logo de novo ao espaço.

Muito ao longe, um vapor sujava n'um traço negro de fumo, a transparencia purissima do infinito, azul que tomava uns tons espelhantes, na grande esplendidez do immenso banho de radiante luz.

A meus pés, em baixo, o leão indomito bramia, no seu rugir canóro, espadanando grandes farrapos de espuma, que esfusiavam no espaço, atirados contra as arestas agudas e deseguaes dos rochêdos escuros. De-

pois, essa espuma, atirada assim de ricochête ao espaço, vinha banhar suavemente, em cascata alvacenta, as grandes rochas escuras, vestidas da caprichosa vegetação maritima.

Um caudaloso rio lançava no vasto oceano a grande massa d'agua, cujo tom barrento cortava por largo espaço o verde glauco das aguas, agitadas n'aquelle emballar constante. E uma onda começava a elevar soberbamente o dorso, em cujo cimo entrava de agitar-se a grande franja da farta crina espumante e alterosa, que a percorria toda vertiginosamente, como um frémito nervoso.

Do outro lado da barra estirava-se uma apertada tira d'areia, d'um tom suave e aloirado. Mais além, a paizagem verdejante esfumava-se n'uns tons acinzeirados.

E eu, empunhando o meu pau ferrado, ia seguindo ao longo da praia, absorto na contemplação do grandioso panorama.

*

* *

N'uma das minhas longas excursões, um dia, á beira d'uma estrada, que se alongava a bastante distancia do mar, deu-me nas vistas uma pequena casa isolada.

Alvejava, toda caiáda, no fundo escuro d'um pinhal que se alastrava por uma encosta nas trazeiras da casita.

Fui caminhando pela estrada poeirenta. Ao largo o imponente mar parecia dormir agora quietamente, n'uma serenidade remançosa, lembrando um lago espelhante.

Ao approximar-me da casita, parei.

Era de modestissimo aspecto: no primeiro e unico andar destacava um balcão antigo, a grade de ferro bojuda, engrinaldada de rosas, que trepavam por toda a sacada, como que desejando escondêl-a n'um ren-

dado de verdura e flôres, carminada de flôres de longe a longe.

E aquella profusão de rosas espalhava o seu delicado e fino perfume pela estrada, a distancia. A casa era silenciosa e erma, e eu pensava, ao contemplar o delicioso balcão antigo, que seria bem digno d'uma sonhadôra Julieta. Mais adeante passava junto d'um cemiterio. A triste morada dos que partiram ficava inferior á estrada, a poucos passos: uma confusão de marmores brancos, de traços esguios dos cyprestes verde-negros, de corcóvas de terreno, encimadas por cruzes negras, onde alvejavam numeros.

Desviei a vista do logar do eterno repoiso e da quieta e infinda paz.

Não muito longe, avistava-se uma povoação, cujas casitas, muito brancas, destacavam vivamente no verde frondoso do arvoredo, onde se aninhava toda a pequena aldeia. A estrada principiava a descrever uma grande curva, approximando-se mais do mar; eu segui caminho. Era meu intento visitar uma ermida que me diziam haver para aquelles lados, o Senhor da Bôa Viagem.

A paizagem entrava a cambiar de aspecto; desapparecêra a suavidade dos tons verdejantes, para se mostrar agora o terreno muito eriçado de penedia agreste. O mar bramia, já perto; na larga curva do horizonte alvejava distante uma vela, como aza branca, e, não muito longe, avistava-se a pequena ermida, no alto d'um bloco enorme, de granito, quasi debruçada sobre as ondas, sobranceira ao mar lá no fundo, tão turvo e sombrio alli.

*

* *

Quando, de volta da ermida, eu passava de novo junto da casita isolada, com o seu balcão todo perfu-

mado de rosas, a sacada estava aberta, e do interiôr sahia d'uma voz crystallina de mulher uma canção dolente. Pairava no flebil accento tristeza vaga de penas d'amor.

Era deliciosa a canção, d'uma pureza de timbre a voz, devia ser joven e formosa a cantôra.

Parei junto da casita; a minha desconhecida continuava a sua dulcisona canção, mas não consegui vêl-a.

No dia seguinte voltára de novo ao passeio da vespera, no firme intento de conhecer a cantôra da casita, isolada junto á estrada poeirenta. A distancia, já se espargia no ambiente o perfume bom das rosas do balcão. Como na vespera a sacada estava aberta, a mesma doçura de voz, a mesma canção dolente. Sentei-me a distancia, sobre um penêdo.

Terminára a canção, tudo ficára silencioso. Ao longe a placidez do mar, por detraz da casita branca o rumorejar dormente do pinhal.

De repente, uma *silhuêta* encantadora se desenhou entre as rosas do balcão.

Era deliciosa!... Uma cabelleira loira lhe nimbava d'oiro a cabeça fina, e os seus olhos negros tinham uma doce suavidade feiticeira no magnetico olhar.

Quedei-me estatico na contemplação de belleza tanta.

Mas, pouco depois, desfazia-se a encantadora visão; ella retirára-se, e o balcão antigo, todo perfumado de rosas, ficára para mim triste e êrmo.

*

* *

Muita vez voltei á ermida do Senhor da Boa Viagem, que se debruça do alto do seu penedo sobre as ondas revoltas, turvas e sombrias.

Nunca mais, na casita branca e isolada, ao velho

balcão perfumado de rosas, assomou o busto gentilissimo da minha desconhecida.

Muito mais tarde, pela primavera, tive um d a ensêjo de voltar áquelles sitios; fui.

Tomei logo a caminho da ermida do Senhor d i Bôa Viagem. Lá alvejava junto da estrada , no fund › verde-negro do pinhal, a casita branca. O velho balcão estava delicioso, n'uma perfumada frescura de rosas. Ouvia já a inebriante melodia, em notas como perolas de crystal. Perto da casita, um rouxinol suspirava ternuras d'amor. Era como que um duo d'um ineffavel encanto. A suavissima cantôra appareceu emfim.

Havia agora na sua face muito pallida a sombra negra d'uma amargura, mas ainda sempre deliciosamente bella.

*

* *

Quando n'esse anno voltei á minha praia favorita, a folhagem das arvores entrava de empallidecer, a paizagem tomára uns tons desmaiados, arrepiada dos primeiros fri s.

Ao avistar a casita branca era quasi noite; a grande roseira do balcão não espalhava agora o seu suavissimo perfume, despida das rosas vermelhas, as folhas pallidas, e, junto da porta, havia muita gente e muitas luzes.

Confrangêra-se-me duramente o coração!... Era certo. A minha deliciosissima cantôra, que tinha na sua melodia accentos d'uma tristeza tão vaga, de penas d'amor, ia levada ao cemiterio, que ficava lá mais adeante, perto da estrada, tristemente, n'uma grande confusão de marmores alvacentos, cyprestes negros, e corcóvas de terreno, onde alvejavam numeros sinistramente.

*

* *

Muito mais tarde, contou-me um dia o guarda d'esse cemiterio triste, que olha ao largo a vastidão glauca do oceano immenso, contou-me que, pela primavera, todas as noites perfumadas de brisas do mar e dos aromas bons das rosas vermelhas, um rouxinol, sobre os braços negros da cruz, que fica no tôpo da sepultura, da que me inebriára a alma um dia na melancholia das suas canções e com o feiticeiro da sua belleza, que todas as noites, sobre essa cruz negra, um rouxinol modúla uma dulcisona canção.

Seria a melodia triste, soluçante de maguas d'amor, que a avesita aprendêra com ella?...

Só.

A Victor Clemente.

Era sabbado d'alleluia: manhã formosissima, tépida, perfumada, em que os campos mostravam uma frescura de côres, batidos de sol; as arvores principiavam de vestir-se da folhagem tenra, d'um vêrde macio, setinoso, e uma grande olaia em flôr dava, no alto d'um cabêço uma nota alegre, festival, n'aquelle conjuncto encantador.

Ao tôpo do cabêço ficava a egreja do antigo convento, com o seu alpendre abrindo em arcada, por detraz o cemiterio, do qual se distinguia a confusão dos tumulos alvacentos por meio dos cyprestes esguios. No cimo da encosta fronteira, tapetada de relva verdejante, avistavam-se muralhas pardacentas, de aspecto sombrio, sevéro, que cingiam a casaría irregular da cidade; e essas casas, que espreitavam a mêdo por detraz das muralhas negras, desenhavam o recorte confuso dos seus perfís na nitidez do azul purissi-

mo. Os campos, em baixo, pelo valle fóra, entravam de matizar-se aqui e além de tapêtes, mosqueados de côres varias, das flôres silvestres.

Que dôce paz, que tranquillidade, n'essa natureza cheia de vida nóva!... Que serenidade na immensidade ridente d'esse azul limpido, espelhante, sem uma nuvem sequer!... E, contrastando com este sorrir da vida, com este tom de gala de que pareciam vestir-se os campos e as encóstas, com essa alegria santa, que pairava em roda, via-se, pela suave ladeira, que levava ao cemiterio, subindo o cortejo funebre d'um entêrro, lentamente, n'um desdobrar longo da fila extensa das carruagens, estrada fóra.

Os sinos da egreja não dobravam, é que nas torres da cidade fronteira, ainda não soára o repicar festivo da alleluia. No alto, no terreiro, em frente do adro, havia um apparato bellico; o morto era um general. Nas baionetas da infanteria o sol punha chispas de luz e a cavallaria mostrava uns tons vivos, de côres garridas e metaes polidos; ao lado, uma força de artilheria conservava-se immovel, junto das peças.

No adro apinhava-se o pôvo, a maior parte maltrapilhos, ávidos de receberem a esmola que sabiam seria dada quando o illustre morto descesse ao descanso da ultima morada.

O prestito vinha avançando, silencioso, lentamente, pela estrada poeirenta, que serpenteava entre dois renques de arvores novas. Na cauda vinha o grande carro, tirado a quatro parelhas, tudo envôlto em crepes funebres; atraz seguia um esquadrão de lanceiros, com as bandeiras das lanças presas tambem em fitas de crepe.

Ao passar junto das forças, as musicas tocavam marchas funebres, tristes como um lamento. O pôvo apinhava-se mais para vêr o grande caixão de velludo e oiro, ladeado pelos senhores principaes da cidade, uns muito graves nas suas casacas, outros deslum-

brantes nas fardas vistosas. A porta do templo escancarava se de par em par ao fundo do largo alpendre, o prestito ia entrando, e os padres, de sobrepelizes brancas, murmuravam uns versiculos biblicos.

A meio do templo erguia-se a soberba eça, imponente, ladeada pelos tocheiros accêsos.

A um canto, duas mulheres, de andrajos sórdidos, commentavam entre si o que viam, e concordavam que a eça estava obra aceada. Só tinham visto uma riqueza assim quando morrêra o morgadinho, eram ellas então raparigas frêscas e bonitas.

— Oh! Michaella, você já reparou? Olhe que luxo!... dizia uma das duas.

— E é verdade, vêja-me esses pannos de alto a baixo; e tanto padre!... Cheira-lhes, senhora Anastacia, dá-lhes o cheiro, como aos córvos. Hum!... se *adregára* de ser um *pobretaina*, não *havéra* de ter tantos em redór a cantár lhe o canto chão!... Isso sim!...

— Ai! ora repare, repare que riquêza, lá abriram o caixão: uma bella figura!... E a farda, senhora Anastacia!... tanta medalha no peito!... até dá lástima que aquillo tudo vá *p'r'ós* bichos.

— Deixe lá, Michaella, um solteirão de má morte!

— Sim solteirão, mas que gozou mais do *qu'a* muitos.

E o rosto encarquilhado da Anastacia torvava-se d'uma recordação amarga.

— Gosou, gosou, confirmava ella tristemente, e a minha pobre filha, se fôsse viva, bem o poderia dizer. Foi aquelle desalmado que m'a perdeu e a deitou depois á margem, á pobresinha, que teve o fim que nós sabemos, Michaella...

Silenciosamente deslisavam duas lagrimas pelas faces da velha. Depois n'um rancôr intimo:

— Que tantos demonios te atanazem nas profundas dos infernos, como de lagrimas me fizeste chorar, excommungado!...

E havia n'ella um concentramento grande de odio antigo, muito entranhado.

*

* *

Levantavam agora da alta eça o grande caixão de velludo e oiro. Seguia tudo atraz do féretro.

— Vocemecê tem o papelinho? indagava a Michaella.

— Deu m'o hontem á noite o senhor prior.

— Então vamos para fóra, que o barbeiro vae distribuir as esmolas.

Ia ficando deserta a egrêja.

Nas paredes altas viam-se corôas e fitas, tributos de saudade aos que haviam partido, tiradas de sobre os tumulos frios, e guardadas alli das intemperies das estações. Para alli estavam, enfileiradas, penduradas das parêdes alvas, lembrando os mortos, que jaziam no escuro eterno.

Junto da grande eça, envolta em crepes tristes, sobre o lagêdo frio do templo, humildemente, via se um caixão pequenino, quatro taboas pintadas de vermelho, singellamente, duas corôas de flôres do campo postas em cima.

Ficára para alli só, abandonado, sobre a lage fria do templo, ao lado da pomposa eça. Em torno do grande general morto agglomerava-se a turba agaloada, e os padres conjuravam o eterno Deus a que recebesse no seio esplendido, irradiante da scintillante luz da sua gloria infinita, aquelle que na vida fôra um *viveur* cynico, gosando o mundo sem escrupulos d'honra, ceifando no caminho a pureza das virgens, sem que o seu coração endurecido se confrangesse com as lagrimas das que abandonava depois, como inuteis. Lá fóra, no terreiro, sobre o cabêço, que dominava a paizagem, frêsca de vida, ridente de luz, entrava de soar a artilheria, estrondeavam as descargas da infanteria, e as nuvens

de fumo subiam lentamente, espargiam-se, esbatendo-se na limpidez immensa e pura.

Na egrêja deserta jazia sempre, abandonado e só o pequenino caixão encarnado; mas as duas corôas, de flôres singellas, espalhavam uma doce suavidade de aroma em torno do tôsco ataúde.

*

* *

Sob o grande alpendre em abobada, acotovelava-se a multidão dos mendigos piolhósos, cobertos de andrajos sórdidos, nojentos de pustulas e miseria, em roda d'um homensito baixo, que distribuia as esmolas.

— Já lhe deram a sua, Michaella? indagava a Anastacia.

— Sim senhôra, e levo tambem a esmola do Barnabé, o entrevado da esquina, sempre é um vintem para mim. Já vê que tudo faz arranjo, com um *tostanito* da minha são seis vintens, e o Barnabé apânha os quatro vintensitos, que, se não fôra eu, não *abichava*...

— Que remedio ha senão tratar da vida, concluía praticamente a Anastacia.

As duas pàravam agora á porta da egréja.

A Anastacia deitou uma vista d'olhos indifferente para a grande eça, sempre imponente, ao centro, mas de repente exclamou:

— Oh! Michaella, você já reparou? Or'olhe, alli ao lado, no meio do chão, um caixãosinho.

— Ai!... é do anjinho da *Madanélla*, trouxeram-no hontem. Cortava o coração a dôr dos paes, coitadinhos, não tinham outro!...

— Mas porque é que o não enterraram já?

— E' que... sem darem as alleluias não se enterra ninguem.

— Mas o outro já está enterrado.

— Isso... para os pobresinhos não é o mesmo. Coisas, coisas!...

— Não ha uma pouca vergonha assim! resmungava ella indignada.

No emtanto, n'um casebre humilde d'uma rua escusa da cidade, uma mulher nova e formosa soluçava nos braços do marido a sua inconsolavel dôr. E o pequeno caixão vermelho continuava isolado e só no lagêdo frio do templo, perfumado pelas flôres silvestres das duas corôas.

*

* *

As carruagens debandavam já ao trote dos cavallos. As tropas vinham marchando, desenvolvendo se na extensa columna pela estrada fóra. Os mendigos, a um por um, desciam pelo carreiro estreito, que cortava os campos. O sol bom acalentava a natureza inteira, e a bella olaia mostrava no tôpo do cabêço, junto á egreja, a grande mancha alegre, de côr viva.

Nas torres da velha cidade soára o grande hosanna! a alleluia immensa, o grito festival da Egreja!...

No pequeno templo do cemiterio, os armadores principiavam a desfazer e enfardelar tudo.

Um homem, de aspecto rude, em mangas de camisa, entrou então pela porta lateral; abeirou se do caixãosito encarnado; tirou-lhe de cima as duas corôas singellas, que deixou ao abandono no pavimento. Sobraçou o pequeno ataúde e seguiu para o cemiterio.

Ao chegar ao pé d'uma cova aberta no terreno, parou. Depoz no solo o pequenino fardo, abriu o caixão; com as mãos callosas tirou de dentro o corpinho franzino e pallido do pequeno cadaver envolto em roupagens brancas, côr das açucenas, e, indifferentemente, atirou com elle ao fundo da cóva. Com um pé desviou

para o lado o caixãosito, que ficava para alli á espera de conduzir de novo nas suas quatro táboas tôscas outro innocente á morada ultima.

O homem, tranquillamente, puxou d'um cachimbo, que encheu de tabaco e accendeu.

Tirou duas fumaças, e, descançadamente, entrou a deitar sobre o pequeno côrpo as primeiras pásadas de terra.

Peneirava se no azul um bando grande de milhafres em torno da torre alta do convento antigo. Chegavam ainda alli os sons confusos das musicas marciaes, lá muito ao longe, vagamente.

E, na casita da viella escusa da cidade, continuava de soluçar dolorosamente, nos braços do marido, a rapariga de rôsto insinuante, airosa e bella na simplicidade da sua pobreza, e na vehemencia da sua dôr.

Pro Patria!...

A meu sobrinho e afilhado Affonso.

Quando elle passava de manhã a caminho do collegio, seguido do creado, havia sobretudo uma coisa que o fascinava, e o fazia parar inconscientemente. Mas o creado lembrava que eram horas, se fazia tarde, e elle seguia logo no seu passinho miudo.

Era n'uma loja de quinquilherias, que existia o grande encanto do pequenino heroe d'esta veridica historia, na grande *montre*, através do alto vidro, de crystal muito puro, lá mesmo ao fundo. Havia alli á mistura profusão grande de brinquêdos, sobre tudo bonécas, de côres suaves, olhares de candura immaculada, outras de sorrisos provocantes, com tons de pelle da macieza dos lirios. Viam-se tambem *biscuits* d'uma delicadeza primorosa, mulheres do *ancien regime,* muito tufadas de sêdas mirabolantes, onde destacavam as alvuras de rosa e leite da nudez das suas fórmas esbeltas; cavalheiros empoados, correctos na suas casacas

de velludo e oiro, panderêtas, arcos, crystaes e esquadrões de cavalleiros de chumbo, marchando na melhor ordem para batalhas phantasticas. Tudo era realmente bello, mas nada o encantava tanto como um equipamento completo, que se ostentava ao fundo da *vitrine,* delicioso! em fórma de panoplia, n'um bello oval, a grande coiraça toda encarnada, com os seus botões amarellos, de metal reluzente, as dragonas, de soberbos cachos doirados, os competentes canhões, o bello capacête negro, a espada rutilante, a bandoleira de verniz d'um brilho d'espelho, oh!... uma magnificencia!... O pequenito quedava-se encantado, pasmado, a olhar.

Se possuisse aquillo tudo!... Se elle se visse com todas aquellas brilhantes coisas em cima de si!... O que diriam os mais? os condiscipulos?... E a sua vaidadesinha despertava já; na sua phantasia elle viase no grande largo do jardim do collegio, os condiscipulos em circulo, mãos atraz das costas, olhares de inveja fitos n'elle, n'uma admiração intima, muito grande mesmo, como quem contempla uma entidade superior, um general!... eu sei... um monarcha até!...

E o pequeno caminhava na frente do creado; pelas ruas fóra as carruagens rodavam, a turba passava, e elle seguia sempre, indifferente, entregue á sua idéa. Na aula em frente da carranca feia do mestre, que lhe perguntava o que era grammatica, no recreio entre as conversas dos condiscipulos, em casa, á noitinha ao jantar, á grande meza, onde a luz da suspensão esplendia ao centro sobre os crystaes, vivamente, sempre, em toda a parte, até mesmo em sonhos o tomava a visão deslumbrante da bella panóplia ao fundo da *montre,* na vistosa loja das quinquilherias!...

*

*   *

Mas elle não se atrevia a falar n'aquillo ao papá. Se lhe falasse... sim... o pae talvez satisfizesse o seu vivo desejo, talvez, mas... não sabia porquê, não se decidia, não tinha coragem para falar em tal...

Depois de matutar demoradamente no caso, lembrou-lhe emfim o metter no negocio a irmã mais velha, uma gentilissima morena, que fazia do papá o que queria; e esta idéa tomava vulto no seu espirito. Era a maneira pratica de conseguir o seu intento, estava resolvido, no dia seguinte havia de entender-se com a irmã.

O homem propõe e Deus dispõe.

Na manhã seguinte, era um domingo, á hora do almoço o papá lia a correspondencia, que a creada lhe trouxéra sobre uma salva de prata. De repente elle voltou-se para a mulher:

— Sabes?... uma boa nova!... O Teixeira está em Lisboa, no *Central*, deve ter chegado hontem da ilha.

— O Teixeira? disse a esposa, que agradavel surpresa!... Ha quantos annos o não vês tu?

— Eu sei... desde o nosso tempo de Coimbra. Que prazer vou sentir em abraçal-o!... o meu velho amigo!... Ora o Teixeira!... Pois... vou-me já lá a ver se o encontro antes de embarcar para a outra banda, onde tenho de ir por força hoje.

— Oh! papá, deixa-me ir tambem? disse o pequeno

— Pois sim, respondeu elle, até ha de gostar de te vêr, coitado; e, accendendo um charuto, olha, a Antonia que te vista o melhor fatinho, anda. Não te demores, ouviste? que eu quero vêr se ainda o encontro no hotel. Despacha-te.

O pequeno foi logo ter com a creada, e d'ahi a pou-

co elle entrava no escriptorio, todo lépido, bem disposto para a passeata.

O pae punha o chapéu, enfiava as luvas e os dois lá partiram a caminho do *Central.*

Alli encontraram o velho amigo ainda á meza, a almoçar. E fôram então grandes effusões entre os dois, suaves recordações do passado querido, que ambos reviam, iriado atravez do prisma d'uma saudade viva.

O pequenito olhava com os seus formosissimos olhos d'intelligente, curiosamente, o amigo do papá, um tanto sobre o gordo, a face bonacheirona illuminada por um sorriso unctuoso, o guardanapo entalado na dóbra do collête, sentado á grande mesa do hotel, onde, de longe em longe, umas plantas esverdeadas, de fórmas caprichosas, estiolavam, faltas de sol, de ar, de plena natureza.

O Teixeira, fixando o pequeno, indagava:

— Então... só este?... e passava a mão pelos cabellos finos, sedosos, da creança.

— Mais dois... mais dois; tu has de lá ir, já se vê; a mais velha... uma senhôra verás, e muito bôa rapariga, coitadinha, não é por ser minha filha.

O pequenito dirigia distrahidamente o olhar agora para o tôpo da mesa, onde uma ingleza sêcca, esguia e angulosa, ladeada de duas deliciosissimas creanças, frêscas, adoraveis, atacava com denôdo a omelêta, côr dos seus cabellos.

Os dois amigos continuavam na conversa intima, passando em revista longos casos de tempos que não voltam.

— Tu jantas commigo, instava o Teixeira.

— Não, hoje tenho que ir passar o dia com um amigo, á outra banda, negocio urgente, e elle espera-me; tu é que amanhã és todo meu, entendes?... E voume embora, que é tarde.

— Pois... seja; mas... faze-me uma coisa, deixa-e cá o pequenito, vou a Cascaes e levo-o commi-

go. Tu queres ficar com o amigo do papá? perguntava elle ao rapazito.

O pequeno tinha um olhar indagador para o pae, depois, sorrindo, respondia que sim com um aceno de cabêça.

Pouco depois separavam se.

— Então, oh! Teixeira, levas o pequeno lá a casa depois, e passas a noite comnosco, sim?... dizia já no patamar da escada o amigo.

— Está combinado.

* * *

Para o pequeno foi um dia cheio: a deliciosa viagem, o espraiar á farta a vista por a immensidade d'esse mar fóra, liso e quieto n'esse dia, como um espelho sem fim. Depois... o jantar, no hotel, em que o pequeno guloso se saciou de coisas dôces, d'uns tons transparentes, ao lado do Teixeira, muito sério já, convencido d'uma certa importancia, servido pelos creados, com mil cuidados, mil carinhos. Um dia magnifico, soberbo!...

A' noite, os dois tinham deixado o *americano*, e caminhavam a pé pela travessa que levava á rua onde morava o velho amigo do Teixeira.

— Ouve cá, oh! Luizito, disse de repente o outro, então tu não queres nada?... Ora... o que te appeteceria agora?... do que gostas mais?... um cavallo... um tambôr?...

O pequenito deu-lhe um báque o coração. Justamente elles approximavam-se da grande loja das quinquilherias, que ao fundo espadanava já os seus grandes jorros de luz crúa.

Era uma tentação!...

O Luizito sorria, sem responder.

— Vamos. continuava o Teixeira, sim, tu deve

ter um desêjo qualquer, eu, na tua edade, era assim; ora vá, sê franco... Olha, alli temos nós uma loja a proposito, não achas?... e mostrava-lhe a grande loja, d'onde sahiam os jorros de luz cortando a calçada.

O pequenito sorria continuamente, e o seu olhar vivo procurava a alta vitrine, a sua querida tentação!...

Paravam agora os dois.

— Vês... tanta coisa bonita!... Ora vá, o que te agradaria mais?... tornava o Teixeira.

O pequeno sorria, sempre silencioso.

—Vá, dize lá, instava o outro.

E o Luizito resolvendo-se, o mesmo sorrir nos labios pequeninos, apontava ao fundo, entre as magnificencias da *montre,* o bello oval da panoplia.

—Queres a panoplia? Está dito; e transpunham logo os umbraes d'uma das portas da grande loja das quinquilherias.

*

* *

No outro dia, o nosso pequeno heroe esperava no collegio, anciosamente, a hora do recreio; elle levára comsigo todo o deslumbrante equipamento, e suspirava pelo instante em que envergasse emfim tudo aquillo, e se mostrasse radiante aos condiscipulos no aguerrido e vistoso uniforme. Oh!... iam pasmar!... E o Luizito antegostava já o prazer intimo que a sua vaidadesinha sentiria.

Pelas duas horas depois do meio dia, batiam na sinêta do collegio, descançadamente, as tres badaladas do costume; era a hora, chegava o momento desejado.

Um grande reboliço se produzia nas aulas, até alli silenciosas; os collegiaes corriam á mistura pela grande escadaria fóra, na direcção do jardim, como avesitas em revoadas espalhando-se na amplidão do azul, á larga.

Cá fóra, debaixo da copada tilia, onde chilreava a pardalada pelos ninhos, alli mesmo, á fresca sombra, o Luizito, ajudado por um amigo (o Juca), tratava de envergar o deslumbrante equipamento. E os mais condiscipulos iam chegando, pouco a pouco, como elle sonhára, formando circulo, o olhar fito n'elle, curiosos, as mãos atraz das costas.

Quando o pequeno estava já com todos aquelles petrechos em cima de si, capacête na cabêça, espada em punho, um dos do circulo expandiu as suas impressões:

— Olha, parece um inglez!...

Oh! Ceus!... que maldita lembrança aquella!...

Um inglez!... e uma revolta intima perpassava em todos aquelles pequeninos corações, como a lufada percursôra do furacão. Aquelle odio, que todos tinham bebido nas repetidas conversações dos paes, tomára vulto!... Inglez!... o inimigo commum da patria, que a insultára tão selvajamente!...

E os olhares enfureciam se em frente d'aquella coiraça encarnada, de botões tão reluzentes!...

— Pois é inglez é, é mesmo um inglez!...

— Fóra o inglez!...

— Môrra o inglez!...

— Môrra!... gritam todos em unisono!...

Era serio. O Luizito via crescer a furia, elles iam pôr-lhe em frangalhos todo o bello equipamento; uma indignação o tomava; que fazer? Lembraram-lhe então as lições d'esgrima que elle via dar ao papá: perna atraz, e... firme, corpo inclinado sobre a outra. N'um prompto, elle tomava a defensiva, a um canto do jardim, e amigo (o Juca) ao lado.

Estava travada a pelêja.

O Luizito floreava a espada rutilante para a direita, para a esquerda; mas os outros eram muitos, e os gritos de indignação contra o *inglez* subiam de furor: que era forçoso espesinhar, calcar aos pés o imperti-

nente, o atrevido, que ousava impavido ostentar todas aquellas bellas coisas encarnadas, tão vistosas!... Era dever d'elles espatifar o tal *inglezinho,* o grande inimigo da patria, cujo amor vibrava alto em todos elles, os inflammava de odios violentos!...

E a grita crescia sempre!...

O Luizito e o Juca a custo resistiam já. O Luiz tinha a soberba coiraça vermelha esburacada, com um grande rasgão; o capacête negro, amolgado, tomava agora um aspecto caricato, perdido o seu bello tom mavortico!...

Mais um momento, e o desastre era completo!...

Mas, ao cimo da escada, salvadoramente, apparecia um prefeito, e o grupo dos assaltantes dispersava em debandada.

*

* *

Quando á noite o Luizito mostrava ao papá a coiraça e o capacête com os effeitos consequentes da batalha, elle dizia n'uma convicção intima:

— Oh! papá, elles tinham razão, eu lembrava mesmo um soldado inglez, mas... se não ponho pé atraz, como o papá, davam cabo de mim, olé!... E depois... era ainda preciso mostrar-lhes que eu me sabia defender... como um portuguez!

E mais baixinho, n'uma santa indignação:

— Mas... nunca mais torno a pôr essas coisas encarnadas!...

Endemoninhada

A João Henriques Tierno.

Os dois campos ficavam um ao pé do outro, divididos só por um murosito baixo, de pedra solta, derribado em parte, d'onde sahiam tufos de madresilva, espalhando no ambiente puro o dulcissimo aroma das suas flôres singellas.

Ella, todo o santo dia, guardava as duas vaccas: a *Moirisca* e a *Amarella*. A *Moirisca,* a grande vacca de manchas escuras sobre fundo branco como arminho, e a *Amarella*, de fórmas mais esbeltas, mais delicada, o pêllo fulvo, de reflexos d'oiro e *nuances* assetinadas, que tinha agora o seu pequeno *bébé*, um vitellito *mignon,* d'uns tons macios, olhar ingenuamente dôce, para quem a mãe olhava cheia de cuidados, ciosa do filhito, que levava horas e horas a lamber, a lamber carinhosamente, n'um grande afago, n'uma expansão do seu affecto, da sua ternura.

Do outro lado, no outro campo, elle, um rapagão moreno, em mangas de camisa, puxava do braço da

cegonha, mergulhando o balde na agua crystallina, que a jorros lançava depois no regueiro, por onde a lympha pura fugia tremulante, em palhêtas espelhantes, a fertelizar a terra sedenta.

Ella, sentada na relva salpicada de flôres, fiando na róca, vigiava as vaquitas, que pastavam mansamente a herva tenra e frêsca. De quando em quando espraiava a vista pela paizagem, que se esbatia ao largo; outras vezes olhava de soslaio o Manuel, o camponez na labuta da réga.

E o Manuel, dolentemente, cantava de lá:

Meu coração é *relojo*
Meu peito dá badaládas,
Nos dias, que te não vejo,
Trago-te as horas contadas.

Ella sentia uns fremitos nervosos, qualquer coisa que lhe estreitava deliciosa e duramente o coração.

«Ai! *Manel, Manel*, se não fôra o que existe entre teu pae e o meu... já ha muito quo eu olhára p'ra ti!...» pensava de si para si.

*

* *

O que havia entre o pae do Manuel e o da Luiza, (que assim se chamava a gentil guardadora da *Moirisca* e da *Amarella)* era caso mui sério, odio de rixa velha.

Quando rapazes ambos tinham namorado a mesma mulher; ella déra a preferencia a um d'elles, e casára com o que mais tarde fôra o pae do Manuel. Isso passára; o outro casára tambem, por despeito. Comtudo sempre ficára entre ambos um certo azedume, má vontade de parte a parte.

Um dia o acaso fez com que ambos pretendessem o

mesmo campo, (o tal onde o Manuel andava na réga); o possuidor dava-o de aforamento, mas o pae do Manuel, mais matreiro, têve artes de conseguir que lh'o aforassem sem o outro ser ouvido. Tomou novo vigôr o entranhado odio.

Uma tarde, era á bôcca da noite, encontraram-se os dois, ao voltar d'uma azinhaga, e travaram-se de razões: porque foi, porque tornou, seu este, seu aquelle, palavra puxa palavra, até que explodiram em vias de facto, dando em resultado o pae do Manuel ficar estiraçado no chão, sem sentidos, atordoado com grande e valente murro.

Desde então nunca mais se puderam vêr.

*

* *

Tinha-se pôsto já o sol.

A Luiza, que recolhia com as vaccas, encontrou-se com o Manuel, que á mesma hora despegára do trabalho. Seguiam pelo carreiro; ella com as vaccas na frente, elle, mais distante, atraz, de enxada ao hombro. Uma doçura de côres, suave e branda, se espraiava nos tons vagos da paizagem. Os melros esfusiavam notas agudas, n'uma alacridade grande, recolhendo aos ninhos, pelos silvados. Aqui e além entravam de ouvir-se, n'uns requebros de trovadores, os cantos apaixonados dos rouxinoes, d'uma melodia sentida, em notas apagadas, como confidencias d'amor. O perfume das flôres silvestres parecia espalhar-se mais docemente no ambiente puro. Ao longe, na pequena e pardacenta aldeia, que se avistava já, subiam d'uma ou outra casita tenues columnas de fumo, ondeantes, em traços alvacentos. Espalhava-se uma serenidade de côr, d'um azul desmaiado, na profundidade immensa da abobada celeste, esbatendo se depois em tons esbranquiçados. Só no poente, o grande fundo esbrazeado perdia

pouco a pouco a sua intensidade para descahir lentamente n'uns cambiantes de rosa, com laivos de oiro.

E a Luizita com a sua voz frêsca, argentina, cantarolava:

Tenho uma laranja d'oiro
Ao canto do meu bahú.
Para a dar ao meu amor,
Queira Deus que sejas tu...

O Manuel, atraz, sempre de olhos n'ella, que, caminhava airósa, d'um talhe tão gracioso, deliciosamente esbelta de fórmas. E elle sentia o coração palpitar-lhe ardentemente. Quanto mais a seguia com o olhar, tanto mais o dominava a sensação voluptuosa d'uma embriaguez, que o tomava dôcemente; mas um enleio, um perturbamento se apossava d'elle, mal a via.

Quando se offerecia o ensêjo de lhe dizer o que havia no intimo da sua alma, aquelle peito amante só desabafava tambem em canções:

Olhos pretos, roubadôres,
Porque vos não confessais?...
O's delictos que fazeis!...
O's corações que roubais!...

E a Luiza, na frente, sorrindo sempre, maliciosamente; mas os seus bellos olhos negros tinham chispas de luz, d'um fulgôr estranho. Dava duas palmadas no bezerrito da *Amarella*, que ia ficando para traz, e de si para si pensava:

— Isto está o diabo!... Se o rapaz se atreve a dizer-me alguma coisa... eu não sei, não sei!... O peor é meu pae, teimoso como um burro!... Valha-me nossa Senhôra da Guia!...

*

* *

Passaram tempos.

A Luiza não vinha agora apascentar as vaquitas para o mesmo campo, mudára de lameiro.

O Manuel sentia que o seu affecto crescia de intensidade á proporção que não via a bella camponeza.

Um dia matutava elle fazendo comsigo as seguintes considerações sobre o caso:

— Isto assim é que não continúa. Que *diacho* d'homem sou eu? Nada, faço-me encontrado com ella e *bóto-lhe* uma fala. Se ella me quizer... que leve o diabo o pae d'ella, e *mail-o* meu!...

E assim foi.

Uma tarde despegou mais cêdo do trabalho e foi ao encontro d'ella. Em vez de seguir logo para a aldeia, cortou á esquerda. Elle sabia que a Luiza fôra n'esse dia para aquelles lados; poz se a esperal-a.

Esmorecia vagamente a luz n'um desmaiado rubôr alaranjado, ao largo, no horisonte.

O Manuel fixava ancioso o cotovêllo da azinhaga.

Pouco tempo esperou elle.

Na volta do carreiro, as duas vaccas e o bezerrito avançavam, pausada, vagarosamente; atraz, a Luizita, na sua *silhuêta* airosa, a róca na cintura.

O outro quedára-se, encostado ao sacho. O coração palpitava-lhe apressado, uma commoção vehemente o tomava, o tal enleio, que não sabia vencer.

— Coragem Manuel, dizia comsigo, agora é que tem de ser de vez.

E a outra, que o avistára já, empallidecêra a seu turno.

— O *Manel* atreve-se *d'esta feita,* pensava; eu... eu... e não achava a conclusão da phrase.

Quando elle a viu mais cêrca de si, resolveu-se:

— Vamos a isto, e sêja o que Deus quizer, disse; e, como quem tira de si um grande peso, encaminhou-se para a rapariga.

— *Vomecê* por *qui?* principiou ella, não é este o caminho *p'r'ó* pôvo; parece que está a fazer alguma espera; andará *vomecê* desavindo com alguem?...

— Ai! não, *sôra* Luiza,... ai! não...

E ficava se a contemplal-a, muito pasmado, sem lhe occorrer mais nada.

— Então,... se não leva a mal a companhia, vamos indo *in té* á aldeia, disse ella.

— Pois... sim,... pois já vamos.

E a tal perturbação a apoderar-se d'elle, a bocca a seccar-se-lhe, como que um nó estreito a tomar-lhe a garganta; mas elle cobrou animo, e sem levantar os olhos para ella, fixando o chão, titubeou mais baixo:

— Eu... eu queria dizer lhe... A Luiza não leva a mal, pois não?...

— Levar a mal?... dizia a outra, tambem enleada agora,... eu... Mas então o que é que *vomecê* me quer?...

E o outro, o olhar sempre pregado no chão, ruborisára-se muito; mas, levantando os olhos, por fim decidia-se:

— Sabe, menina Luiza, eu... quero lhe muito, cá de dentro, do fundo d'alma, ha muito tempo... Ora ahi está... A menina não leva a mal a minha confiança,... pois não?...

A Luiza calára-se, os olhos presos agora no chão, ruborizada tambem por sua vez. Havia n'ella a suavidade d'um sorriso, e sem que descerrasse os labios, aquelle sorrir confessava bem que não, que ella não levava a mal a *confiança* do Manuel, já esperava isso, já lhe tardava mesmo que elle lhe falasse em tal.

E o outro a olhal-a, sempre na esperança d'uma palavra d'ella. Mas a Luiza continuava a sorrir silenciosamente. Elle então tornára timidamente:

— *Vomecê*... tambem... gosta de mim?...

— Que sim, dizia ella com um aceno de cabeça.

E o mesmo sorrir feliz illuminava a face d'ambos. Os dois olhavam se agora frente a frente, na embriaguez da mesma ventura!...

Então, n'aquelle cahir da tarde, suave e dôce, vagarosamente, as vaquitas na frente, caminhavam os dois para a aldeia E era entre ambos um sonhar d'esperanças, de phantasias doiradas. Ao chegarem perto d'um pinheiro isolado, d'onde se avistava a povoação a Luiza parou.

— *Manel*, agora cuidado, hein?... Se meu pae sabe... está a coisa mal. Tome esse carreiro, eu vou por *qui;* não me fale deante de gente, ouviu?... e... deixe...

Separaram se, o coração a transbordar ventura!...

Morria lentamente o esplendor de luz na pallidez doirada do poente.

*
* *

Era quasi sempre ao entardecer, no carreiro estreito, que subia em zig-zag da ribeira, que os dois se encontravam. D'ahi, ao passo descançado das vaccas, elle e ella, lado a lado, caminhavam, falando do seu amor, até ao pinheiro isolado. E as flôres dos silvados tinham mais subtil aroma, e os passaritos desenvolviam tambem ternas cantatas d'amores, e a luz desmaiava lenta, e a vida sorria para ambos!...

Ella parava logo que chegava ao pinheiro, e, cautelosamente, recommendava:

— Toma por ahi, que eu vou por *qui*. Se meu pae sabe d'isto!... adeus, adeus!...

— Mas,... oh! Luiza, sim, elle tem de o vir a saber,... um dia...

— Pois já se vê que sim. Deixa, veremos, mais tarde alguma volta se lhe ha de dar...

— O meu tambem não leva isto em bem, não, mas, sabes que mais? (concluia elle), em nós os dois querendo, é quanto bonda.

Concordavam que assim era, e a confiança no seu mutuo amor dava-lhes força e coragem para arrostar com a opposição dos paes, com a tempestade, que ambos enxergavam ao largo.

E não tardou a rebentar a procella caseira.

D'uma vez, uma visinha avistou-os n'uma conversa pegada, e viu mesmo distinctamente o Manuel cortar um raminho de madre-silva, que deu á Luiza, e esta collocou no seio cuidadosamente.

— Ai!... ai!... que temos novidade!... Ora a grande sonsa!... commentava honestamente a senhora Euphrasia, a tal visinha da Luizita.

*

* *

Um domingo, a gente da aldeia, depois da *missa do dia,* sahia da egrêja e encaminhava-se para a povoação, que ficava mais n'um alto.

A Luiza, toda airosa no seu fatinho *domingueiro*, caminhava á frente dos paes; varios grupos se formavam, a caminho para casa. Com os paes da Luiza ia a senhora Euphrasia e o seu marido. Os homens, logo depois da Luiza, falavam do tempo que corria mau para as cearas; as duas mulheres, uma ao lado da outra, mais atraz, caminhavam silenciosas.

No animo da senhora Euphrasia uma grande vontade de contar tudo o que sabia, a aguilhoava. Nada, era mesmo um dever de boa visinha. E, como visse os dois entretidos com a conversa das cearas, ella parou, e tomando uns grandes ares de mysterio, segredou á outra:

— Grande novidade, visinha!...

— Sim?... o que foi?

— Psiu!... cuidado; e, olhando para um e outro lado, com receio de ser ouvida, murmurou baixinho:

— A rapariga, que anda d'amôres, e apontava a Luiza.

— Santo Breve da Marca!. . Oh! visinha, veja o que diz.

— Vamos andando, que podem reparar. Vi-os eu, visinha, vi os eu mesma; e contava tudo, desabafava aquelle segredo que lhe pesava.

A outra punha as mãos na cabeça, em gestos afflictivos.

— Tome tento, visinha, que a podem vêr. Se o seu *home* ja dá pela coisa!. .

— Ih! Jesus, senhora Euphrasia, em que trabalhos!... em que trabalhos nos vae metter o démo da rapariga!...

— Socegue, socegue, tudo se ha de fazer pelo melhor.

— Qual!... o pae em sabendo é capaz de a derrear á pancada. Ora valha-nos Deus!... tornava ella.

— Cá da minha bocca não o vem a saber o seu *home*, essa lhe juro eu...

E, como fossem entrando ao povoado, as duas calavam-se, com grandes protestos de segrêdo sobre o caso.

*

* *

N'essa mesma noite, a Euphrasia, já na cama com o marido, antes de apagar a candeia, dizia-lhe em confidencia intima:

— Não queres saber?

— O que é?...

— Tu não fales n'isto,... já se vê.

— Despacha d'ahi; o que queres tu contar-me?

— A sonsa da Luizita, a nossa visinha, que anda d'amores ..

— E isso que tem?... na sua edade...

— Mas... adivinha com quem?

— Que sei eu? mulher.

— Pois, vê tu, com o Manuel, o filho do Luiz do Aido, nem mais nem menos!...

O outro não dava credito, historias que se inventavam, lérias!...

— Isso sim!... tornava a Euphrasia, se te digo que os vi eu com estes dois, que a terra ha de comer, e apontava para os olhos muito abertos.

— Ora o diabo da rapariga!... Está arranjada. O pae, quando souber do namorico, vae tudo n'uma poeira; olha lá quem!...

— Foi o que eu disse commigo, mas, sabes que mais? quem as arma, que as desarme.

— Isso é dos livros, que temos nós que vêr com o que vae por esse mundo? Quem bôa cama fizer n'ella se deitará.

— Não contes tu isto a ninguem, ouviste? não quero que seja por nós que a coisa se espalhe; o que fôr soará.

— Assim é, mulher, o que fôr soará; cala-te tu que eu me calarei, e vamos a dormir, que amanhã tenho de madrugar.

A senhora Euphrasia, sentada na cama, rezava ainda o *crédo em cruz*, orações varias a santos das suas relações, por fim persignava-se mais uma vez, apagava a luz da candeia, e, na larga cama, de altos colchões, d'ahi a pouco, ella e o marido resonavam beatificamente.

*
* *

No dia seguinte o marido da Euphrasia contou logo, (muito em segrêdo já se vê) o caso a um compadre, este a outro, e em poucos dias aquelles amores eram notorios em toda a aldeia. Só o pae da Luiza e o do Manuel o ignoravam; mas um dia o pae da Luiza veiu

a saber do caso e então foi lá o diabo em casa. O aldeão desancou a filha com uma sóva de tal ordem que a pequena chegou a cahir de cama.

Entrára o inferno na casita, onde antes reinava a paz tranquilla. Estava desencadeado o vendaval, a tempestade revolta, que a Luiza temia. Oh! mas ella não desanimava assim ás primeiras, confiava inteiramente no Manuel, e, pelo seu lado, era tenaz, persistente, d'uma teimosia hereditaria.

Em casa do Manuel a coisa passára d'outra fórma. Foi a mãe d'elle quem o soube primeiro, chamou o filho, quiz convencel-o a que deixasse o namorico; viu logo que nada conseguia. Então, de noite, a sós no quarto, contou tudo ao marido. Elle esbravejou, disse que era mais facil quebrar um braço ao rapaz do que consentir em simillhante casamento. Ella com bons modos mostrava-lhe os inconvenientes: a Luiza era bôa rapariga, não havia nada que lhe dizer, vinha a herdar mesmo uns benzinhos por morte dos paes; filha d'aquella gente,... e isso que tinha? o rapaz não casava com elles, mas sim com a pequena. O outro quedára-se silencioso.

Quando no dia seguinte, logo de manhã cedo, o rapaz, antes de partir para o trabalho, lhe pediu a benção, elle respondeu seccamente:

— Que nosso Snhor o abençôe.

E nada lhe disse mais.

*

* *

Entrára o inverno, os dias tristes, nevoentos.

Nunca mais a Luizita voltára a sahir com as vaccas. O pae exercia sobre ella uma vigilancia constante, tinha maneiras bruscas, continuava com maus tratos mesmo.

A mulher dizia-lhe muita vez:

— Anda lá, anda, tu inda vaes arranjar *alguma.* Tanto apertas, tanto apertas, que o fio póde partir.

O camponez sahia logo, a resmungar, porta fóra. A pequena entrou de adoecer, sempre muito pallida, grande fastio, uma irritabilidade, uma exaltação nervosa, em que a deixavam as sóvas do pae.

Um dia cahiu no meio do chão, estrebuxando, em grandes contorsões, revirando os olhos, n'um arfar de seios que parecia que estalava, as vestes descompostas, os soberbos cabellos destrançados, espalhados em desalinho. Estava presente a senhora Euphrasia; assim que viu a rapariga, espojando-se no sobrado, exclamou:

— Oh! visinha, a pequena o que tem é o diabo no côrpo!... Crédo!...

— Ih! Jesus, não me diga isso, nem por graça, valha-me a virgem Nossa Senhora!...

— Pois olhe que não é outra coisa, tornava a Euphrasia. Eu já vi uma assim no povo d'Alvações, ha um par d'annos, e era mesmo tal e qual; essa dizia palavras n'uma linguagem, que ninguem percebia, (o inimigo que falava por ella), e então, quando lhe dava a *onda,* olhe que era mesmo *com'á* sua filha. Depois, logo que socegava, entrava de chorar, chorar, n'uma grande tristeza, que partia o coração!...

— Valha-me a Virgem Nossa Senhora!... continuava a mãe da Luiza murmurando orações.

E a filha a espojar-se sempre em baixo, com uns esgares medonhos!...

*

* *

N'essa noite, quando tudo dormia em casa, a Luiza abriu cuidadosamente a janella do quarto. Na escuridão cerrada enxergou um vulto.

— *Manel*, oh! *Manel*, és tu?
Que sim, respondeu o outro, e abeirou-se da casita.
— Sabes?... o pae... na mesma; hoje zangou se e bateu-me, e vae eu, desesperada, quando elle voltou costas, de raiva, atirei commigo ao meio do chão, a estrebuchar... A pobre da mãe... n'um chôro, toda afflicta, coitadinha!... Então, a visinha, a Euphrasia, que estava presente, disse-lhe que eu o que tinha era o diabo no corpo. Achei-lhe graça, e cada vez esbracejava mais, em furia!... *Alembra-me* de fingir que estou endemoninhada, a vêr se o pae, com dó...
— Que lembrança!... Olha, Luiza, o melhor é o que já te tenho dito tanta vez, fóge commigo, e *despois*... que lhe peguem c'um trapo quente...
— Custa-me a resolver... por causa da mãe.
— Tu bem sabes que muito te quero, oh! Luiza.
— Tambem eu, *Manel*, tambem eu; tem fé em Deus que inda havemos de ser um do outro, acredita. Mas, sabes que mais? vae-te, vae-te, que tenho mêdo que te vêjam. Não voltes aqui sem te pôr o signal que sabes, ouviste?
— Tomára já tudo acabado em bem.
— Não o desejas mais do *qu'a* mim. Adeus, adeus.
E ella cerrava mansamente a janella.

*

*   *

Os ataques da Luiza repetiam-se.
Por toda a aldeia se espalhára que a rapariga estava endemoninhada, contavam-se d'ella coisas extraordinarias!... O pae andava acabrunhado, já lhe não batia, tinha por vezes carinhos para a filha, palavras de consolação, que ella parecia não ouvir, n'uma abstracção.
Um dia foi falar com o prior, a vêr se lia os exor-

cismos á rapariga; mas o padre desculpára-se, e aconselhára antes que a deixasse casar com o Manuel, seria mais efficaz.

Elle calára-se, sem dizer palavra. Mas voltava á sua ideia dos exorcismos, e como o prior os não quizesse ler, lembrou-se então do padre Bernardo, um velhote que vivia perto. Esse disse logo que sim.

— Deixe-me você falar primeiro com o prelado, vou amanhã á cidade, e veremos então.

Dias depois estava tudo resolvido, e o padre Bernardo combinava com o camponez o que havia a fazer para extrahir o *porco sujo* das entranhas da filha.

A Luiza quando lhe falaram em exorcismos desatou a rir, a rir, que a deixassem na santa paz do Senhor!...

*

* *

Era por um dia de nevada.

Na vespera, como a Luizita estivesse mais socegada, o padre Bernardo conseguira confessal-a; não lhe déra a communhão com mêdo de alguma irreverencia.

Tudo estava preparado para a operação melindrosa de extrahir o demonio do delicado corpo da rapariga.

N'uma capella, isolada do povoado, é que se ia dar a estranha scena.

Junto dos degraus do altar, a um lado, estava sentada no pavimento a possessa, n'uma abstracção grande, parecendo pairar-lhe o pensamento longe d'alli, em dôce phantasia, vagamente. Perto d'ella, a mãe, a senhora Euphrasia e varias outras visinhas. Ao fundo, proximo da porta principal via-se o pae da Luiza e o marido da Euphrasia, muito embrulhados nos seus capotes de burel. Pelas janellas grandes da capella entrava a luz alvacenta, e a nêsga de ceu, que se avistava, tinha uma côr uniforme, d'um branco sujo. Continuava de cahir a neve; o frio era agudo, penetrante,

no desconforto do templo. Reinava profundo silencio, só de quando em quando a senhora Euphrasia tinha uns suspiros arrastados, que echoavam na abobada alta. O pae da Luiza deitava do fundo do templo um olhar muito triste á filha, que continuava n'uma vaga melancholia.

Abriu-se a porta da capella com estrondo e entrou o padre Bernardo, de cróça e sóccos, um grande guarda-chuva na mão.

— Apre, que está frio de véras, safa. Então? a pequena já ahi está?.

— Acolá, senhor padre Bernardo, disse o camponez apontando a filha.

— Pois... vamos a isso, mas fechem para lá a porta, hein?...

— Então isto vae á porta fechada? indagou o marido da Euphrasia.

— Assim é que deve ser, sim senhor. Vá, fechem, fechem lá isso, que está frio *com'a burro.*

E o padre encaminhou-se para a sacristia.

Pouco depois voltava, de sobrepelliz agora, estóla roxa, um livro na mão, e o sacristão ao lado com a caldeirinha da agua benta.

A Luiza olhava curiosa para aquillo tudo.

Caminhou para o altar-mór o padre, ajoelhou se nos degraus, e esteve algum tempo, recolhido em oração, implorando o divino auxilio; depois dirigiu-se para a endemoninhada. Lançou-lhe então a ponta da estola sobre o pescôço, collocou se de frente á Luiza, fez sobre ella o signal da cruz, persignou-se, abençoou os circumstantes, e espargiu tudo com agua benta. Em seguida ajoelhou-se e, em toada monotona, começou a interminavel ladainha de todos os santos, a que respondiam os circumstantes em côro, menos a Luiza, que bocejava aborrecida, prevendo uma estopada de rezas.

Terminada a extensa ladainha, o padre seguiu n'umas outras rezas ainda.

A Luizita parecia não o sentir, não ouvir a musica monotona do seu latim, até que o padre, de pé, n'uma voz mais forte, n'uma convicção intima, investia então de vez com o demo, intimando o a que lhe dissesse quem era, como se chamava, e lhe obedecesse: *Præcipio tibi, quicumque es, spiritus immunde!...* etc., etc. E lia em seguida o evangelho do dia.

A Luiza na mesma, o mesmo sorriso, a mesma abstracção vaga, indifferente.

Então o padre Bernardo persignou-se de novo; fez uma cruz na fronte da endemoninhada, e todos attentamente fixavam a Luiza; depois, o padre fez-lhe outra cruz na bocca; mas, ao passar com o dedo polegar junto da boquita breve da rapariga, esta, de velhaca, mordeu-o.

— Arre diabo!... gritou o padre, e instinctivamente, assentou uma bofetada na pequena, a qual, acordando do seu indifferentismo, desatou a barafustar indignada, n'uns esgares, n'uma crise medonha.

— Segurem-na, segurem-na!... gritava o padre. E a rapariga a esbracejar, n'uma descompostura escandalosa de vestes, dando que fazer ás mulheres que a seguravam.

Então o padre Bernardo pediu o auxilio dos dois homens e recommendou:

— Vocemecês, cada um de seu lado, agarrem-lhe nos pulsos, hein?... bem segura, e se isso não bastar, amarra-se, olé!...

O pae da Luizita dizia-lhe carinhosamente:

— Socega, filha, socega.

A Euphrasia murmurava baixinho á visinha:

— E ha de vêr, foi quando lhe fez a cruz na bocca que lhe deu a *onda!...* Sume-te, *porco sujo!...* sume-te!... repetia fazendo figas, e olhando de lado a Luizita, convicta na sua indignação de que o espirito immundo a ouvia atravéz do seio palpitante da gentil rapariga, o qual arfava em ondulações de vaga suave.

— Silencio!... ordenou o padre. E seguia incansavel na proseguição das suas interminaveis rezas, voltando a persignar a possêssa na fronte, na bocca, e no peito.

Ella serenára de novo, e nos seus labios, como o murmurio d'uma prece, pairava o nome querido do seu Manuel, pronunciado baixinho, docemente, como o ciciar d'aragem branda por tarde calma de verão.

O padre seguia no seu latim, com muitos signaes da cruz de permeio. Pôz de novo a ponta da estola sobre o pescôço da rapariga, collocou a mão direita sobre a cabeça d'ella e, n'uma grande unção religiosa, continuava com as orações do ritual.

Chegava o momento decisivo, a hora suprema em que elle ia emfim expulsar d'aquelle corpo virginal, delicado, de linhas puras, o nojento, o immundo ente, e envial-o com a sua auctoridade de sacerdote para as profundas e negras cavernas do inferno, para as sombras caliginosas, onde apenas scintilla a luz azulada e sulfurosa do mar de chammas, do mar das agonias eternas!... Mostrava ao demonio a cruz do Redemptor:

— *Ecce crucem Domini, fúgite partes adversæ*...

E com voz de trovão, invocando o nome de Deus, clamava emfim:

— *Exorciso te, immundissime spiritus, omnis incúrsio adversarii, omne phantasma, omnis legio*... etc., etc.

No rosto de todos pairava um pavor intimo, a sensação de quem presente um caso sobrenatural, que não comprehende.

— Deixem-me, deixem-me em paz, dizia a Luiza.

— Segurem-na, segurem-na, ordenava cautelosamente o padre; e n'ella, ao sentir-se presa, havia de novo uma revolta, desesperada para tudo aquillo.

O padre... mais latim, mais cruzes, mais exorcismos; e uma crise novamente se apresentava; a Luizita voltava aos seus esgares medonhos, barafustando, com

visagens horriveis, que punham gritos no mulherío, o qual, espavorido, recuára, batendo nos peitos, implorando o divino auxilio!...

E o padre Bernardo, dominante, triumphante agora, trovejava n'um crescendo tremendo, iracundo, o seu latim!...

A Luiza, cançada da lucta, maçada de rezas, cahira pouco a pouco n'uma prostração grande. O padre lia psalmos sobre psalmos, oração sobre oração n'uma lucta firme; ella abria a bocca, aborrecida, quasi dormitava ao som monotono das rezas do padre.

Então o sacerdote deu o caso por concluido; no dizer d'elle aquella serenidade, aquella tranquillidade era a prova incontestavel; estava feito e milagre, e, reverente, orava ainda pela ultima vez:

— *Oramus te, Deus omnipotens*...

*

* *

Se o pae da Luiza chegou a ter esperanças de que a filha melhorasse depois dos exorcismos, perdeu-as de todo, quando a viu continuar na mesma tristeza, no mesmo desanimo.

Resolveu-se a chamar o medico. Este veiu; examinou a rapariga e concluiu que não tinha doença alguma; para o fastio receitou uns amargos e recommendou tambem mudança d'ares.

A mãe da Luiza, a sós com o marido, tentou então leval-o a bom caminho.

— Olha, principiou ella, isto da pequena só tem uma cura...

E, como o outro se calasse, ella atreveu-se a continuar:

— Tu sabes... a rapariga quer-lhe muito, e elle...

— Não me fales em tal, mulher!... não me fales em tal!...

— Valha-me nossa Senhora! murmurava ella, valha-me nossa Senhora!...

— Se ella não tem o diabo no corpo, e faz aquillo tudo por impostura, então deixa-a commigo!... Vou-me a ella que a desanco!...

— Tu has de vir a ser a desgraça da nossa filha, verás,... dizia ella entre lagrimas. Olha que a pequena não é nenhuma santa, entendes?

O outro, não respondia palavra, sahia porta fóra; mas, no seu intimo, comprehendia que a mulher tinha razão. A pequena não era nenhuma santa...

A coisa tinha de ser.

*

* *

Dias depois, o milagre, que não conseguira o padre Bernardo, realisava-o a mãe da Luiza: o casmurro marido cedia por fim!...

Para a gentil Luizita a luz deslumbrante d'uma dôce esperança lhe sorria, e uma paz serena lhe era agora a vida.

O casamento ficára aprazádo para as futuras colheitas; ainda havia que esperar; mas ella resignava-se de bôa vontade, o coração todo enfeitiçado d'uma viva fé na sua ridente ventura!... Seriam emfim felizes, ella e o seu Manuel.

Esboço do natural

A meu filho.

ANDAVA em visita o prelado, percorrêra já o bispado quasi todo. Havia dois dias que chegára á aldeia, ao terceiro elle ministrára o santo sacramento da chrisma. Corrêra muita gente das cercanias, e o venerando prelado, quando na residencia se sentára á larga mesa do abbade, sentia-se devéras fatigado.

O abbade convidára sacerdotes das suas relações para abrilhantarem a festa assistindo á cerimonia da imposição da chrisma, e n'esse dia havia jantar lauto na residencia.

O santo prelado era um gastronomo entendedor, delicado, apreciando finamente os pratos succulentos que a velha cosinheira do abbade trabalhava com tanto esmero.

Comêra bem, fazendo lembrar aquelles frades Bernardos, (de tão tradicional memoria em casos pantagruelicos,) devotos fervorosos de Vatel.

O padre Motta, um dos commensaes, pregador de fama, extasiava-se ao vêr como elle comia, e dizia n'uma convicção intima para o visinho:

— Sua excellencia reverendissima é modêlo digno de admirar-se, se no pulpito deslumbra com jorros da sua eloquencia, olhe que á mêsa é um colôsso!... Sim senhor, não tem fastio, dá-se bem com as aguas d'estes sitios, e com a cosinha do nosso abbade; é certo que a cosinheira sabe da póda, isso é verdade.

O visinho concordava.

O abbade, um tanto magro (de carnes enxutas, como dizia o padre Motta), bastante amaneirado, sempre muito direito, muito cortez, de falinhas mansas, era todo attenções, todo cuidados para com o reverendo bispo. A' mêsa, elle, ao lado do prelado, desfazia-se em louvores para com sua excellencia reverendissima, e, com vozes dôces, em surdina, (sua maneira habitual), dizia-lhe agora que a homilia tinha sido um primôr.

— Que a aletria tem bolôr?... perguntava o prelado, um tanto duro d'ouvido.

— Não, meu senhor, (corrigia o abbade, sempre sorridente): que vossa excellencia reverendissima foi admiravel na prédica, não é assim, padre Motta?

— Quem o duvída, abbade, quem o duvída!...

E o reverendo bispo tinha na face nédia, rechonchuda, um sorriso d'agradecimento, e dignava-se levar aos labios grossos um calix de velho Madeira, d'uma bella côr de topazio, precioso liquido que saboreava a pequenos góles, docemente.

*

* *

O café fôra servido n'uma larga varanda nas trazeiras da casa, que deitava para o quintalêjo, e o antigo passal, que ainda se via junto.

O dia estivera quente, um dia de maio, já abafador. Dizia o padre Motta que, se a coisa continuava n'aquelle andar, levava o diabo os favaes!...

O sol sumira-se de todo n'um poente em labarêda, muito afogueado. Pelo valle fóra, lá mais para baixo, os rouxinoes, aos mil, cantavam maviosamente. Havia no ambiente uma temperatura morna, que a brisa da tarde entrava a refrescar aromatisada dos perfumes vagos.

Os commensaes do abbade, sentados em cadeiras de vêrga, commodamente, acabavam de saborear o delicioso Moka. Um grande bem estar os tomava: o sorrir das coisas da vida, beatificamente.

O reverendo prelado cruzara as mãos, alvas, bem cuidadas, sobre o ventre bastante desenvolvido, e distrahidamente olhava ao largo a paizagem que tomava uns tons rosados, levemente.

Por cima da cadeira do padre Motta, no seu poleiro, um bello papagaio, de plumagem garrida, parolava, n'uma algaravía grande, á mistura com um esfusiar de assobios estridulos.

O abbade, sempre junto do prelado, sorria docemente, na contemplação extatica do principe da Egrêja.

Descahira pouco a pouco a conversação, um grande silencio se fazia, e uma lassidão enervante os dominava a todos. O bispo, n'uma quietação satisfeita, continuava a espraiar a vista pelo delicioso panorama, tão banhado d'uma suavidade de luz. Os outros padres, silenciosos tambem, respeitavam aquelle beatifico recolhimento do prelado.

No poleiro, o papagaio esfusiava de quando em quando os taes gritos estridulos, muito desentoados.

Um entorpecimento, conjunctamente com um delicioso bem estar, continuava a invadir aquelles organismos satisfeitos.

A digestão, uma digestão de coisas bôas, entrava de actuar, de produzir na *besta* os seus effeitos; e o

prelado, sempre em frente da deliciosa paizagem, n'uma abstracção vaga.

A distancia, para os lados da serra, ouvia-se o chiar monotono, arrastado, d'um carro de bois, descendo lentamente a ladeira. No valle viçoso, o grande orpheon de rouxinoes desenvolvia as suas dôces melodias, constantemente, em variações interminaveis.

*

* *

Então, começou de sentir-se um sussurro leve, com intermitencias, seguido d'um sôpro tenue, como um bafêjo; e o sussurro voltava de novo, automaticamente.

O abbade empallideceu.

Olhou sorridente o prelado, que parecia entregue á mesma vaga abstracção, immovel; cruzára apenas agora uma perna sobre a outra, repoltreando-se mais commodamente na cadeira.

O abbade olhou de lado; o sussurro automatico continuava sempre, n'uma progressão. Na sua cadeira o padre Motta adormecêra, e resonava docemente. Um somno o tomára, ateado pelo trabalho pesado da digestão do jantar lauto. Os outros padres, na companhia do secretario do prelado, tinham sahido para uma sala a fumar um cigarro.

O abbade, indeciso, continuava a empallidecer, e o padre a resonar, n'um crescendo assustador.

Era soberbo!... d'uma expressão de suavidade, de tranquillidade paradisiaca!... Bastante gordo, moreno, a papeira da barba em duas dobras sobrepostas, a face descahindo a um lado, a grande calva luzidia encostada á cadeira, as mãos, de costas e pulsos cabelludos, enclavinhadas uma na outra, sobre o ventre, as pernas abertas, cada uma para seu lado, em abandono.

O crescendo do resonar do padre subia sempre, com

as mesmas intermittencias regulares, automaticas, seguido do bafêjo leve, como quem sópra uma luz.

O abbade movia-se na cadeira, torturado pelo caso imprevisto. O que valia é que o bispo não ouvia bem; mas, se o padre Motta continuava, era impossivel que o reverendo não désse por isso. Olhava então de soslaio o bispo; este, sem desfitar a vista d'um ponto, lá muito ao longe, perguntava ao abbade:

— Que povoação é aquella que alvêja acolá?... e apontava em frente, para as bandas da serra.

— A Moita, meu senhor, um *povaréco* insignificante.

— O quê?... indagava o bispo.

— A Moita, confirmava mais alto o abbade.

O resonar do padre Motta entrava n'um periodo franco, certo, cadenciado, com uns longes de arcada rude de rabecão.

— Que irreverencia!... pensava comsigo o abbade.

E o papagaio, mesmo por cima, a esfusiar uns gritos infernaes, mas qual?... o padre estava lançado, não havia nada que o desviasse da linha. O resonar assumira proporções medonhas!... Tomava agora como que uns tons provocantes, eu sei!... de urro de féra!

O abbade passava por torturas diabolicas! Deante d'um principe da Egrêja, uma coisa d'estas!... Na sua propria casa!...

E o bispo já dera pelo caso, pois que, sem se voltar, sempre na mesma postura magestatica, elle tinha agora um sorriso levemente zombeteiro na face nédia.

E o padre Motta, muito á vontade, resonando sempre, em liberdade, a toda a força. A' porta assomára já uma ou outra cabeça curiosa, attrahidos pela sonoridade do resonar do sacerdote. E elle, n'aquelle abandono de si mesmo, n'aquelle bem estar inconsciente, era deveras um bemaventurado, refocilando-se á farta nas delicias da sesta.

Mas esta situação tornava-se insustentavel. O abbade parecia-lhe descobrir agora na reverenda face do

prelado um carregar de sobrôlho reprovativo. Nada, elle decidia-se. Mas, quando o abbade, timidamente, se dispunha a consultar o bispo sobre se o deveria accordar, uma coincidencia salvadôra se produzia:

No alto do poleiro o papagaio, inquieto, andava d'um para outro lado, n'uma furia de mexer em tudo, e, tanta volta deu ao bebedouro, que conseguiu desloca-l-o do seu logar, indo este desastradamente cahir sobre a calva polida do padre Motta, que despertava emfim todo assarapantado.

Sua excellencia reverendissima rompia n'uma gargalhada sonora e franca, ao ver a atrapalhação do padre, e o seraphico e melifluo abbade, em frente da hilaridade do seu prelado, ria tambem agora abertamente, pois que o principe da Egrêja se dignára rir.

Mundana

A Henrique Jayme de Sousa Santos.

No *boudoir* da Lóla ha uma luz dôce, coada atravez do rendilhado caprichoso das cortinas, setim rosa pallido, das janellas.

Ao centro, sobre uma jardineira, coberta de velludo carmezim, vê-se um precioso vaso chinez, onde um mandarim, recamado de oiro e côres brilhantes, de joelhos, suspira amor a uma pudica chineza, que volta para o lado modestamente a face, côr do marfim antigo, como que vexada, ou suavemente contrafeita ao calor das phrases ardentes do amante. D'esse vaso, d'um valor grande, sae um ramo de gardenias; são puras e nevadas como as virgens castas, teem um tom de velludo, macio e brando, e espalham no ambiente o seu aroma subtil, distincto e fino, que embriaga, que estonteia.

A um canto, sobre uma *chaise-longue* de velludo

escuro, reclina-se suavemente, preguiçosa e languida, a formosissima mundana. Tem vestida uma bata branca, orlada de rendas finas, espumantes. Extendida sobre a *chaise-longue*, em abandono, deixa ver uma parte da perna, de tornozello fino, e do delgado pé *cambré* está quasi a cahir uma chinelita de setim, bordada a perolas.

O tom escuro da meia de seda, destaca fortemente na alvura viva da bata. Sobre um dos braços, nú, arqueado, ella descansa a cabeça, cujos cabellos ondeantes, como nuvem negra, emmolduram o oval perfeito d'aquelle rosto de belleza estranha. O outro braço pende ao longo d'esse corpo, de linhas deliciosamente sensuaes; na fina mão aristocrata, onde faiscam intermitencias de luz d'um bello solitario, conserva semi-cerrado um livro, de encadernação luxuosa, a *Mélinite* de Belot.

Toda ella está entregue a um dôce sonhar, e os seus olhos, d'um azul desmaiado, como o do ceu puro das madrugadas perfumadas e bôas, parecem errar vagamente, quem sabe se avistando longe o paiz encantado das phantasias doiradas, se vendo accentuar traço a traço a recordação d'um passado querido.

*

*　　*

O som d'uns passos miuditos, abafados pelo tapête fôfo, vem despertal-a abruptamente e fazel-a voltar á realidade crua das coisas. Era a creada, uma morenita de olhar esperto, ladino.

— Senhora, é o senhor...

— Qual?

— O snr. conselheiro.

— Que entre, disse ella no meio d'um bocêjo.

Sentiram-se pouco depois uns passos pesados: a Lóla não se mexeu, e, compondo o seu melhor sorri-

so, disse descançadamente, apertando a mão cepuda do conselheiro:

— Julguei que não vinha hoje, meu amigo.

Toda a face repolhuda do conselheiro illuminou-se d'um sorriso feliz; a terceira dobra da barba accentuou se mais, e respondeu apressado:

— Não pude, não pude, por mais que fiz não me foi possivel; os negocios... os negocios... sempre...

— Os negocios!... terminou a Lóla bocejando. E... correm então muito bem os taes negocios?...

— Muito mal, minha querida; a crise... esta tremenda crise, é muito mais séria, muito mais...

— Importante do que se imagina, continuou ainda a Lóla, já um dia d'estes me disse o mesmo, bem sei; mas creio que eu nada tenho com essas coisas, e que não veiu a minha casa para falar da monstruosa, da terrivel crise. Vamos.

— Másita!...

E o conselheiro ficava-se extatico na contemplação d'aquelle pequenino ser, tão perfeito de fórmas, tão seductor, caprichoso e exigente, que lhe custava tão bom dinheiro, mas que o fascinava, o dominava inteiramente, que lhe inebriava docemente os sentidos em fremitos de gozo.

Ella, no seu intimo, detestava cordealmente toda aquella obesidade viscosa do conselheiro, mas afivelava na face linda a expressão sentida d'um amor intenso, e, olhando-o ternamente, dizia-lhe n'uma adoração:

— Tu bem sabes que te quero muito, meu Lulu, mas enfada-me sempre extraordinariamente toda essa complicada questão dos negocios; que tenho eu com isso? que sei eu d'essas coisas?... Fala-me d'amor, do nosso amor!...

E attrahia-o a si brandamente, envolvendo-o nos braços setinosos. O conselheiro arqueava n'um sorriso os labios carnudos e humidos, os olhos pequeninos desappareciam quasi por detraz das maçãs do rosto,

muito rubicundas, e accendiam-se em desejos lubricos quentes do voluptuoso philtro que dimanava do fascinador, do embriagante olhar de Lola.

Ella era então doce e meiga, tinha caricias mil, phrases apaixonadas, olhares d'uma volupia que o arrebatava a extasis divinos, o transportava a um paraiso deleitoso; o bom do conselheiro sentia prazeres incomparaveis, que o faziam esquecer de tudo, d'este misero valle de lagrimas e das suas amarguras.

*

* *

Tornava agora de novo a Lola a ficar inteiramente só no perfumado *boudoir*.

Ella deitára um olhar de satisfação para as costas espadaudas do conselheiro, quando elle desapparecia emfim por entre o reposteiro pesado.

Só, inteiramente só!... E uma sombra de repulsão, um estremecimento nervoso, de nôjo, passava ainda em toda ella, ao recordar-se dos affagos molles d'aquelle ente gordo e repellente que odiava, e era forçada a fingir que o amava, que o adorava loucamente!...

Tomava-a uma nuvem de tristeza immensa, fechava os deliciosos olhos scismadores, e reclinava-se de novo na *chaise-longue*.

No seu pensamento esfumava-se então tumultuosamente todo o passado:

Era o collegio, e as freiras, de olhar suave que lhe diziam coisas boas; depois, a avósita, de cabellos de prata, o quintal, a enorme pereira e em volta do tronco rugoso o banco circular de madeira, onde se sentava nas tardes quentes do estio a ouvir chilrear as avesitas mansas. Em frente, a casa do toureiro, o seu primeiro amor, as veigas ridentes da sua Andaluzia, o aroma voluptuoso da flôr das laranjeiras, que cobria o chão d'uma neve perfumada.

Mais tarde, a primeira falta, a casita branca, um ninho d'amores, perdida entre bosques, á meia encosta da serra, espreitando entre as rendas da folhagem a curva do rio, que se espreguiçava em baixo, e a fita branca da estrada poeirenta, que seguia ao lado.

E tudo passára.

Não voltariam mais horas descuidadas, nem sonhos encantadores. A miragem linda esvahira se, nunca mais, nunca mais!...

Hoje, ella vendia a pedaços d'oiro os encantos do seu corpo divino; ámanhã, o terrivel ámanhã, surgia, na sua frente, tremendo, hediondo!... as rugas que sulcavam as faces de rosa, os cabellos polvilhados de branco, o horror da velhice, fugirem d'ella então, como de coiza nojenta e má. Por fim, mais tarde, quem sabe?... a miseria, tortura cruel, a enxerga dura d'um hospital!...

E nas suas faces deslisavam serenamente duas lagrimas, como perolas finas. Pela janella entrava a luz tenue do crepusculo, que banhava suavemente o ramo das mimosissimas gardenias, puras e nevadas, como as virgens castas. A Lola enxugou com o lenço de rendas caras as duas lagrimss crystallinas, levantou-se, e, acercando-se do ramo das gardenias, fixou as lentamente, aspirando-lhes o perfume subtil. Então, a deliciosa mundana, ao contemplar a candura immaculada das delicadas flôres, disse com uma tristeza infinda:

— Como vós, eu fui candida e pura, como vós, eu tive o perfume subtil d'uma alma ingenua e bôa, hoje arrasto a grilheta d'esta torpeza vil, e nos meus labios eu levo sempre sellado o sorriso feliz de gozos incomparaveis, de delicias sem fim!...

E embriagando-se ainda novamente com o suavissimo aroma, suspirou:

— Oh!... minhas queridas flôres! perfume, candura... nunca mais!... nunca mais!...

16 FIM

INDICE